

Instituto Superior de Contabilidade e Administração
do
Instituto Politécnico do Porto

**Mestrado em Tradução e Interpretação
Especializadas**

A PLURIDISCURSIVIDADE DO TEXTO
Análise da tradução de três contos do livro
“Lehrer, die wir hatten”
de Ernst Heimeran

Dissertação apresentada por:

Sandra Paula da Costa Santos Pereira

para obtenção do grau de Mestre

Orientador(a): **Mestre Maria Helena Guimarães**

2007/2008

À minha Família.

Agradecimentos

a meus Pais, Maria Celeste Santos e Alexandre Santos, pelo apoio incondicional,

a meu filho, Rui Alexandre Santos Pereira e a meu marido, Rui Alberto Silva Pereira, pela compreensão e pela ajuda que me deram durante estes últimos anos,

À minha orientadora, Mestre Maria Helena Guimarães, pelos conselhos e pelo incentivo que me prestou,

A todos os meus professores do ISCAP, pelos ensinamentos recebidos ao longo dos anos.

A todos, muito obrigada!

ÍNDICE

1. Introdução	6
1.1 Motivações: contextos pessoais e académicos	6
1.2 Corpus de análise	7
1.3 Objectivos gerais.....	8
2. Opções teórico-metodológicas	10
2.1 Breve recensão da bibliografia	11
2.1.1 Estudos da Tradução	11
2.1.2 Estudos Culturais	12
3. Análise da pluridiscursividade do texto de partida: problemas e soluções tradutivas.....	16
3.1 Análise de factores externos	17
3.2 Análise de factores internos	24
3.3 A pluridiscursividade do texto.....	37
3.3.1 O autor enquanto “ideólogo”.....	38
3.3.2 As personagens enquanto actores sociais	46
3.3.3 O contexto socio-político	51
4. Conclusão	56
5. Bibliografia	58
6. Anexos:.....	60
6.1 Texto de partida e texto de chegada	60
6.2 Correspondência com o “Deutsches Literaturarchiv Marbach”	98
6.2.1 Transcrição da correspondência.....	98
6.2.2 Material recebido do “Deutsches Literaturarchiv Marbach”	103

O Trabalho de tradução é o procedimento que nos resta para dar sentido ao mundo depois de ele ter perdido o sentido e a direcção automáticas que a modernidade ocidental pretendeu conferir-lhes ao planificar a história, a sociedade e a natureza.

Boaventura de Sousa Santos

1. Introdução

A tradução é um facto eminentemente cultural. Ela constitui uma necessidade decorrente do encontro de culturas. Por isso mesmo, e conforme irei tentar mostrar ao longo deste meu trabalho, qualquer exercício tradutivo coloca o agente tradutor em confronto não só com um texto, escrito numa língua que não é a sua, mas com um sem-número de outros elementos extralinguísticos que determinam as suas escolhas tradutivas.

Nesta breve introdução, tentarei expor de uma forma o mais clara possível, tanto as motivações, isto é, os contextos pessoais, que determinaram tanto a escolha do objecto da minha investigação, como a selecção do *corpus* de análise, e os objectivos pretendidos com este trabalho.

1.1 Motivações: contextos pessoais e académicos

Julho de 1982: uma nova etapa da minha vida estava prestes a começar. Após 15 anos de vida na Alemanha, iria, definitivamente, regressar a Portugal.

No último dia de aulas na *Realschule* de Ückendorf – Gelsenkirchen, o meu professor de turma, Sr. Peter Sladek, ofereceu-me um livro, com dedicatória, que, posso dizê-lo, em muito influenciou a minha mundividência. Tratava-se do livro de Ernst Heimeran, *Lehrer, die wir hatten*, cuja leitura emprestou novo significado às recordações que fui guardando dos professores que fui tendo ao longo da minha vida académica.

Em 2006, ao terminar a Licenciatura Bi-etápica em Tradução e Interpretação Especializadas optei por realizar o meu trabalho de fim de curso na área da Tradução Literária. Tornava-se urgente a escolha de uma obra, preferentemente ainda não traduzida para português. A minha opção recaiu de imediato sobre a obra de Ernst Heimeran, pois, para além de ser um texto interessante e humorístico, nunca fora traduzido para Português.

Em 2008, quando tive de escolher um tema de dissertação, achei que face aos novos passos dados na área dos Estudos de Tradução, seria interessante olhar de novo para o trabalho então realizado, desta vez para tentar sistematizar as dificuldades tradutivas que encontrara, de modo a concluir sobre alguns dos problemas que a tradução, em particular a literária, coloca a qualquer tradutor.

Nomeadamente, pretende-se pôr em relevo os problemas resultantes das marcas culturais específicas do texto e cultura de partida, que levam, aliás, o editor da obra a afirmar que os livros de Heimeran “sich des Humors in allen seinen Spielarten, häuslich-familiärer und kulturgeschichtlicher Themen annahmen”.

1.2 Corpus de análise

O *corpus* de análise é constituído, como se depreende do que já foi dito *supra*, pela minha tradução de três contos do livro *Lehrer, die wir hatten*, de Ernst Heimeran: “Der erste Lehrer”, “Der Freund” e “Burger”. Na altura em que a tradução foi realizada, o que norteou a escolha específica destes contos foi o facto de eles corresponderem a três fases diferentes de escolaridade, o que tem implicações a nível da representação do sistema de ensino alemão da época, como veremos mais adiante.

Considerando que uma tradução é sempre um contributo crítico para a compreensão da obra traduzida (cf. Eco, 2005: 256), as opções que qualquer tradutor toma a certos níveis do texto irão influenciar, em certa medida, a leitura que dele irá ser feita pelo receptor do texto de chegada. Ora muitas dessas opções evidenciam o facto de a tradução não poder ser vista nem praticada numa perspectiva estritamente linguística. Se assim o fizermos, estamos seguramente a esquecer-nos da subjectividade do tradutor e da natureza do acto tradutivo, aspectos importantes quando olhamos para a tradução como “osmose” cultural.

1.3 Objectivos gerais

Este trabalho tem por objectivo primeiro pôr em evidência a importância dos factores extralinguísticos no processo tradutivo.

Como factores extralinguísticos são aqui considerados os factores que extravasam a esfera do texto em si, nomeadamente informação sobre o autor e a sua obra, elementos de referência intertextual e intratextual, dados de ordem espaço-temporais vistos à luz de uma hermenêutica social e política, em suma, todos aqueles elementos inerentes ao acto tradutivo que exigem uma abordagem interdisciplinar.

Concordo com Emily Apter, quando esta afirma, em *The Translation Zone*, que “the urgent political need for skilled translators became abundantly clear in the tragic wake of 9/11” (2006: 3), na medida em que, de facto, as instituições responsáveis pela segurança nacional dos EUA mostraram não dispor de tradutores capazes de descodificar documentos interceptados. Essa incapacidade, contudo, não foi meramente linguística, ela foi, em minha opinião, muito mais do âmbito sociocultural. Mesmo que traduzidos, e muitos documentos foram na altura interceptados e traduzidos, os seus tradutores terão provavelmente falhado em termos culturais. Com isto quero dizer que eles terão falhado a nível da tradução de elementos extralinguísticos.

Em particular, acho importante o conceito de “translation zone”, enquanto “a broad intellectual topography that is [...] a zone of critical engagement that connects the ‘l’ and the ‘n’ of transLation and transNation” (Ibid.: 5), que definiria “the epistemological interstices of politics, poetics, logic, cybernetics, genetics, media and environment” (Ibid.: 6), isto é, todo o movimento do sujeito/(inter)texto no mundo é, em minha opinião, uma oportunidade de enriquecimento, em termos identitários e culturais. E só o aprofundamento do trabalho de tradução permite, como escreve Boaventura de Sousa Santos, “ir trazendo para a zona de contacto os aspectos que cada saber ou cada prática consideram mais centrais ou relevantes” (2006: 121).

Boaventura de Sousa Santos sublinha o papel decisivo da tradução para a definição, em cada momento e contexto histórico, das “constelações de práticas com maior potencial contra-hegemónico” (Ibid.: 118), ao afirmar que “o trabalho de tradução é complementar da sociologia das ausências e da sociologia das emergências” (Ibid.: 119), já que ele visa, exactamente, “criar inteligibilidade, coerência e articulação num mundo enriquecido por uma tal multiplicidade e diversidade” (Ibid.). É, pois, inegável, a meu ver, que a tradução é, como afirma este autor, simultaneamente, “um trabalho intelectual e um trabalho político” (Ibid.).

Parafrazeando Fernando Pessoa, acredito que *a nossa língua é a nossa pátria*, já que é, sobretudo, através dela que as culturas se manifestam e comunicam entre si, nas zonas de contacto intercultural.

Como defendem alguns teóricos dos Estudos de Tradução “a good translation [...] makes possible the afterlife of the original by jumping the line between the death of the source language and its futural transference to a target” (Apter, 2005: 4). Um tal ponto de vista, levar-nos-ia, facilmente, a acreditar que a tradução seria um bom meio de disseminação e preservação da herança cultural, ao mesmo tempo que funcionaria como agente de extinção de uma língua, nomeadamente, se esta última fora uma língua minoritária. Discordo de um tal entendimento da actividade tradutiva. Acredito, sim, que uma língua, manifestação primordial de uma cultura, pode e deve evoluir através de novas criações culturais, fruto do contacto intercultural. Daí a responsabilidade acrescida do tradutor que deveria, talvez, lembrar-se do “ódio” pessoano contra “a página mal escrita, como pessoa própria” (1982: 17), entendendo essa “página mal escrita” como obstáculo à conciliação entre identidade e alteridade num mundo em constante mutação.

Em termos tradutivos, “a página bem escrita” seria aquela que na medida do possível dissesse *quase a mesma coisa* que o original, sem descurar os factores extralinguísticos e, assim, pudesse constituir uma proposta de novas e outras formas de interpretar e habitar a realidade. Este trabalho tem, assim, por objectivo evidenciar a importância deste facto.

2. Opções teórico-metodológicas

De modo a atingir os objectivos enunciados, procedo, neste trabalho, a uma análise contrastiva do texto de partida e de chegada, com recurso à teoria funcionalista de Christiane Nord, desenvolvida na sua obra *Text Analysis in Translation*, tendo, simultaneamente, em linha de conta a pluridiscursividade socio-ideológica do texto, decorrente da sua dialogicidade, isto é, o texto é também lido/interpretado enquanto produto de um determinado contexto histórico, político e socio-económico.

Partindo do pressuposto de que a tradução é, eminentemente, uma “translation zone”, uma zona de fronteira, procederei a uma sistematização, o mais exaustiva possível, das dificuldades tradutivas resultantes das marcas culturais específicas do texto de partida – extra- e intralinguísticas – bem como, da forma encontrada para as tornar acessíveis ao leitor de chegada, possibilitando-lhe a representação intelectual de determinados agentes e práticas sociais.

Tanto os Estudos de Tradução como os Estudos Culturais se caracterizam pelo seu carácter transdisciplinar e transversal. Ambos recorrem amiúde aos mesmos métodos descritivos de análise e interpretação.

A emergência de preocupações culturais em todos os campos tem provocado mudanças substanciais na forma como os fenómenos do mundo da nossa experiência são abordados.

Assim, no tocante à tradução, um dos aspectos mais importantes é o da planificação, tanto do acto tradutivo como do acto interpretativo de um qualquer texto, pois tal afecta necessariamente o modo como se lida com os actos de tradução e o tipo de descrições e explicações que se fazem.

Em termos sócio-culturais, a tradução de textos *inseridos* numa comunidade podem, creio, vir a desempenhar, um papel relevante na evolução quer de culturas particulares, quer na hibridação entre culturas. Ao falarmos, aqui, de cultura utilizamos este termo, enquanto entendido como um repertório

estruturado de opções que organizam a interacção social, isto é, como um somatório de formas, segundo as quais os indivíduos, numa dada cultura, fazem uso de opções pré-existentes/modelos, em função do seu campo cultural particular e da sua posição no seio da sociedade.

Os processos de globalização levaram a que, nas últimas décadas, as abordagens das humanidades e das ciências sociais convergissem no domínio transdisciplinar dos Estudos Culturais para pensar a cultura como um fenómeno associado a reportórios de sentido ou de significado partilhados pelos membros de uma sociedade. A cultura tornou-se, assim, um conceito estratégico central para a definição de identidades e de alteridades.

2.1 Breve recensão da bibliografia

Para a concretização do presente trabalho, socorri-me de obras de carácter teórico, nomeadamente da área dos Estudos da Tradução e dos Estudos Culturais. Discrimino aqui as mais importantes.

2.1.1 Estudos da Tradução

- *Text Analysis in Translation* de Christiane Nord

Para a realização deste trabalho, foi importante recorrer aos designados “factores de análise do texto de partida”, desenvolvidos por Christiane Nord no terceiro capítulo da obra em apreço.

Christiane Nord distingue dois grupos de factores a ter em conta na análise do texto de partida: factores extratextuais, externos ao texto, e factores intratextuais, isto é, internos ao texto.

A interrelação entre os factores extratextuais e intratextuais é expressa por Nord através de um conjunto de “WH-questions” (cf. 2005: 41), que passo a citar:

<i>Who transmits</i>	<i>On what subject matter</i>
<i>to whom</i>	does s/he say
<i>what for</i>	<i>what</i>
<i>by which medium</i>	<i>(what not)</i>
<i>where</i>	<i>in what order</i>
<i>when</i>	<i>using which non-verbal elements</i>
<i>why</i>	<i>in which words</i>
	<i>in what kind of sentences</i>
a text	<i>in which tone</i>
<i>with what function?</i>	<i>to what effect?</i>

A maioria dos factores extratextuais é analisada antes de se proceder à leitura do texto, numa análise, normalmente, “top-down” (cf. *Ibid.*: 43): nome do autor, título, subtítulos, prefácio ou nota prévia, local e data da publicação, etc. Já os factores intratextuais são analisados questionando o próprio texto à medida que o vamos lendo: tema, construção do texto, elementos paralinguísticos, etc.

De uma boa análise dos factores externos dependerá, em grande parte, a eficácia da tradução enquanto facto cultural, sobretudo se tomarmos em consideração que as características intratextuais dependem em larga medida de factores situacionais, tais como origem geográfica do emissor e contexto espaço-temporal em que o texto foi produzido. Tratam-se de factores que marcam, muitas vezes, as opções lexicais e outras do produtor do texto.

2.1.2 Estudos Culturais

- *Raymond Williams* por Don Milligan

Raymond Williams é considerado, como se pode ler na Introdução por Simon During ao livro *Cultural Studies Reader*, um dos fundadores dos Estudos Culturais na Grã-Bretanha (cf. 2006: 1-28).

Desde os seus primórdios que os Estudos Culturais se caracterizaram pelo facto de não possuírem, como afirma Simon During, “a well-defined methodology nor clearly demarcated fields for investigation” (Ibid.: 1).

Don Milligan refere-se ao trabalho de Williams como uma tentativa de encontrar “means of identifying and evaluating literary and artistic works that could express particular historical processes and alternative ways of seeing existing social relationships” (2007: 6).

A análise crítica que Williams faz da obra literária vai no sentido de detectar nela “what [it] can tell us about prevailing attitudes” (Ibid.) na esfera social. Para Williams, o registo político das concepções sociais do autor era crucial para a análise de qualquer obra, isto é, para ele era muito importante o grau com que o autor de uma obra era capaz de representar a subjectividade inerente à relação entre cultura e indivíduo. Como afirma Don Milligan, “social solidarity, common sharing, useful work and the cultural achievements and potential of the working class constituted the scale against which Williams judged artworks” (Ibid.: 8), sendo que a identidade seria resultado de interesses e valores culturais específicos.

Em resultado da fragmentação da cultura dita proletária, dá-se uma viragem importante nos Estudos Culturais que passam a reflectir sobre a função política da própria cultura (cf. During, 2006: 4). Esta viragem foi e continua a ser bastante marcada pelas chamadas correntes neo-gramscianas. Como afirma During, “culture came to be regarded as a form of ‘hegemony’” (Ibid.).

A cultura é concebida não tanto como “an expression of local communal lives” (Ibid.), quanto como “an apparatus within a large system of domination” (Ibid.).

O conceito de representação subjectiva de valores e interesses sociais na obra literária, particularmente na narrativa, será aplicado, neste trabalho, na análise do texto de partida.

- *Bakhtin and cultural theory*, editado por Ken Hirshkop e David Shepherd

Passo a enunciar os conceitos bakhtinianos descritos nesta obra e que tentei aplicar no trabalho de análise do texto de partida:

- a) O dialogismo do enunciado: segundo Bakhtin, um emissor constrói um enunciado, tendo em mente o receptor e, portanto, contando com a sua compreensão. Todo o discurso põe, desta forma, em evidência o valor interactivo de todo o acto de comunicação. Em termos de leitura de uma obra, perspectivam-se, deste modo, redes de relação, sendo o texto um entrecruzar de vozes/discursos que nos reenviam quer para outros textos pré-existentes, quer para a produção de novos textos, que, no caso em análise, é o texto de chegada. O conceito de pluridiscursividade é inseparável do conceito de dialogismo. O conceito de dialogismo revela-se não só nos aspectos miméticos do texto, isto é, na relação entre texto e contexto sociocultural, mas também na sua intertextualidade, isto é, na sua relação com outros textos passados ou presentes;
- b) As personagens não são “just personalities but also *ideologues*, whose actions seem designed to test their speeches” (Hirschkop, 1989: 27). Todas as ideologias – religião, arte, direito, literatura, etc. – não passariam de sistemas de signos específicos, coincidindo o seu domínio com o da ideologia. A linguagem seria o mais universal dos sistemas de signos, sendo, por isso um instrumento comum à maioria das ideologias, de facto “forms and representations of discourse and language play crucial roles in the operations of hegemony” (Crowley, 1989: 83). Assim, para Bakhtin, o signo não é um fenómeno da consciência individual, interior e redutível às leis da psicologia. Ele é, pelo contrário, um facto social objectivo, exterior à consciência. É pela palavra que o indivíduo se constitui relativamente ao “outro” e à sociedade;
- c) Outro conceito importante, que decorre, aliás, dos anteriores é o conceito de polifonia, isto é, a presença de outros textos dentro

de um texto resultante da inserção do autor num contexto que já inclui previamente textos anteriores que o inspiram ou influenciam. A personagem funcionaria, assim, como um ser com uma mundivisão, com uma voz e com uma posição própria no mundo (cf. Pechey, 1989: 49-53), pelo que, num mesmo enunciado, estaríamos sempre perante um diálogo entre diferentes vozes;

- d) A heteroglossia, por seu turno, significa a diversidade social de tipos de linguagens, característica da linguagem em si “made up of a number of disjunct and perhaps opposed stylistic forms of speech” (Hirschkop, 1989: 5). A linguagem seria “not [...] an indifferent medium of social exchange but [...] a form of social exchange, susceptible to political and moral evaluation” (Ibid);
- e) Por fim, o cronótopo determinaria a unidade de uma obra literária na sua relação com a realidade, isto é “as dominantes espaço-temporais, as imposições de proveniência histórico-cultural e geocultural que se projectam sobre o texto narrativo” (Reis, 1998: 90). O cronótopo e a heteroglossia são, assim, “social and cultural achievements” (Hirschkop, 1989: 5).

Integro Bakhtin na bibliografia dos Estudos Culturais, devido à dimensão sociológica da sua obra. Ela permite entender a importância da linguagem na génese da hegemonia cultural, conceito desenvolvido por Gramsci e recuperado por algumas das novas correntes dentro dos Estudos Culturais (cf. During, 2006: 17-28).

3. Análise da pluridiscursividade do texto de partida: problemas e soluções tradutivas

Qualquer processo de tradução de um texto literário obriga a uma análise cuidada do texto de partida, que possibilite ao tradutor “situar-se” no tempo e no espaço em que a obra foi escrita, de modo a melhor poder reconstituir a atmosfera da época, isto é, a dimensão cronotópica da narrativa através das opções tradutivas que vai tomando já no acto de tradução do texto.

No caso da obra literária, esta não é uma tarefa fácil. Se tivermos em conta que o século XX se caracterizou pela destruição do passado, da memória histórica, essa tarefa torna-se ainda mais árdua. Segundo Eric Hobsbawm, “quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem”, o que dificulta a tarefa do tradutor que tenta recriar o mais rigorosamente possível os múltiplos aspectos históricos e sócio-culturais subjacentes à obra, ao estilo do autor e que determinam, muitas vezes, as opções linguísticas do tradutor. Eu própria, enquanto tradutora do texto em análise, senti essa dificuldade, quando tentei obter informação não só sobre o autor, mas também, por exemplo, sobre o sistema de ensino alemão da época em que a obra foi escrita, e quando, enfim, tentei uma primeira representação mental daquele tempo.

3.1 Análise de factores externos

Em termos práticos e organizativos, creio de grande utilidade a aplicação das “WH-questions” enunciadas por Christiane Nord. Assim, tentarei reconstituir o processo de análise dos vários factores, respondendo a essas questões e comentando a dimensão dialógica inerente às respostas encontradas.

Quem transmite? – O autor, que é, simultaneamente, o narrador: Ernst Heimeran.

É verdade que tinha lido a obra na minha juventude e que ela muito me marcou. Mas não me questioneei na altura sobre o autor/emissor.

Através de buscas exaustivas na Internet¹ e através de contacto, por escrito, com o *Deutsches Literatur Archiv Marbach*², consegui estabelecer grande parte da sua biografia, o que, como explicarei a seguir, me ajudou no acto de tradução.

O escritor e editor Ernst Heimeran nasceu a 19 de Junho de 1902, em Helmbrechts/Oberfranken, na Alemanha, e faleceu a 31 de Maio de 1955, em Starnberg, com 53 anos, na sequência de uma apoplexia cerebral.

Ernst Heimeran concluiu o Curso Profissional de Serralheiro, tendo continuado, mais tarde, os seus estudos, a nível de licenciatura e mestrado, em Erlangen e Munique, respectivamente. Foi autor de vários livros humorísticos, como *Lehrer, die wir hatten*, criando, a partir de 1922, numa vila em Munique, na Rua Dietlindenstrasse, nº 14, a sua editora – Heimeran-Verlag – que geriu, de início, sozinho. O autor teve de trabalhar como jornalista no *Münchener*

¹ http://de.wikipedia.org/wiki/Ernst_Heimeran; www.venturus.de/vframe.htm?vtusc.htm

² Cf. Anexo 6.2, p. 98.

Neuesten Nachrichten, apesar dos seus livros se venderem bem, de modo a angariar os fundos financeiros necessários à manutenção da sua editora.

Heimeran escreveu e editou vários livros humorísticos, subordinados a temas bastante diversos, tais como: como editar livros, o seu percurso no mundo editorial ou aquilo que ele designava como “trabalho exemplar”.

Ernst Heimeran costumava dizer, de forma humorística, que os seus melhores livros eram escritos e editados por ele. Em 1942, publicou o livro de culinária *Mit Tomaten und Parmesan*, da autoria da sua mulher, cuja inovação era a edição em formato horizontal, livro este que, após a Segunda Guerra Mundial, se tornou num *bestseller*, ultrapassando os dois milhões de exemplares. Um outro *bestseller* de Heimeran foi o livro de instruções para a pintura *Punkt, Punkt, Komma, Strich* de Hans Witzig.

Quando se tornou impossível manter um fundo financeiro estável, devido à tomada do poder pelos nazis, Heimeran lembrou-se de publicar obras de autores da Antiguidade Clássica, em edições bilingues, tendo assim surgido a série *Tusculum*, colecção com mais de cinquenta títulos.

O seu cunhado era o conhecido escritor Ernst Penzoldt, com o qual manteve, durante décadas, uma grande e duradoura amizade. O espólio de Ernst Heimeran encontra-se, desde 2002, no arquivo literário de Marbach – *Deutscher Literaturarchiv Marbach*.

Cito, aqui, as suas obras:

- *Michelangelo und das Porträt*, Diss. Erlangen, Bruckmann Verlag, München 1925
- *Das stillvergnügte Streichquartett* (1936)
- *Der Vater und sein erstes Kind* (1938)
- *Grundstück gesucht* (1947)
- *Der Verlagsvertreter*, Bachmair Verlag, Starnberg 1947
- *Büchermachen. Geschichte eines Steckenpferdes*, Heimeran Verlag, München 1947 (spätere Auflagen auch unter dem Titel: *Büchermachen von und bei Ernst Heimeran*)

- *Garteneinmaleins* (1951)
- *Familienalbum* (1951)
- *Lehrer, die wir hatten* (1954)
- *Sonntags-Gespräche mit Nebe* (1954)
- *Der schwarze Schimmel* (1956)

Sem por enquanto me referir aos contos que traduzi e fixando-me apenas na curta biografia aqui apresentada podemos começar por *dialogar* com o autor sobre o seu percurso de vida. Que nos diz ele?

- Depreende-se que o autor gostava seguramente de estudar, daí ter seguido os seus estudos depois de já formado serralheiro e daí também o dedicar um livro aos professores que o marcaram e que o ensinaram a *aprender* e a querer ir sempre mais longe no seu processo de aprendizagem;
- Com apenas 20 anos de idade funda a sua editora, em Munique. Estamos no fim da Primeira Guerra Mundial e numa cidade com uma história conturbada, em termos políticos e culturais;
- Trabalha como jornalista no *Münchener Neuesten Nachrichten*, editado entre 1848 e 1945, cuja tradição foi seguida pelo *Süddeutsche Zeitung*. Durante um curto espaço de tempo, em 1919, este jornal fora o porta-voz do Soviete de Munique, passando, no início dos anos trinta a ter uma orientação monárquica e católica, sofrendo uma forte repressão por parte das forças nazis logo a partir de Março de 1933³;
- Edita o famoso livro de desenho *Ponto, Pontinho, Vírgula e Tracinho*, do professor de desenho e escritor Hans Witzig, mostrando apreço pela infância e, mais uma vez, pela figura do “mestre”;

³ Cf. http://de.wikipedia.org/wiki/M%C3%BCnchner_Neueste_Nachrichten. Última consulta a 9/11/2008.

- Designa a série que publica durante o período nazi de *Tusculum*, nome de uma antiga cidade do Lácio e o primeiro *municipium cum suffragio*, isto é, cidade autónoma em termos administrativos, o que, em termos políticos, nos coloca Heimeran no círculo do que alguns autores designaram por *Innere Emigration* (cf. Baumann, 2000: 226);
- Foi grande amigo do seu cunhado Ernst Penzholdt, de quem publicou várias obras e que ganhou grande reconhecimento dentro e fora da Alemanha. Dele escreveu Hermann Hesse num cartão de condolências à viúva que „*Ich sah und liebte in ihm eine der ganz wenigen noch lebenden Verkörperungen des Künstlers, wie unsre Väter und wir, als wir jung waren, ihn sich dachten und wünschten.*“⁴

Ao tentar ouvir a voz do autor nas entrelinhas da sua biografia, diria que, apesar da sua formação de serralheiro, Heimeran é um claro exemplo do burguês liberal alemão, amante das Artes e das Letras, que tenta, de alguma forma, opor-se à barbárie nazi, refugiando-se nos ideais e valores da Antiguidade Clássica⁵. Os títulos e temas das suas obras falam por si, isto é, Heimeran não se serve da sua “pena” para questionar o sistema, como o fizeram muitos outros autores da sua época.

A quem? – Todo o autor, quando narra, fica reduzido a imaginar um leitor/receptor. É em relação a essa imagem idealizada que o produtor da narrativa ajusta as suas próprias palavras, como veremos mais adiante.

No fundo passa-se exactamente a mesma coisa no que toca à relação tradutor/produtor do texto, em particular quando este não é um autor vivo, como é o caso. Ao preparar-se para o processo de tradução e ao tentar

⁴ Cf. http://de.wikipedia.org/wiki/Ernst_Penzoldt.

⁵ De notar, no entanto, que a Antiguidade Clássica constituía também centro de grande interesse entre as forças que ergueram o III Reich.

responder às *WH-questions*, o tradutor tenta criar uma representação imaginária do autor e do seu leitor imaginário, que, em minha opinião, é, antes de mais, um leitor alemão da classe média. E isto, visto que há uma preocupação constante por parte do autor, tal como veremos no decorrer da análise dos elementos internos do texto, em não ferir susceptibilidades, em ficar-se pela sua *Heimat*. O próprio humor é anódino. Trata-se de uma obra secundária, mas agradável de ler e que, por isso, ajuda a reconstituir aspectos do nosso passado, não deixando de apresentar situações em que o *Outro* se consegue rever por momentos, pelo menos parcialmente. Sendo que, no caso da tradução em análise, o *Outro* somos nós, leitores portugueses.

Com que fim? - Para memória dos vindouros, como exemplo dos tempos passados. A leitura da nota prévia do autor diz-nos também que ele pretende homenagear todos os seus professores, aqueles a quem ele considera dever a sua formação. Passo a citar:

Por esta altura, já todos devem gozar de um merecido repouso, aposentados *ab aeternum*. Contar histórias sobre eles, já não os afectará. A minha intenção também não é a de lhes causar desconforto. Talvez até os alegre ver como deixaram marcas profundas na memória dos seus alunos. Pois só o extraordinário fica na memória, ocupa o nosso pensamento e incita ao reconhecimento. Ora esse reconhecimento foi o que me moveu: não o divertimento, mas sim as memórias e, mais tarde, a emoção e a gratidão.⁶

Li, nestas palavras, uma despreziosa intenção de ordem moral e didáctica, que se confirmaria com a leitura dos contos. Essa intenção liga-se a um receptor mais jovem idealizado pelo próprio autor.

Por que meio? – Obra literária, constituída por contos com cunho humorístico.

⁶ Cf. TP, p. 62 e TC, p. 63.

Onde? - Na Baviera, Alemanha. Numa Alemanha saída da guerra.

Aqui tive de me socorrer de um cronótopo, isto é, como afirma James Clifford, de uma “configuration of spatial and temporal indicators in a fictional setting where (and when) certain activities and stories *take place*”⁷ (2006: 70). Assim, o livro é escrito e publicado numa Alemanha que se havia rendido incondicionalmente a 8 de Maio de 1945, que ainda não tinha “Muro”, mas que já se encontrava dividida. Na então RFA, “o interesse das potências [...] voltava-se para o restabelecimento duma ordem social e económica capitalista e sua consolidação institucional através de um aparelho de Estado burguês-parlamentar (Beutin, 1994: 394), situação a que o “meu autor imaginário” me parece conformado.

Quando? – A obra é publicada, e provavelmente escrita, no início dos anos cinquenta.

Talvez a descrição mais perfeita que já alguma vez li sobre essa época seja a do jornalista sueco Stig Dagerman, no livro *Outono Alemão*:

Com efeito, há na Alemanha um número considerável de antinazis sinceros que se sentem mais decepcionados, mais apátridas e mais vencidos do que nunca se sentiram os simpatizantes nazis. Decepcionados porque a libertação não foi tão radical como a imaginaram, apátrida porque não querem solidarizar-se com o descontentamento alemão – em cuja composição julgam reconhecer demasiado nazismo camuflado – nem com a política aliada – cuja indulgência para com os antigos nazis vêem com consternação – e, finalmente, vencidos, porque, por um lado, a si mesmos perguntam se podem enquanto alemães ter uma qualquer participação na vitória final dos Aliados, e por outro lado porque não se sentem inteiramente convencidos de não terem, enquanto antinazis, uma quota parte de responsabilidade na derrota alemã. (p. 38)

⁷ Itálico do autor da citação.

Trata-se de um período em que, à exceção de algumas vozes como a de Wolfgang Borchert, se sente e vive um certo vácuo literário e cultural na então RFA. Tudo havia ruído. Continuando a imaginar o meu autor, vejo-o como alguém resignado à nova ordem social. Ele não nos escreve sobre o seu “presente”, mas sim sobre o seu passado: não questiona nada, apenas fala dos “bons velhos tempos” de escola, que, no caso do autor, se situam entre 1908 e cerca de 1918/19. Apesar de incluir o período da Primeira Guerra Mundial, Ernst Heimeran, só no conto “Burger”, se refere à época como sendo de guerra e revolução:

Trotz der Kriegs- und Revolutionsjahre, die das Absonderliche begünstigten fehlte es uns doch nicht an tüchtigen Lehrern ohne auffallende Eigenheiten; [...] ⁸

Apesar dos anos de guerra e de revolução que favoreciam a bravata, não nos faltavam, contudo, professores competentes, sem características notoriamente estranhas.⁹

Com estas palavras, ele pretende salientar que, apesar dos tempos difíceis, tiveram sempre professores e uma educação que os marcaram para toda a vida.

Porquê? – A resposta dá-nos o próprio autor na sua nota prévia, isto é, por reconhecimento e gratidão para com os seus “mestres”.

Qual a função? – Segundo o autor e remetendo, de novo, para a nota prévia, para partilhar a sua emoção pessoal com o leitor. A função é, de certo modo, também didáctica, olhando aos novos tempos que se viviam na Alemanha.

⁸ Cf. TP, p. 84.

⁹ Cf. TC, p. 85.

3.2 Análise de factores internos

A análise dos factores internos, de acordo com o modelo de Christiane Nord, permite-nos analisar os factores intratextuais de forma a obter uma visão mais específica do texto e da sua “mensagem”.

Para melhor compreensão dos diversos factores internos apresentados por Christiane Nord (2005, 93-153), passo a descrevê-los de forma sucinta e breve, demorando-me sobre aqueles que tiveram um papel importante no processo tradutivo.

No momento em que lemos a obra, começa o processo de análise dos seus elementos intratextuais, os quais complementam a informação que se obteve pela análise dos factores externos.

Sobre quê? – O sistema educativo alemão, que na época era o sistema educativo prussiano¹⁰, que poderíamos esquematizar da seguinte forma:

1º ao 8º ano – Hilfsschule	}	Estrutura escolar alemã de 1919 a 1969
1º ao 4º ano – Volksschulunterstufe (Grundschule)		
5º ao 8º ano – Volksschuloberstufe		
5º ao 10º ano – Mittelstufe		
5º ao 13º ano – Gymnasium		

O quê? - As suas próprias vivências e recordações, sublinhando o lado mais anedótico dos momentos menos gratificantes e o sublime dos aspectos positivos da sua própria experiência enquanto aluno.

¹⁰ Cf. www.uniessen.de/bfp/lehre/skripte.php, p. 24 (última consulta em 20 de Outubro de 2008).

Por que ordem? – As histórias vão sendo narradas por ordem cronológica, no tocante às etapas que elas representam na formação do autor/narrador.

No caso da primeira história, o próprio título, *Der erste Lehrer*,¹¹ localiza-nos de imediato no tempo: trata-se do seu primeiro professor. Em termos temporais, a localização é imediata: imagina-se a idade do autor e os seus primeiros passos na Escola Primária. Estes dados vão sendo reforçados, pelas escolhas linguísticas do autor. Por exemplo, ainda na primeira página, ele recorre a termos tais como *Mama / Papa*¹², mais utilizados pelas crianças. Já em termos espaciais, também, aí, como qualquer criança, o autor começa por falar da casa onde vivia, revivendo o próprio modo de contar pelo recurso a certos deícticos. Por exemplo:

Wir wohnten unten beim Pflasterzollhäuschen,...¹³

Vivíamos lá ao fundo, junto à casa da Alfândega...¹⁴

Utilizando que elementos não-verbais? – Por elementos não-verbais entendem-se os pressupostos situacionais (cf. Nord, 2005: 105), isto é, tudo aquilo que o emissor acredita que o receptor conhece e que por isso não necessita de ser mencionado. Na maior parte dos casos, os pressupostos referem-se a objectos ou fenómenos inerentes à cultura do emissor. É missão do tradutor, graças à sua competência na língua de chegada, tentar explicitar ao leitor-alvo, neste caso concreto ao leitor português, a informação implícita no texto, recorrendo à compensação, equivalentes com efeito semelhante na língua de chegada (LC), a pequenas paráfrases ou, caso ache necessário, a notas de tradutor.

¹¹ Cf. TP, p. 64.

¹² Cf. TP, p. 64.

¹³ Cf. TP, p. 64.

¹⁴ Cf. TC, p. 65.

Nos contos de Ernst Heimeran encontrei uma grande diversidade de pressupostos, dado que os contos representam um período sociocultural e histórico específico. São várias as situações ou objectos específicos da cultura alemã que tive de explicar em nota de tradutor. Cito alguns exemplos ilustrativos:

- Jogo implícito de palavras

Nun sind sie wohl alle in den ewigen Ruhestand versetzt.¹⁵

Por esta altura, já todos devem gozar de um merecido repouso, aposentados *ab aeternum*.¹⁶

O autor joga aqui com o diferente significado de duas expressões alemãs “in den Ruhestand versetzen” e “in die ewige Ruhe eingehen”. Tentei atender quer à componente semântica (repouso/morte), quer à componente estilística, substituindo “ewig” pela locução latina “ab aeternum” (para todo o sempre). O jogo de palavras assenta aqui na semelhança fónica de idiomatismos alemães. Na minha tradução, em que tentei transpor o jogo de palavras da melhor forma possível, apenas acrescentei um adjectivo “merecido” de modo a emprestar a mesma intensidade linguística ao texto e compensar eventuais perdas.

- Pfennig

Und alle Wochenende bekam er daheim fünf Pfennig
Sonntagsgeld [...] ¹⁷

E todos os fins-de-semana ele recebia cinco centavos de
semanada, [...] ¹⁸

¹⁵ Cf. TP, p. 62.

¹⁶ Cf. TC, p. 63.

¹⁷ Cf. TP, p. 66.

Utilizo o termo "centavo" como correspondente para a centésima parte do marco, o Pfennig, pois, por um lado, fica clara a ideia de que o sistema monetário então vigente na Alemanha não era o de hoje e, por outro lado, o termo "centavo" é, a meu ver, um bom equivalente cultural.

- Expansão

[...] wie es seit Wilson in Mode gekommen war [...] ¹⁹

[...] como já vinha sendo hábito desde o tempo do presidente americano Wilson [...] ²⁰

Para muitos dos eventuais leitores portugueses da obra menos atentos, o nome de Wilson, sem qualquer outra especificação, poderia não ter qualquer significado, perdendo-se todas as conotações que a menção do seu nome implica, nomeadamente o de ter sido ele a propor a criação, em 1918, da Liga das Nações, órgão internacional que tinha por objectivo tentar evitar novos conflitos bélicos no mundo, actuando como árbitro nas contendas entre os países. Ao especificar melhor a frase evitou-se o recurso a qualquer nota do tradutor. De modo a favorecer o estabelecimento de um paralelismo entre o professor e Wilson, no mesmo parágrafo coloquei aspas na palavra campanha.

- O texto bíblico

« Warum heißt es denn, Herr Professor, ‚Adam erkannte sein Weib‘? Er hat sie doch schon gekannt? « ²¹

“Senhor professor, porque é que se diz – ‘Adão reconheceu sua mulher’? Mas então ele já a conhecia?” ²²

¹⁸ Cf. TC, p. 67.

¹⁹ Cf. TP, p. 76.

²⁰ Cf. TC, p. 77.

²¹ Cf. TP, p. 78.

No caso desta citação bíblica, ao traduzir, segui a versão luterana. De outro modo, perder-se-ia o efeito humorístico de toda a frase. No Génesis 4:1, o texto que se lê na versão católica é “Conheceu Adão a Eva, sua mulher”, o que não permitiria manter o efeito. Para que o potencial leitor português, conhecedor da Bíblia, perceba que não se trata de um erro de tradução, mas sim de uma tradução do texto luterano, achei por bem acrescentar uma Nota de Tradutor.

- Bismarckhering

Aus gewissen Gründen ziehe ich heute einen Bismarckhering vor!²³

Por certas e determinadas razões, hoje, prefiro arenque à Bismarck!²⁴

Esta expressão, “Bismarckhering”, obrigou-me a realizar pesquisas na Internet. Em http://de.wikipedia.org/wiki/Otto_von_Bismarck²⁵, encontrei

²² Cf. TC, p. 79, 80.

²³ Cf. TP, p. 82.

²⁴ Cf. TC, p. 83.

²⁵ A explicação encontrada é a seguinte: Einer der bekanntesten Namenspatrone für Kulinarisches ist Reichskanzler Otto von Bismarck (1815–1898), übrigens nicht nur für den Hering, sondern neben anderen Speisen (Bismarckseezunge, -salat u. a.) auch für Getränke (Bismarcksekt, Korn namens Bismarck). Warum nimmt nun gerade der Hering eine besondere Stellung ein? Fest steht, dass Bismarck im Rahmen seiner allgemeinen Esslust eben diesen Fisch mit Vorliebe verspeist und sich auch dazu geäußert hat. »Wäre Hering so selten wie Kaviar oder Hummer, würde er als Delikatesse betrachtet« – soll er vor Begeisterung einmal gesagt haben. Der Spruch und seine Bemerkungen im Parlament zu diesem Tier führten zu der Legende, dass ihm die Ärzte aufgrund seines Körperumfangs geraten haben sollen, mehr Fisch und insbesondere Hering zu essen. Viele Personen haben um die Gelegenheit gerungen, eine Erlaubnis zur Benennung des Herings nach dem Kanzler zu erhalten: Die Spuren gehen auf einen Gastwirt in Flensburg zurück, bei dem Bismarck der Hering besonders gut geschmeckt haben soll. Andere Chronisten wollen wissen, dass Stralsunder Einwohner ihm damit eine besondere Ehre erweisen wollten. Wie dem auch sei, er aß den Hering gern und der Fisch ist bis heute eng mit dem Politiker verbunden.

uma longa explicação que considere merecer uma nota de tradutor. Há quem seja de opinião que a inserção de notas de tradutor deva, sempre que possível, ser evitada (cf. Newmark, 1995: 148-9), contudo, por não se tratar de um autor de referência e por imaginar que o potencial leitor português que lesse esta obra o faria para recriação e com a curiosidade de confrontar experiências diferentes, ou não, de aprendizagem na Escola, arrisquei-me a introduzir a seguinte Nota de Tradutor:

NdT: O nome de Otto von Bismarck está ligado a muitos pratos da culinária alemã. Grande apreciador de arenque fumado, há quem lhe atribua a frase: „Se o arenque fosse raro como o caviar, seria considerado uma delicadeza culinária”.²⁶

Parece-me que uma nota desta natureza não é pretensiosa e, quem sabe, poderá levar o leitor a querer saber mais sobre este e outros pratos que celebrizaram o nome de Bismarck na culinária alemã.

O meu objectivo foi citar apenas alguns exemplos dos muitos pressupostos que os vários contos contêm. Tentou-se, também, dar uma ideia das possíveis soluções para ultrapassar os problemas tradutivos deles resultantes e que, na sua grande maioria, se devem ao facto de as realidades culturais portuguesa e alemã serem ainda hoje muito diferentes, pese embora o facto de ambos os países serem membros da União Europeia.

Com que palavras? – Tratando-se de um texto literário, podemos afirmar que contém um estilo individual. A sua função é tanto semântica como comunicativa. Não sendo uma obra maior da literatura, contém, contudo, alguns efeitos prosódicos, lexemas com valores estilísticos específicos e figuras de estilo, como a comparação e a metáfora. A estrutura dos textos e dos elementos estilísticos é simples, deixando claro o objectivo do seu autor: fazer uma homenagem o mais objectiva possível a todos os professores que o marcaram ao longo da vida, sem entrar em grandes análises de carácter

²⁶ Cf. TC, p. 83.

pedagógico ou psicológico, embora, no seu cômputo, os textos deixem transparecer uma certa vontade de deixar uma mensagem, que o autor pretende didáctica, aos jovens do pós-guerra.

A resposta a esta questão encontra-se intrinsecamente ligada à resposta que damos à questão seguinte que se prende com a estrutura e construção textual, a saber:

Com que tipo de frases? – As frases são, na sua maioria, curtas, já que o autor quer dar uma imagem fiel dos seus professores. O facto de ter sido jornalista pode também ter tido algum peso no estilo assumido pelo autor nesta obra: um estilo simples, despretensioso, linear.

Assim, aprofundando as duas questões supramencionadas, verificamos que a estrutura do texto vai sendo formada pela sequência das suas partes temáticas. Segundo Christiane Nord, numa tradução, deve sempre atender-se à macroestrutura (divisão de um texto a nível de capítulos, parágrafos, etc.) e à microestrutura (divisão ao nível das frases) do texto (cf, 2005: 114-7).

A macroestrutura é constituída, no fundo, por todas as unidades metacomunicativas que orientam o receptor na identificação do tipo e do conteúdo do texto e que exigem, por parte do tradutor, um tratamento cuidadoso. É importante ter em conta a relação entre o título e o todo do texto, de modo a tentar superar os problemas de ordem pragmática que a sua tradução eventualmente pode colocar.

O livro de Heimeran apresenta uma macroestrutura bastante clara, estando dividido em contos, com títulos que são uma epígrafe dos personagens descritos. Contudo, no caso do conto *Burger*, optei por um título que possibilitasse ao leitor entrar, de imediato na sua temática, desambiguando o tema logo à partida: *O Professor Burger*. Ao optar por este título, mesmo o leitor mais desatento entenderá que *Burger* é um sobrenome.

Resumidamente, os textos primam pela clareza, objectividade, coerência e coesão que tento manter na tradução, recorrendo à introdução de deícticos e

à repetição de referentes, sempre que achei necessário proceder ao desambiguação de uma frase. Cito a título de exemplo a seguinte frase:

Der Freund wollte sie durch die Pausen aber wohl nur tiefer auf uns wirken lassen.²⁷

Contudo, o nosso amigo, com esses intervalos, certamente que apenas queria fazer com que os artigos penetrassem mais profundamente nas nossas mentes.²⁸

- Nesta frase, introduzi um pronome possessivo “nosso”, um deíctico “esses” e repeti um referente “os artigos” (em lugar do pronome “eles”), de modo a tornar a frase mais natural, clara e coesa na LC.

A microestrutura do texto, por seu lado, é simples, sem grandes complexidades, obrigando, sobretudo, a ajustes a nível da estrutura sintáctica e do efeito conotativo do léxico utilizado.

Cito alguns exemplos:

Selbst ist der Mann!²⁹

Não é preciso a ajuda de ninguém!³⁰

- Trata-se de um idiomatismo que traduzi por uma expressão com sentido equivalente na LC, baseando-me para tal no significado que encontrei para a mesma no *Duden Stilwörterbuch*, segundo a qual aquele significaria “man soll nicht auf die Hilfe anderer warten”.

²⁷ Cf. TP, p. 78.

²⁸ Cf. TC, p. 79.

²⁹ Cf. TP, p. 64.

³⁰ Cf. TC, p. 65.

“Tages Arbeit [...] abends Gäste”³¹

“De dia trabalhar [...] à noite descansar”³²

- Sem traduzir totalmente todo o sentido do ditado alemão, penso que a solução encontrada é, em termos estilísticos, aceitável.

Foi a nível lexical que encontrei maiores dificuldades, na medida em que muito do humor presente nos textos depende das escolhas feitas a esse nível pelo autor e isto porque, no fundo, o estilo do texto nasce exactamente dessa escolha lexical. Se bem que o léxico utilizado seja, na maioria dos casos, simples, há palavras que, contudo, se poderão considerar “datadas”. Tentei encontrar equivalentes, também eles “datados”³³, ou então proceder à sua compensação noutros pontos do texto, já que o efeito humorístico sobre o leitor é favorecido, em minha opinião, por tais escolhas.

No caso de palavras compostas, tive de me socorrer várias vezes da paráfrase, de modo a transmitir todo o sentido, em particular conotativo, presente no texto. Cito alguns exemplos:

Trotz des herrlichen Wetters trug der Herr Lehrer eine Mütze, eine sogenannte Patschkappe.³⁴

Apesar do tempo estar excelente, o Sr. Professor trazia um chapéu impermeável, próprio para dias de chuva.³⁵

- Optei aqui por uma paráfrase, pois não existe, em português, um termo exacto para designar este tipo de chapéu. Caso não o fizesse perder-se-ia todo o efeito pretendido pelo autor.

³¹ Cf. TP, p. 70.

³² Cf. TC, p. 71.

³³ V. o exemplo da tradução da palavra “Pfennig”, *supra*, p. 26.

³⁴ Cf. TP, p. 70.

³⁵ Cf. TC, p. 71.

[...] zwangsschneutzen [...] ³⁶

[...] uma assoadela coerciva [...] ³⁷

- Este é mais um exemplo de recurso à perífrase, ao preenchimento explicativo, muito comum quando lidamos com verbos compostos alemães.

“Schillerkragen” ³⁸

“Colarinho à moda de Eton” ³⁹

- Creio que para o leitor português, é mais fácil de imaginar um “colarinho à Eton” do que propriamente um “colarinho à Schiller”. Optei por esta solução tradutiva, por a considerar mais clara e por ser essa a explicação que encontrei para o termo, isto é, trata-se do “Byron collar”, muito usado pelos estudantes do Colégio de Eton. Perde-se, contudo, a conotação ao romantismo alemão.

Já a nível sintáctico, o texto não apresenta grandes dificuldades. Apenas a ordem das palavras nem sempre é coincidente, por razões que se perdem com a estilística da língua de chegada.

Com que tom? – O tom geral dos textos é humorístico, por vezes, mesmo irónico. Ao traduzir, tentei manter sempre um registo idêntico ao presente no texto de partida. Eis, um exemplo:

[...] in die harten Brüche der Seelenqualen [...] ⁴⁰

[...] para as duras profundezas do tormento da sua alma [...] ⁴¹

³⁶ Cf. TP, p. 70.

³⁷ Cf. TC, p. 71.

³⁸ Cf. TP, p. 84.

³⁹ Cf. TC, p. 85.

⁴⁰ Cf. TP, p. 80.

Com que efeito? – Com este livro, o autor pretende homenagear os professores que marcaram a sua formação enquanto ser humano, ao mesmo tempo que pretende despertar na memória do leitor as suas próprias recordações de aluno e ter um efeito didáctico sobre os potenciais leitores mais jovens.

O efeito de um texto resulta do entrecruzar das suas características internas com os elementos externos. Ele é, nas palavras de Nord, “a receiver-oriented category” (2005: 143). No fundo, ele resulta da dialogicidade do próprio texto, isto é, do diálogo que tem lugar, de facto, entre o receptor, o seu produtor e o texto propriamente dito. Com base neste processo comunicativo, Christiane Nord distingue três tipos de efeito (cf. 2005: 149-153), nomeadamente:

1. Intencional ou não intencional

No caso dos textos em análise, para mim, enquanto tradutora dos mesmos, creio que o efeito pretendido pelo autor é, de facto, atingido. Eu própria fui levada a rememorar os meus tempos de aluna, os meus professores, acabando, tal como o autor, por ver mais o lado positivo da acção pedagógica de muitos dos meus professores;

2. Distância cultural versus distância zero

À luz dos Estudos Culturais, este é o tipo de efeito que merece uma análise mais aprofundada. Segundo Nord, o efeito que o texto possa ter sobre o seu leitor depende da “realidade” descrita e, por isso mesmo, da distância cultural existente, ou não. Com base neste pressuposto, Nord distingue, *grosso modo*, três

⁴¹ Cf. TC, p. 81.

possíveis tipos de relação na comunicação intercultural (cf. 2005: 152):

- O “text-world” corresponde ao da cultura de partida, sendo “zero” a distância cultural. Só os receptores do TC, isto é, da tradução, sentiriam essa distância;
- O “text-world” não corresponde à cultura de partida, sendo que tanto os receptores do TP⁴², como os do TC⁴³ sentiriam a existência de uma distância cultural;
- O “text-world” corresponde *de facto* à cultura de partida, só que “The sender has ‘de-culturalized’ it by explicitly transposing it into a distant time and/or place” (Ibid., 2005: 150).

Reportando-me ao texto em análise, considero que os podemos classificar como pertencendo ao primeiro destes grupos, em termos de efeito. É, de facto, verdade que o “text-world” corresponde à cultura de partida. Só que isso não faz com que exista apenas uma distância cultural no que concerne ao receptor do TC. De facto, eu própria que vivi e estudei na Alemanha, que conheci e convivi com pessoas amigas que viveram na época descrita na obra, tive algumas dificuldades em entender algumas alusões, bem como em reconstituir o sistema educacional vigente à época em que o autor estudou.

Para um receptor nativo jovem, o “text-world” pode, no caso vertente, ser também algo distante, na medida em que a realidade cultural alemã dos nossos dias não corresponde à de então. O sistema educativo mudou, os métodos pedagógicos mudaram, existindo na Alemanha, tal como cá, um certo vazio,

⁴² TP – Texto de partida.

⁴³ TC – Texto de chegada.

em termos de conhecimento histórico, por parte das camadas mais jovens que dificulta o próprio entendimento da realidade presente, pelas razões já citadas na p. 15 deste capítulo.

3. Convencionalidade versus originalidade

Esta categoria de efeito está intrinsecamente ligada, segundo Nord, à relação do receptor com o estilo mais - ou menos - original do autor (cf. 2005: 150). Ora, como já vimos, em termos lexicais, sintácticos e supra-segmentais (ex. pontuação), o estilo é bastante convencional, em resultado da própria mundividência do autor. Não quebrar as regras, parece ser o principal lema, em termos temáticos e estilísticos do autor. O seu humor – outro elemento supra-segmental – embora seja agradável, é inofensivo, morno, diria mesmo “estafado”.

Resumindo, o texto de Ernst Heimeran tem, a meu ver, uma intenção clara. Existe distância de ordem cultural em relação tanto ao leitor do TC, como a certas camadas de leitores do TP e o seu estilo pode, em termos literários, ser considerado convencional.

Neste ponto, gostaria de salientar que, apesar de certas dificuldades de ordem cultural e cognitiva, considero que o meu conhecimento de base da cultura alemã foi uma ajuda preciosa para conseguir compreender alguns aspectos culturais implícitos no texto. Suponho que alguém que não conheça na primeira pessoa certos aspectos culturais do TP dificilmente consegue identificar certos aspectos ocultos, contidos em certos termos e frases, só possíveis de detectar por alguém com um conhecimento profundo da realidade sociocultural.

3.3 A pluridiscursividade do texto

Ao traduzirmos um texto literário deparamo-nos com várias dificuldades e obstáculos que tentamos ultrapassar através da pesquisa e interpretação dos vários factores intra- e extralinguísticos.

De modo a conseguir identificar, de forma inequívoca, a intenção do autor e a sua mensagem, temos de entrar em diálogo com o autor, com o texto e com as personagens. Só, assim, poderemos transpor o “text-world”, de que nos fala Nord⁴⁴, para a língua de chegada.

Já referi, no capítulo anterior, a importância da abordagem das questões cronotópicas, enquanto questões que se ligam a um espaço e a um tempo determinados. Nesta obra de carácter biográfico, se bem que só se refira à sua experiência enquanto aluno, o tempo coincide com o ciclo da vida escolar de Heimeran. Não se trata, contudo, de um tempo estático. Aqui e além, descortinamos, explícita ou implicitamente, as marcas do correr do tempo. O tempo não é só cíclico, é histórico. O espaço, por sua vez, adquire, do tempo histórico, marcas que são indícios do passado e do presente.

A unidade real do mundo é fruto da experiência concreta. Partindo desse pressuposto, Bakhtin desenvolve a noção de acontecimento enquanto componente essencial e irremovível da unidade real do mundo. O acontecimento, para Bakhtin, não é um mero fragmento de tempo determinado. A noção de acontecimento adquire uma essencialidade única, geograficamente localizada, uma vez que o acontecimento é da ordem do humano, interfere no humano e na natureza justamente por ser geograficamente localizado.

Tentarei, de seguida, mostrar como na obra em análise se encontram concentradas, numa amálgama, as marcas de um tempo histórico, de um

⁴⁴ ver p.35.

tempo biográfico e de um tempo quotidiano. Tempos que mais não são do que os indícios de uma época. Como afirma Bakhtin, na sua obra *Estética da Criação Verbal*:

“Um elemento especial e sumamente importante na visão plástico-pictural do homem é o vivenciamento das fronteiras externas que abarcam. Esse momento é inseparável da imagem externa e só é separável dela em termos abstratos, traduzindo a relação do homem exterior, uma aparência, com o mundo exterior que o abarca, o momento de limitação do homem no mundo. [...]” (2006:34).

3.3.1 O autor enquanto “ideólogo”

Disse, ao fazer a análise dos factores externos, que considerava ter sido Heimeran um elemento próximo da chamada *Innere Emigration*, isto é, de um vasto grupo de autores alemães que permaneceram na Alemanha durante o período nazi, optando por uma “geistige Emigration” (cf. Baumann, 2000: 226). Esta minha opinião viu-se confirmada pela análise dos factores internos, nomeadamente, no conto *Burger*, que é o único professor de quem ele nomeia o verdadeiro nome:

Er hieß Franz Burger. Er ist der einzige, dessen Namen dasteht, wie es wirklich leutete, [...] ⁴⁵

Chamava-se Franz Burger. É o único cujo nome aparece, aqui, tal qual soava [...] ⁴⁶

Creio que este facto se deve à amizade que acabou por os ligar, bem como a uma certa sintonia em termos de mundivisão. Ao ler o texto, o leitor apercebe-se de imediato da enorme admiração de Heimeran por este seu

⁴⁵ Cf. TP, p. 84.

⁴⁶ Cf. TC, p. 85.

professor que, aliás, foi quem incentivou Heimeran na sua aventura editorial, chegando a publicar várias obras, na maioria traduções de autores da Antiguidade Clássica, na editora fundada pelo autor, como se depreende do seguinte extracto do mesmo conto:

Zwei seiner Vorträge habe ich später verlegt; auch war Burger Initiator und der erste Autor meiner zweisprachigen Taschenausgaben antiker Literatur. [...] ⁴⁷

Publiquei, mais tarde, duas das suas conferências. O professor Burger foi também o iniciador e primeiro autor das minhas edições bilingues de Literatura Clássica. ⁴⁸

Uma menção, no mesmo conto, à profunda admiração e amizade do professor Burger para com Hans Carossa, autor conhecido por pertencer exactamente à chamada *Innere Emigration*, liga o nome de Heimeran, que apreciava a escrita de natureza sobretudo autobiográfica de Carossa, a esse grupo de autores. É possível mesmo que Carossa tenha exercido alguma influência literária sobre o autor. Passo a citar:

[...] der ich die erste Bekannschft mit Hans Carossa verdankte, dem Burger als Patient und Verehrer freundschaftlich verbunden war. So wurden auch wir ein bißchen in diese Freundschaft eingewoben. ⁴⁹

[...] a que devo o meu primeiro encontro com a obra de Hans Carossa, a quem o professor Burger estava ligado, enquanto paciente e admirador, por laços de amizade, pelo que até nós acabámos algo associados a essa relação. ⁵⁰

⁴⁷ Cf. TP, p. 92.

⁴⁸ Cf. TC, p. 93.

⁴⁹ Cf. TP, p. 90.

⁵⁰ Cf. TC, p. 91.

O autor realiza-se e actualiza o seu ponto de vista, tanto na identidade do narrador, no seu discurso e linguagem, como também no objecto da sua narrativa. Sob o discurso do narrador, encontramos sempre um outro discurso, o do autor, cuja voz se confunde com a do narrador, exprimindo-se através deste de uma forma refractada.

Através do narrador e do estilo utilizado na narrativa, acabamos por ouvir, distintamente, a “voz” do autor, que mais não é que o resultado da dialogicidade do próprio texto. Dos extractos supracitados, resulta claro que o autor é capaz de falar de si, na linguagem do “outro”, como fala do “outro” na sua linguagem.

Quando fiz a análise dos aspectos externos do texto, referi igualmente que considero o autor como um representante de uma classe média abastada. Vejamos como esta primeira representação mental do autor se confirma pela análise dos elementos internos.

No primeiro conto, *Der erste Lehrer*, que se situa, em termos de tempo histórico, antes da Primeira Guerra Mundial, ficamos a saber que o nosso autor/narrador pertencia a uma família abastada:

<p>Wir wohnten [...] in dem roten Kontorgebäude [...]</p> <p>[...] mit dem ledernen Schulranzen.</p> <p>[...] trat Papa aus einem Privatkontor [...]</p> <p>[...] unsre Lore, die treue Seele, steckte mir eine Tüte mit Veilchenbonbons [...]</p> <p>Ich konnte das Gebet aus der Kinderschule.</p> <p>Dann hieß er mich aufstehen und erklärte: „Der ist reicher Leute Kind.“</p> <p>Mein Onkel General war so ein Vorbild an</p>	<p>Vivíamos [...] <u>no edifício do entreposto comercial</u> [...]</p> <p>[...] com a pasta de pôr às costas, <u>em couro</u>.</p> <p>[...] o papá surgia do seu <u>escritório privado</u> [...]</p> <p>[...] a nossa santa Lore, que me deu para as mãos um saco de <u>bombons de anis</u> [...]</p> <p>Eu já sabia a oração do <u>jardim-escola</u>.</p> <p>Depois mandou-me levantar a mim e explicou: “<u>Este é filho de gente rica</u>.”</p> <p>O meu <u>tio general</u> era um exemplo de</p>
---	--

Pünktlichkeit!	pontualidade!
»Wie? Dein Vater gibt dir die Stempel vom Stadtmagistrat von der Gemeindediakonie, vom Handelgremium, von der Baugenossenschaft zum Spielen? «	Como? O teu pai dá-te <u>os carimbos do conselho municipal, dos serviços sociais da comunidade, do grémio comercial, da cooperativa de construção</u> para brincare?”

Cito apenas alguns dos muitos extractos que reflectem a origem familiar do autor/narrador. O nosso autor vivia numa família burguesa, o pai desempenhava funções de responsabilidade no entreposto comercial, tinham uma empregada, Lore, que lhe oferecia bombons para “adoçar” a experiência dos primeiros dias na Escola, tinha um tio general e gostava, como se pode ler noutra passagem do conto, de “brincar aos soldados”⁵¹, atribuindo-se, sempre, o papel de general. O nosso autor/narrador vivia, assim, numa família desafogada economicamente.

Embora o seu “Primeiro Professor” batesse nos alunos à vergastada⁵² e os obrigasse a assoar o nariz a papéis tirados do caixote do lixo⁵³, caso não levassem lenço de assoar consigo, um procedimento que o nosso autor/narrador classifica como:

[...] eine hygienisch anfechtbare, aber erzieherisch außerordentlich wirksame Prozedur.⁵⁴

[...] um procedimento, do ponto de vista da higiene, contestável, mas extremamente eficaz, do ponto de vista educativo.⁵⁵

Implicitamente, Heimeran aplaude e dá o seu aval aos métodos pedagógicos e educativos dos “bons velhos tempos”:

⁵¹ Cf. TP, p. 68: “Da wollten wir Soldaten spielen”.

⁵² Cf. TC, p. 67.

⁵³ Cf. TC, p. 69.

⁵⁴ Cf. TP, p. 68.

⁵⁵ Cf. TC, p. 69.

[...] und [ich] bin nun auch nach so vielen, vielen Jahren noch einmal zu meinem ersten Lehrer zurückgekehrt, um ihm dankend die Hand zu geben, die ich ihm damals schuldig geblieben war.⁵⁶

[...] e, mesmo agora, volvidos tantos anos, voltei ao meu primeiro professor para lhe estender a mão agradecidamente, gesto que lhe fiquei a dever na altura.⁵⁷

Sente-se neste homem de pouco mais de cinquenta anos, que escreve este livro nos anos cinquenta, a nostalgia própria daqueles que receiam toda e qualquer mudança e que se refugiam no “mito” dos “bons velhos tempos”, nutrindo o desejo secreto de ver essa ordem restaurada.⁵⁸ Até porque, como escreve Heimeran em *Der Freund*

Bemühung wird aber bei Schülern leider nicht durch nachsichtiges Wohlwollen, sondern durch wohlwollende Unnachgiebigkeit gefördert. Das ist eine grausame, manche pädagogische Illusion zerstörende Erkenntnis.⁵⁹

O esforço dos alunos é, infelizmente, fomentado não através de uma benevolência indulgente, mas sim através de uma intransigência benevolente. Isto é um reconhecimento cruel e destruidor de certas ilusões pedagógicas.⁶⁰

⁵⁶ Cf. TP, p. 74.

⁵⁷ Cf. TC, p. 75.

⁵⁸ Não cabe no âmbito deste trabalho estabelecer paralelos com a realidade portuguesa, mas creio que seria interessante estabelecer um cotejo entre o que neste livro podemos ler e o que alguns ilustres pedagogos e intelectuais portugueses vêm defendendo face à crise que se vive no nosso sistema educativo. Muitos deles, à semelhança de Heimeran, não tendo soluções a propor, recordam os “bons velhos tempos”, na esperança de os ver renascer.

⁵⁹ Cf. TP, p. 76.

⁶⁰ Cf. TC, p. 77.

De facto, no conto *Der Freund*, Heimeran fala do seu professor de Latim, desaprovando, de forma humoristicamente “benevolente”, o seu método educativo baseado na “benevolência”:

[...] [wir] spielten im Mündlichen immer geschickt unsere besten Lateiner aus und wiegten ihn so im festen Glauben von der erzieherischen Allmacht des Wohlwollens.⁶¹

[...] apostávamos com habilidade nos nossos melhores conhecedores de Latim, na oral, e, assim, o íamos embalando na sólida crença no poder educativo absoluto da benevolência.⁶²

Escondendo-se por trás de um “nós”, os alunos, Heimeran aponta o que de negativo há, em sua opinião, nessa “benevolência”, não atribuindo um grão de responsabilidade a esse “nós”, os alunos:

Wer hätte einem solchen Übermaß von Wohlwollen, einer solchen geradezu penetranten Sanftmut auf die Dauer widerstehen können! Wir paßten also künftig beim abschreiben besser auf, damit es dem Freund nicht in die Augen steche und er nicht irre würde an uns ehrenvollen Jünglingen, [...]⁶³

Mas quem poderia resistir, durante muito tempo, a um tal excesso de benevolência, a uma tal penetrante brandura! Passámos, assim, daí em diante, a ter mais cuidado ao copiar, de modo a não saltar à vista do nosso amigo e ele não perdesse a confiança nos seus honrados jovens.⁶⁴

⁶¹ Cf. TP, p. 80.

⁶² Cf. TC, p. 81.

⁶³ Cf. TP, p. 80

⁶⁴ Cf. TC, p. 81.

Mais, as últimas palavras - *Und Du hast doch gesiegt!*⁶⁵ - podem ser entendidas como uma apreciação ao momento em que a história foi escrita, isto é, os legítimos representantes de 'Wilson' serviram-se do seu novo poderio para impedir que a queda do regime hitleriano 'degenerasse' em revolução social e para que as camadas que tinham colaborado com Hitler na época em que este tomou o poder, de modo algum perdessem a sua posição económica e social predominante.

Já nas aulas do professor Burger, o problema da disciplina parecia não se colocar:

Das berühmte Problem der Schuldisziplin schien bei Burger überhaupt nicht zu existieren, so selbstverständlich war es, daß man an seinen Lippen hing.⁶⁶

O célebre problema da disciplina parecia não existir nas aulas do professor Burger, tão evidente era estarmos suspensos das suas palavras.⁶⁷

A opção tradutiva que aqui tomei, traduzindo "Lippen" por "palavras", não tem só a ver com o facto de que é mais natural a expressão "suspenso das palavras" do que "suspenso dos lábios". Ela tem a ver também com o meu entendimento da época, resultante da dialogicidade do texto, como tentarei demonstrar no sub-capítulo 3.3.3.

O professor Burger era considerado como pertencendo ao grupo dos *feine Hunde*, "cães de raça" e era, de longe, o professor preferido de Heimeran:

Doch ist einer diesen "Feinen" unvergeßlich, ja, der Allerunvergeßlichste.⁶⁸

⁶⁵ Cf. TP, p. 82.

⁶⁶ Cf. TP, p. 92.

⁶⁷ Cf. TC, p. 93.

Não obstante, um destes „cães de raça” é inesquecível, sim, é de todos o mais inesquecível.⁶⁹

Burger usava um colarinho à “Schiller” o que o identifica como um amante do Romantismo, que, na Alemanha, muito ajudou a alimentar um forte nacionalismo. Daí, também, a sua predilecção pelo difícil poema de Goethe *Harzreise im Winter*, com base no qual Brahms compôs, em 1869, a sua Rapsódia Op. 53⁷⁰.

Tendo passado revista a alguns dos factores internos em que é notória e audível a voz do autor/narrador, creio poder afirmar, seguindo os conceitos bakhtinianos, que o autor, na medida em que é um actor⁷¹, em termos sociais, é também, a vários títulos, um ideólogo.

A própria linguagem convencional utilizada pelo autor representa já uma determinada visão do mundo, adquirindo, desse modo, significação social, isto é, o discurso do autor/narrador deve ser interpretado no interior de complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social. Todos os enunciados estão localizados na essência profunda de uma determinada dimensão ideológica, comportando uma determinada posição avaliativa, isto é, nunca nos encontramos perante enunciados neutros e isto porque a própria retórica da neutralidade é já uma posição axiológica.

⁶⁸ Cf. TP, p. 84.

⁶⁹ Cf. TC, p. 85.

⁷⁰ Cf. <http://www.bostoncecilia.org/prognotes/brahms-alto-rhapsody.html>: Brahms composed his *Rhapsody, Op. 53*, in the autumn of 1869, drawing upon a difficult poem of Goethe's, *Harzreise im Winter* ("Winter Journey Through the Harz Mountains"). Of the poem's 88 lines, Brahms chose to set only the central part, one quarter of the whole. Goethe's poem was written after a 1777 visit to the Harz Mountains, where he met a correspondent of his, a misanthropic young fellow named Plessing, who had withdrawn from the world into the solitude of nature. Goethe's poem describes one who goes "off apart," praying that the Father of Love may have on his Psalter "a single tone perceptible to his ear," which might "revive his heart."

⁷¹ Cf. Bruno Latour, *Reassembling the Social*, 2005, p. 46: "To use the word 'actor' means that it's never clear who and what is acting when we act since an actor on stage is never alone in acting".

3.3.2 As personagens enquanto actores sociais

As personagens desempenham em todas as obras literárias um papel fulcral, não apenas a nível do decorrer da história, mas também como representações dos diferentes parâmetros culturais e sociais de uma determinada sociedade.

No caso dos contos de Ernst Heimeran, deparamo-nos com um vasto leque de personagens/actores que representam, essencialmente, diferentes níveis sociais e culturais de uma época específica na Alemanha.

No primeiro conto do livro, *Der erste Lehrer*, para além do primeiro professor, o professor da Escola Primária, temos um leque de outras figuras que começarei por esboçar, em termos sócio-culturais.

Logo no início do conto, surgem-nos as figuras do Pai e da Mãe. É claro o papel do pai, chefe de família. É ele que trabalha e que, por isso, comanda. A sua atitude é séria e rigorosa, pois representa o chefe de família, cujas regras têm de ser cumpridas e respeitadas:

“Du kennst ja den Weg“, sagte Papa, „du wirst dich schon allein zurechtfinden. Selbst ist der Mann!“⁷²

“Já conheces o caminho”, disse o papá, “já és capaz de o fazer sozinho. Não é preciso a ajuda de ninguém!”⁷³

A Mãe, por outro lado, representa a típica dona de casa, responsável pelo bem-estar de toda a família e que respeita e aceita todos os desejos do Pai. As regras sociais da época permitem-lhe mostrar carinho e afecto para com o filho:

⁷² Cf. TP, p. 64.

⁷³ Cf. TC, p. 65.

Mama begleitete mich noch bis zum Vorgartentürchen, zupfte mir den Matrosenkragen zurecht, gab mir einen Kuss und sah mir nach, bis ich ums Angerwirthshaus herum verschwunden war.⁷⁴

A mamã acompanhou-me até ao portãozinho, endireitou-me a gola à marujo, deu-me um beijo e seguiu-me com o olhar até eu desaparecer ao virar da esquina.⁷⁵

No papel de filho, o autor/narrador demonstra claramente muito respeito pelo pai, querendo e parecendo corresponder às suas exigentes expectativas.

Outras figuras presentes, fugitivamente, neste conto, são a criada, *unsre Lore, die treue Seele / a nossa santa Lore*⁷⁶ e o pobre Möckel, de quem o professor dizia

„Der ist armer Leute Kind.“⁷⁷

“Este aqui é filho de gente pobre.”⁷⁸

Mas só neste conto é que encontramos uma referência a um colega pobre, colega que o autor/narrador afirma invejar:

O wie beneidete ich den Möckel, daß er barfuß gehen durfte!⁷⁹

Oh! Como eu invejava o Möckel por poder andar descalço!⁸⁰

Com esta exclamação, o autor/narrador o que quer dizer é que desejaria a sua liberdade. Fala, todavia, como se quisesse dizer não ter, na altura, noção dessa diferença social, o que soa um pouco falso.

⁷⁴ Cf. TP, p. 64.

⁷⁵ Cf. TC, p. 65.

⁷⁶ Cf. TP, p. 64 e TC, p. 65.

⁷⁷ Cf. TP, p. 66.

⁷⁸ Cf. TC, p. 67.

⁷⁹ Cf. TP, p. 66.

⁸⁰ Cf. TC, p. 67.

Mais referências a figuras sem posses, não aparecem nos contos em apreço. Aliás, só no conto *Burger* há menção a alguns colegas, cujos interesses, a nível intelectual, apontam para pessoas da classe média como o nosso autor/narrador.

Mas as personagens/actores principais são os professores, os formadores e educadores de uma nação à beira do nazismo. Claro que, em nenhum momento, o nosso autor/narrador tenta analisar e retirar conclusões sobre essa formação. Por exemplo, se ela teria, de algum modo, favorecido o alastrar das ideias nacional-socialistas.

Como já me referi aos aspectos dialógicos do texto enquanto entrecruzar de fala e acção em 3.3.1, irei aqui traçar o perfil dos três professores, socorrendo-me apenas de termos que podem, de alguma forma, caracterizá-los enquanto actores sociais:

Der erste Lehrer	Der Freund	Burger
sehr streng/ muito severo ⁸¹	Wohllollen/ benevolência ⁸⁶	Feiner Hund/ cão de raça ⁹⁰
Strafgericht/ castigo ⁸²	müde machen/ maçar ⁸⁷	Leidenschaftlich kritische Natur/ natureza apaixonadamente crítica ⁹¹
Versohlen/ dar uns açoites ⁸³	wohlmeinend/ bem-intencionado ⁸⁸	höchst anspruchsvoll/ muito exigente ⁹²
Zwangsschneuzen/ assoadela coerciva ⁸⁴	schrecklich langweilig/ extremamente monótona ⁸⁹	Verehrten/ venerando ⁹³
zartes Herz/ coração bondoso ⁸⁵		<i>beatus</i> ⁹⁴
		menschliche Größe/ grandeza humana ⁹⁵
		gewaltige Stirne/ fronte imponente ⁹⁶
		sprühende Augen/ olhos cintilantes ⁹⁷

⁸¹ Cf. TP, p. 66 e TC, p. 67.

⁸² Cf. TP, p. 70 e TC, p. 71.

⁸³ Cf. TP, p. 70 e TC, p. 71.

⁸⁴ Cf. TP, p. 70 e TC, p. 71.

⁸⁵ Cf. TP, p. 74 e TC, p. 75.

⁸⁶ Cf. TP, p. 76 e TC, p. 77

⁸⁷ Cf. TP, p. 78 e TC, p. 79.

⁸⁸ Cf. TP, p. 78 e TC, p. 79.

⁸⁹ Cf. TP, p. 82 e TC, p. 83.

⁹⁰ Cf. TP, p. 84 e TC, p. 85.

⁹¹ Cf. TP, p. 86 e TC, p. 87.

⁹² Cf. TP, p. 88 e TC, p. 89.

⁹³ Cf. TP, p. 88 e TC, p. 89.

⁹⁴ Cf. TP, p. 92 e TC, p. 93.

⁹⁵ Cf. TP, p. 96 e TC, p. 97.

⁹⁶ Cf. TP, p. 96 e TC, p. 97.

⁹⁷ Cf. TP, p. 96 e TC, p. 97.

Assim, o primeiro professor, seria severo, demonstrando, contudo, ao mesmo tempo, possuir um bom coração.

O segundo professor quer ser visto como um amigo, tentando, em vão, inculcar autonomia e responsabilidade. Apesar de toda esta tentativa de despertar o interesse dos alunos e de lhes inculcar a importância dos seus ensinamentos, só depois de adulto é que o autor concorda com essa benevolência, por razões que se encontram implícitas no todo que constitui o texto sobre *O Amigo*.

Burger representa, a meu ver, o tipo de professor muito inteligente, com um efeito quase hipnotizador sobre os seus ouvintes, um homem que [...] *não dava aulas de uma forma tradicional*⁹⁸, cuja acção [...] *não se limitava às aulas*⁹⁹ que [...] *vivia para os alunos*¹⁰⁰, sendo difícil não o transformar [...] *num ídolo*¹⁰¹. *Socialista assumido*¹⁰², Burger não acreditaria, contudo, [...] *verdadeiramente em nada*¹⁰³.

Sabendo, [...] *desencantar e moldar todos [os] interesses tão diversos, próprios da presunção juvenil*¹⁰⁴, Burger só não soube, tal como o seu amigo Heimeran, desencantar formas de expressão contra o social-nacionalismo, optando por se isolar.

⁹⁸ Cf. TP, p. 84 e TC, p. 85.

⁹⁹ Cf. TP, p. 86 e TC, p. 87.

¹⁰⁰ Cf. TP, p. 86 e TC, p. 87.

¹⁰¹ Cf. TP, p. 86 e TC, p. 87.

¹⁰² Cf. TP, p. 86 e TC, p. 87.

¹⁰³ Cf. TP, p. 86 e TC, p. 87.

¹⁰⁴ Cf. TP, p. 90 e TC, p. 91.

3.3.3 O contexto socio-político

Quando procedi à análise dos factores externos do texto tive oportunidade de me referir ao tempo em que a obra foi escrita, o qual se encontra implicitamente presente no texto em contraponto ao tempo revisitado, isto é, ao tempo narrado.

Como referi, a época em que o livro foi escrito caracterizou-se por uma grande tensão “entre espírito e poder, entre inteligência e política” (Beutin, 1992: 397-8). A Alemanha mal havia saído de um período de re-educação e de forte censura que pouco favorecia o aparecimento de obras literárias de grande fôlego que colocassem em questão o processo em curso. Como afirma Stig Dagerman, as nações ocidentais não desejavam, de modo algum, uma revolução antinazi na Alemanha (cf. 1991: 119).

Nota-se, claramente, que não existe em Heimeran qualquer intenção de questionar o *status quo*. Penzoldt, seu cunhado e amigo, oficial da Wehrmacht, entre 1938 e 1944, ocupa vários cargos oficiais no pós-guerra, vindo a morrer, também ele, em 1955, alguns meses antes de Heimeran. Se bem que uma amizade nada de concreto possa dizer sobre o registo político do autor, que Raymond Williams considerava de grande importância na avaliação do valor social de qualquer obra criativa, a verdade é que, Penzoldt¹⁰⁵, cujas primeiras obras foram publicadas por Heimeran, terá mostrado sempre um certo distanciamento em relação ao regime nazi, não ousando, no entanto, utilizar a escrita para exorcizar os fantasmas desse período.

Se o primeiro conto, *Der erste Lehrer*, se passa antes da Primeira Guerra Mundial, o segundo, *Der Freund*, passa-se já próximo do armistício, pois encontramos, nele, uma referência ao presidente americano Woodrow Wilson, um modelo para o ‘Amigo’, que o imita ao criar doze artigos onde determinava tudo o que faria pelos seus alunos, libertando, deste modo, *toda a*

¹⁰⁵ Cf. http://de.wikipedia.org/wiki/Ernst_Penzoldt.

*sua benevolência*¹⁰⁶. Ao citar Wilson, Heimeran coloca-nos no tempo da história narrada:

Er begann sein wohlwollendes Freundestum mit der Verlesung von zwölf Artikeln, in denen er, wie es seit Wilson in Mode gekommen war, festlegte, was er alles für uns tun würde, sofern wir das unsrige täten.¹⁰⁷

Ele iniciou a sua “campanha” por uma amizade benevolente com a leitura de doze artigos, nos quais, como já vinha sendo hábito desde o tempo do presidente americano Wilson, determinava tudo o que faria por nós, contanto que fizéssemos o que nos competia.¹⁰⁸

Com esta referência velada e jocosa ao presidente americano, Heimeran aproveita, ao criticar o carácter desinteressante e ineficaz dos artigos, para, implicitamente, criticar os próprios *Fourteen Points*¹⁰⁹.

É interessante reflectir ainda sobre o facto de que tal como a Alemanha ‘fez de conta’, no período entre as duas grandes guerras, que respeitava os princípios proclamados por Wilson, também os alunos do professor de Latim, do ‘Amigo’, ‘faziam de conta’ que lhe prestavam atenção.

¹⁰⁶ Cf. TC, p. 77.

¹⁰⁷ Cf. TP, p. 76.

¹⁰⁸ Cf. TC, p. 77.

¹⁰⁹ The **Fourteen Points** were listed in a speech delivered by President Woodrow Wilson of the United States to a joint session of the United States Congress on January 8, 1918. This speech was intended to assure the country that the war was being fought for a moral cause and for peace in Europe after World War I. [...] . The speech was delivered over 10 months before the Armistice with Germany ended World War I, but the Fourteen Points became the basis for the terms of the German surrender, as negotiated at the Paris Peace Conference in 1919 and documented in the Treaty of Versailles. However, the United States Senate did not then ratify the Treaty of Versailles. Cf. http://en.wikipedia.org/wiki/Fourteen_Points. (30/11/2008.)

O conto *Burger* passa-se no período conturbado do fim da 1ª Guerra Mundial, em que até ao fim se alimentou o culto pela força do espírito alemão. De facto, naqueles tempos conturbados *der Kriegs- und Revolutionsjahre*¹¹⁰, a “palavra” tinha um enorme peso, sobretudo sempre que eram abordados textos como os que Burger utilizava nas suas aulas:

- *Friedrich und die Große Koalition*, Thomas Mann, 1915

Neste ensaio, Thomas Mann defende a invasão e conquista por Frederico II do Reino da Saxónia, sendo clara a analogia à situação de guerra que, então se vivia na Europa.¹¹¹

- *Die Weise von Liebe und Tod des Cornets*, Christoph Rilke, 1912

Este poema de Rilke tornou-se numa obra de culto durante a 1ª Guerra Mundial. As razões para tal sucesso, que, aliás, se manteve até 1945, deve-se ao facto de este poema possibilitar a identificação fácil do leitor com os protagonistas, vencendo o medo da própria morte e escondendo por detrás da estetização da guerra a falta de sentido da mesma.¹¹²

¹¹⁰ Cf. TP, p. 84.

¹¹¹ Cf. <http://www.jf-archiv.de/archiv00/230yy33.htm>. No trabalho “Thomas Mann und die Konservative Revolution”, Tobias Wimbauer escreve, nomeadamente, que „In dem Essay "Friedrich und die große Koalition" (1915) verteidigte Thomas Mann den Einmarsch Friedrichs II. in das Königreich Sachsen, die Analogie zur derzeitigen Kriegssituation war unübersehbar. In diesem Büchlein sind auch die feurigen "Gedanken im Kriege" und der "Brief an die Redaktion des Svenska Dagbladet" abgedruckt, in dem er sich sein "Drittes Reich" ersehnt, das die "Synthese von Macht und Geist" darstellt.“ (Última consulta 1/12/2008).

¹¹² Cf. <http://parapluie.de/archiv/unkultur/cornet/>. Bettina Krüger, num ensaio on-line afirma, nomeadamente, que Rainer Maria Rilkes Jugendliturgie *Die Weise von Liebe und Tod des Cornets* Christoph Rilke ist heute ein nahezu vergessenes Werk dieses Autors, obwohl es eines der meistgelesenen Bücher zwischen 1912 und 1945 war. Dennoch lohnt es sich, diesen Text aus der literaturgeschichtlichen Mottenkiste herauszuholen, da sich in der

Os títulos destas obras funcionam no texto como intertextos que nos remetem não tanto para os textos em si, quanto para uma certa leitura dos mesmos, isto é, para uma certa leitura que deles foi feita.

Heimeran, tal como o seu professor Franz Burger, vai assistir a partir do seu *Abitur*¹¹³ à ascensão do nazismo. Ele irá dedicar-se, então, à publicação de textos da Antiguidade Clássica. Tudo nos faz crer que nunca se comprometeu com o regime nazi. A sua obra editorial e literária mostra-nos o seu lado humanista, embora conservador, traços comuns a muitos autores alemães da *Innere Emigration*, que, embora dando algumas garantias ao hitlerismo, se afastaram dele espiritualmente.

O facto de o professor Burger rejeitar um lugar mais importante na sociedade académica revela já uma certa vontade de isolamento relativamente à sociedade de então:

Burger wurde wiederholt eingeladen, sich zu habilitieren oder wenigstens einen Lehrerauftrag zu übernehmen.¹¹⁴

O professor Burger foi, repetidas vezes, convidado a doutorar-se ou a aceitar, pelo menos, a regência de curso.¹¹⁵

A sua rejeição em assumir qualquer cargo era mesmo, por vezes, considerada como um acto ofensivo. Suponho, no entanto, que encontrava na sua escola e nos seus alunos o refúgio que procurava:

Rezeptionsgeschichte dieses Rilkeschen Jugendwerkes Stimmung und Ideologie der bürgerlichen Gesellschaft zur Zeit des Kaiserreiches und der Weimarer Republik am Vorabend zweier Weltkriege zeigen.

¹¹³ Cf. TP, p. 82.

¹¹⁴ Cf. TP, p. 84.

¹¹⁵ Cf. TC, p. 85, 87

Aber er wollte sich seiner Schule nicht entziehen.¹¹⁶

Mas ele não queria abandonar a sua escola.¹¹⁷

Pelas escolhas tradutivas que fui tomando, tentei tornar possível ao receptor do TC aperceber-se das tensões sociais subjacentes a um texto aparentemente asséptico.

¹¹⁶ Cf. TP, p. 84.

¹¹⁷ Cf. TC, p. 87.

4. Conclusão

Our ideas, our values, our acts, even our emotions, are, like our nervous system itself, cultural products – products manufactured [...]

Clifford Geertz, *The Interpretation of Cultures*, p. 50

Concordo com Boaventura de Sousa Santos, quando afirma que “a tradução é o procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo” (2006: 114), pois considero permitir a tradução, quando realizada com seriedade, a intercomunicação entre diferentes mundos, entre diferentes realidades sociais.

Os Estudos de Tradução e os Estudos Culturais parecem ser hoje áreas intrinsecamente ligadas, caso o nosso objectivo seja, através de uma tradução cuidada, ajudar a construir o *Outro*, mediando no processo de diálogo que se estabelece entre o receptor/leitor e o texto de chegada, só possível, a meu ver, caso o tradutor tenha entabulado diálogo idêntico com o texto de partida.

Não podemos também esquecer que o processo tradutivo contribui, decisivamente, para a construção da identidade, na medida em que esta é dada pela alteridade, pelo conhecimento do *Outro*.

A tradução desempenha um papel fundamental enquanto instrumento para um repensar do social a partir do passado. Mesmo obras de importância literária secundária podem, quando traduzidas com rigor, ajudar-nos a reconstruir a realidade humana passada e a pensar melhor a transformação.

Os contos traduzidos representam uma época passada de uma cultura outra que não a do receptor do texto de chegada. Ao tentar ler nas entrelinhas as marcas socioculturais e ao tentar transmitir essas marcas ao receptor do

TC, o tradutor está a possibilitar a emergência de um passado que poderá, eventualmente, contribuir para reequacionar a sociedade.

A meu ver, ser um bom tradutor significa não só ter um conhecimento profundo das línguas com que se trabalha, mas também conhecer profundamente a realidade cultural e social do *Outro*. Ao conviver diariamente com duas culturas diferentes, neste caso a alemã e a portuguesa, deparo-me, diariamente, com “confrontos” culturais, que, depois de esclarecidos, passam a enriquecer o mundo cultural dos interlocutores. No meu local de trabalho, a Escola Alemã do Porto, falamos, por isso mesmo, de “Encontro de Culturas” e não de encontro entre línguas diferentes.

Por último, creio ter ficado patente, neste trabalho, estar a literatura, enquanto expressão artística, intrinsecamente ligada à cultura. Daí o texto não se esgotar em si próprio. Por ele passam e passarão várias interpretações e linguagens, sendo o diálogo com o texto e entre os textos, se podemos assim dizer, um diálogo inacabável. É a interpretação, enquanto diálogo, a única que permite recobrar a liberdade humana. O sentido é, de facto, como define Tzvetan Todorov na sua introdução à edição francesa da obra *Estética da Criação Verbal* de Mikhail Bakhtin, esse “elemento de liberdade que trespassa a necessidade” (Bakhtin, 2006: XXXII). Se, na ordem do ser, a liberdade humana é relativa na ordem do sentido, ela é, por princípio, absoluta, já que o sentido nasce do encontro de dois sujeitos, encontro que recomeça eternamente (cf. *Ibid.*: XXXII) e que, no caso da tradução, é imprescindível.

5. Bibliografia

Apter, Emily (ed.) (2006), *The Translation Zone*, Princeton/Oxford, Princeton University Press.

Baumann, B e Oberle, B. (2000), *Deutsche Literatur in Epochen*, Max Hueber

Bakhtin, Mikhail (2006), *Estética da Criação Verbal*, São Paulo, Livraria Martins Fontes.

Beutin, W. et al. (1994) *História da Literatura Alemã*, Vol. II, Lisboa, Edições Cosmos.

Clifford, J. (2006), „On Collecting Art and Culture“, in Simon During (ed.) *The Cultural Studies Reader*, London/New York, Routledge.

Crowley, T. (1989), “Bakhtin and the history of the language” in Ken Hirschkop e David Shepherd (eds.) *Bakhtin and cultural theory*, Manchester/New York, Manchester University Press, pp. 68-90.

Dagerman, S. (1991), *Outono Alemão*, Lisboa, Antígona.

During, Simon (ed.) (2006), *The Cultural Studies Reader*, London/New York, Routledge.

Eco, Humberto (2005), *Dizer Quase a mesma Coisa Sobre a Tradução*, Lisboa, Difel.

Geertz, Clifford (1999), *The Interpretation of Cultures*, New York, Basic Books.

Hirschkop, Ken e Shepherd, David (eds.) (1989), *Bakhtin and cultural theory*, Manchester/New York, Manchester University Press.

Hobsbawm, Eric (2002), *A Era dos Extremos*, Lisboa, Editorial Presença.

Latour, Bruno (2005), *Reassembling the Social*, Oxford, Oxford University Press.

Milligan, Don (2007), *Raymond Williams: Hope and Defeat in the Struggle for Socialism*, publicado in www.studiesinanti-capitalism.net.

Newmark, P. (1995), *Approaches to Translation*, New York/London/Toronto/Sydney/Tokyo/Singapore, Phoenix Elt.

Nord, Christiane (2005), *Text Analysis in Translation*, Amsterdam/New York, Editions Rodopi B.V.

Pechey, G. (1989), "On the borders of Bakhtin" in Ken Hirschkop e David Shepherd (eds.), *Bakhtin and cultural theory*, Manchester/New York, Manchester University Press, pp. 39-67.

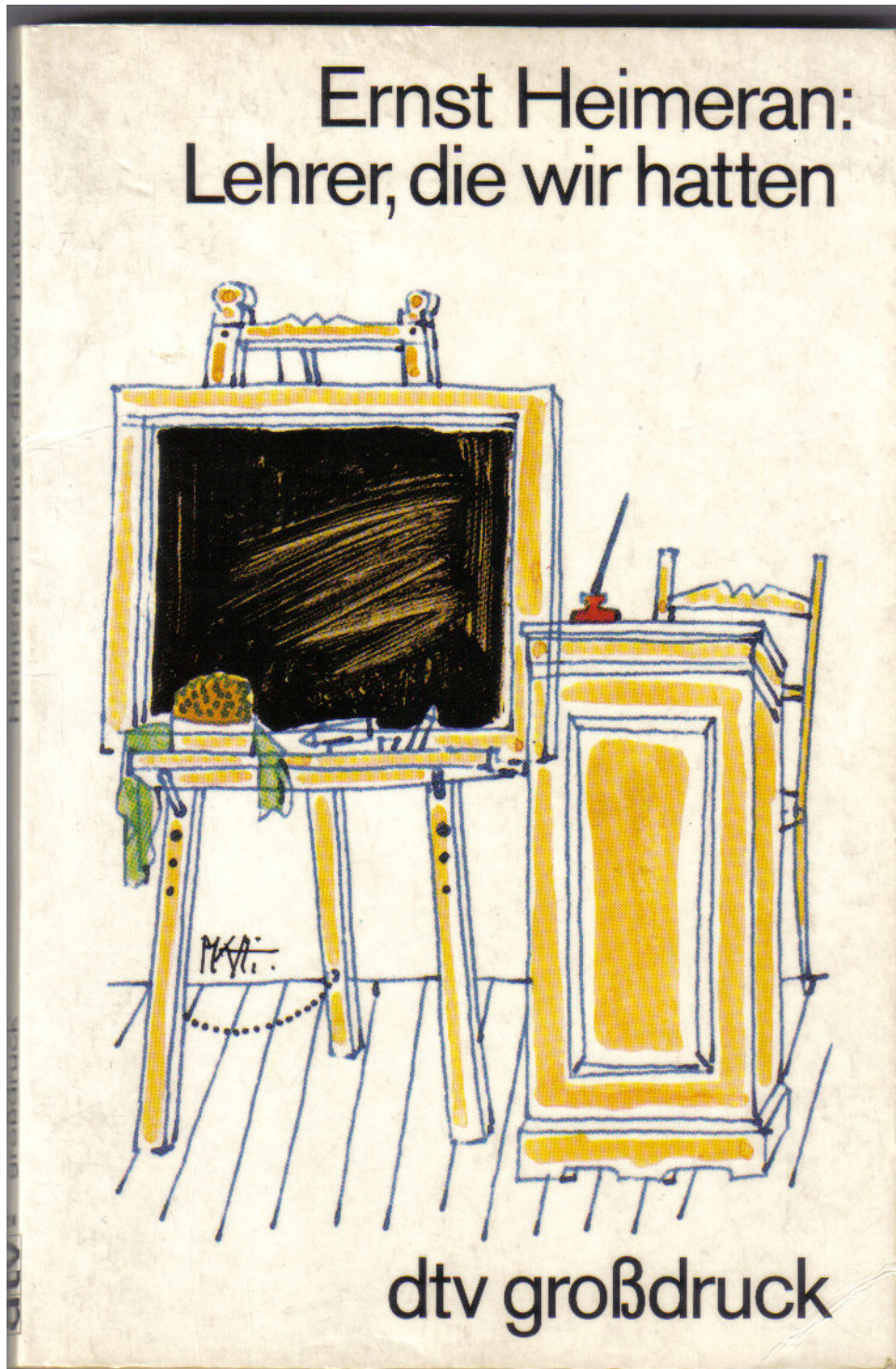
Reis, C. e Lopes, A. (1998), *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Livraria Almedina.

Santos, Boaventura de Sousa (2006), *A Gramática do Tempo: Para uma nova cultura política*, Porto, Edições Afrontamento.

Soares, Bernardo (heterónimo de Fernando Pessoa) (1982) "Livro do Desassossego", Lisboa, Ática, vol. I.

6. Anexos:

6.1 Texto de partida e texto de chegada



Ernst Heimeran:
Lehrer, die wir hatten

*Sich nicht zu wehren,
muß kein Zeichen von
Schwäche sein.*

Johannes 19, 1-3

*Mit den besten Wünschen
für Deine Zukunft*

Peter Shedel

Deutscher
Taschenbuch
Verlag

Westerholt, im Juli 1982

dtv

Nun sind sie wohl alle in den ewigen Ruhestand versetzt. Es tut ihnen nicht mehr weh, wenn ich von ihnen erzähle. Ich will ihnen auch nicht wehe tun. Vielleicht freute es sie sogar wahrzunehmen, wie tief sie sich dem Gedächtnis ihrer Schüler eingepägt haben. Denn nur das Ungewöhnliche haftet, beschäftigt und drängt nach Erkenntnis. Um dieses Erkennen war es mir zu tun, nicht ums Erlustieren, um ein Denkmal später Rührung und Dankbarkeit.

Por esta altura, já todos devem gozar de um merecido repouso, aposentados *ab aeternum*. Contar histórias sobre eles, já não os afectará. A minha intenção também não é a de lhes causar desconforto. Talvez até os alegre ver como deixaram marcas profundas na memória dos seus alunos, Pois só o extraordinário fica na memória ocupa o nosso pensamento e incita ao reconhecimento. Ora esse reconhecimento foi o que me moveu: não o divertimento, mas sim as memórias e, mais tarde, a emoção e a gratidão.

Der Erste Lehrer

Wir wohnten unten beim Pflasterzollhäuschen, in dem roten Kontorgebäude neben der Fabrik. Das Schulhaus lag oben am berg neben der Kirche. Die Straße lief am Fabrikgelände entlang, durchmaß den alten Anger und stieg an der Post und am Pfarramt vorbei zum Markt hinan; dann waren es nur noch ein paar Schritte. Ich stapfte diesen Weg seit Jahren mit dem gestickten Kinderschultäschchen. Jetzt ging ich ihn zum Erstenmal mit dem ledernen Schulranzen.

Als ich mit Mama aus der Wohnung in den Geschäftsflur herunterkam, trat Papa aus einem Privatkontor, an dem es hieß: »Kein Eingang, Comptoir nächste Tür!« Dazu eine Hand mit gestrecktem Ziegefingerring und vier geschlossenen Gliedern. Rechnete man den unsichtbaren Daumen hinzu, so kam man auf eine Sechsfingerhand.

»Du kennst ja den Weg«, sagte Papa, »du wirst dich schon allein zurechtfinden. Selbst ist der Mann!« und klopfte mir aufmunternd die Schulter, wie er es auf beschwerlichen Wanderungen zu tun pflegte.

Mama begleitete mich noch bis zum Vorgartentürchen, zupfte mir den Matrosenkragen zurecht, gab mir einen Kuss und sah mir nach, bis ich ums Angerwirthshaus herum verschwunden war.

Beim Bäcker, der einen bunten Wichtelmann im Schaufenster und eine steinerne Katze auf dem Schornstein hatte, wartete heimlich unsre Lore, die treue Seele, steckte mir eine Tüte mit Veilchenbonbons zu und weinte.

Auch manche Kinder, von ihren Müttern gezerrt, weinten und wollten nicht. So wurde ich einer der ersten, die mit dem Herrn Lehrer zu tun bekamen. Ich sagte ihm deutlich meinen Namen, wie es mir die Eltern eingeschärft hatten, und machte ein Kompliment. Dafür bugsierte mich der Lehrer eigenhändig in eine Bank. Dort saß ich eine gute Weile mitsamt dem geschulterten Schulranzen recht unbequem, indessen der Lehrer andere Kinder in Empfang nahm und die auf ihn einredenden Mütter abfertigte. Endlich hieß er uns alle aufstehen, die Ranzen unter die Bank schieben und beten. «Unsern Eingang segne Gott - -«

O Primeiro Professor

Vivíamos lá ao fundo, junto à casa com paredes em estuque da Alfândega, no edifício do entreposto comercial, de cor encarnada, junto à fábrica. A escola ficava mais acima, na colina, junto à igreja. A rua seguia ao longo do terreno da fábrica, atravessava a velha praça, depois subia, passando ao lado dos Correios e da paróquia, até chegar ao mercado. Depois eram só alguns passos até chegar à escola. Há anos que calcorreava este caminho com a minha pequena sacola bordada. Agora seguia-o, pela primeira vez, com a pasta de pôr às costas, em couro.

Quando descia de casa até ao corredor da loja com a minha mamã, o papá surgia do seu escritório privado que tinha uma placa a dizer: “Proibida a entrada, o balcão é na porta ao lado!”, a que se seguia uma mão com o indicador esticado e quatro dedos fechados. Se contássemos o polegar, que não se via, parecia uma mão com seis dedos.

“Já conheces o caminho”, disse o papá, “já és capaz de o fazer sozinho. Não é preciso a ajuda de ninguém!” e bateu-me nos ombros de forma encorajadora, como costumava fazer no caso de longas e cansativas caminhadas.

A mamã acompanhou-me ainda até ao portãozinho da entrada, endireitou-me a gola à marujo, deu-me um beijo e seguiu-me com o olhar até eu desaparecer ao virar a esquina da estalagem da praça.

Junto ao padeiro, que tinha um gnomo colorido na montra e um gato em pedra na chaminé, esperava-me, secretamente, a nossa santa Lore, que me deu para as mãos um saco de bombons de anis, enquanto chorava.

Algumas crianças, arrastadas pelas mães, choravam e não queriam ir. Assim, fui eu um dos primeiros a enfrentar o Sr. Professor. Disse-lhe, de forma clara, o meu nome, tal como me fora recomendado pelos meus pais, e fiz um cumprimento. Em razão disso, fui levado pela mão do professor até à carteira. Aí fiquei sentado, algum tempo, com a pasta às costas, o que não era nada confortável, enquanto o professor recebia outras crianças e se tentava ver livre das mães que não paravam de lhe falar. Finalmente, pediu-nos para nos levantarmos, para pôr a pasta debaixo da carteira e rezar. “Que este nosso começo seja abençoado por Deus...”

Ich konnte das Gebet aus der Kinderschule. Andere konnten es nicht. Die konnten aber vielleicht schon rechnen oder kratzten von Anfang an schön regelmäßig auf-ab-auf, Tüpfel drauf. Es gab also Unterschiede. Der erstaunlichste war der zwischen arm und reich. Der Herr Lehrer erläuterte ihn sehr sinnfällig. Er ließ den Möckel aufstehen und erklärte: » Der ist armer Leute Kind.« Dann hieß er mich aufstehen und erklärte: » Der ist reicher Leute Kind.« Wir sahen uns erstaunt an, der Möckel und ich. Wir spielten schon lange miteinander, aber das hatten wir noch gar nicht gewußt. «Die Reichen sind die, die das Geld haben«, sagte der Lehrer, » die Armen gehen barfuß.« O wie beneidete ich den Möckel, daß er barfuß gehen durfte! Und alle Wochenende bekam er daheim fünf Pfennig Sonntagsgeld und konnte sich Süßholz davon kaufen. Ich bekam daheim kein Sonntagsgeld, und wenn mich der Möckel nicht manchmal hätte mitzullen lassen, hätte ich auch kein Süßholz gehabt. Das war der Unterschied!

» In der Schule dagegen«, fuhr der Lehrer fort, denn darauf wollte er hinaus, » in der Schule gibt es keinen Unterschied. Jeder muß aufpassen, keiner darf schwätzen, und wer seine Aufgabe nicht macht, bekommt das Stöckchen.« Er legte es deutlich sichtbar aufs Pult, ein geschmeidiges Weinrebenstöckchen, wie wir es für unsere Bogen und Papierdrachen verwendeten. In der Schule diente es, um uns auf die Hände und auf die Hosen zu klopfen. Das war allerdings ein Unterschied!

Er wahr sehr streng, der Herr Lehrer, und schon recht grau. Schnurrbart und Spitzbart trug er ähnlich wie Papa, kurz geschnitten. Wenn er unzufrieden mit uns war, spannte er, von Bank zu Bank gehend, einem nach dem andern die Hosen, da gab es keinen Unterschied. Es klang wie Teppichklopfen; man gewöhnte sich daran.

Eu já sabia a oração do jardim-escola. Outros ainda não a sabiam. Mas esses, se calhar, já sabiam fazer contas e escrevinhar, desde o início, de forma regular, para cima e para baixo, com o trema e tudo. Existiam, portanto, diferenças. A mais assombrosa era a existente entre pobres e ricos. O Sr. Professor explicou-a de forma muito manifesta. Mandou o Möckel levantar-se e explicou: “Este aqui é filho de gente pobre.” Depois mandou-me levantar a mim e explicou: “Este é filho de gente rica.” Möckel e eu olhamos admirados um para o outro. Há muito tempo que já brincávamos juntos e nunca soubéramos disso. “Os ricos são aqueles que têm o dinheiro”, disse o professor, “os pobres andam descalços.” Oh! Como eu invejava o Möckel por poder andar descalço! E todos os fins-de-semana ele recebia cinco centavos de semanada, ao domingo, para poder comprar pau-doce. Eu, em casa, não recebia semanada ao domingo, e se o Möckel não me tivesse, às vezes, deixado chupar um pouco do dele, também nunca teria tido pau-doce. Era essa a diferença.

“Na escola, no entanto,” continuou o professor, pois era aí que ele queria chegar, “na escola, não existe nenhuma diferença. Todos têm de estar atentos, ninguém pode conversar, e quem não fizer os trabalhos, leva uma vergastada. Colocou a vara de forma bem visível, em cima da secretária, um pauzinho de vide flexível, tal como utilizávamos para fazer os nossos arcos e papagaios de papel. Na escola servia para nos baterem nas mãos e no rabo. Sem dúvida, que isso constituía uma diferença!

Ele era muito severo, falo do Sr. Professor, e bem grisalho. Usava bigode e pêra como o papá, ambos bem aparados. Quando não estava satisfeito connosco, ia de carteira em carteira, distribuindo vergastadas no rabo a toda a gente. Nisso, não havia diferenças. O som lembrava o varar de tapetes, mas a gente acabava por se habituar.

Alle Morgen nach dem Gebet mußten wir unsere Taschentücher vorweisen. Da bewimpelte sich die Klasse in allen Schattierungen, und es rieselte Fichtennadeln, die Reste von Schwammerlingen und allerlei getrockneten Unrat auf Tafeln und Bänke herab. Wenn man sein Sacktuch nur nicht vergessen hatte! Denn sonst wurde man an den Papierkorb kommandiert und dort von Herrn Lehrer zur Strafe eigenhändig und höchst unsanft mit Briefumschlägen oder Butterbrotpapier geschneuzt, ob man des Schneuzens bedürftig war oder nicht – eine hygienisch anfechtbare, aber erzieherisch außerordentlich wirksame Prozedur. Ich bin seit diesem Tage nie ohne Taschentuch und jederzeit in der Lage, damit auszuhelfen, falls es jemanden in der Familie, meiner Frau beispielsweise, nicht zur Hand sein sollte.

Und so muß wohl jeder in der Klasse für irgend etwas dankbar sein, was ihm damals ausgetrieben oder eingebleut worden, mag er sich dessen ersten Lehrers vielleicht ebenfalls nicht mehr entsinnen, wenn er mich gegen Ende des dritten Schuljahres nicht eines Tages eine Wohnung bestellt hätte.

Ich wußte genau, wo er wohnte: in einem einsamen Hause am Buchberg; man konnte es unten von unserem Garten aus liegen sehen. Wenn über unseren Tennisplatz schon Schatten fielen, blitzte das Schieferdach des Lehrerhauses noch in der Abendsonne. Noch nie war aber einer von uns drinnen gewesen.

Lange vor der befohlenen Zeit drückte ich mich in der Vogelbeerallee herum, die zu dem Hause führte. Der schöne freie Mittwochnachmittag! Da wollten wir Soldaten spielen. Ich hatte Zettel angefertigt, auf denen zu lesen stand, was jeder sein sollte: Sergeant, Feldwebel, Leutnant, Hauptmann, Major, eine Armee aus lauter Chargen, denn dann spielte jeder gerne mit. Ich hatte mich natürlich zum General gemacht und meinen Freund Kurt zum Adjutanten; er sollte die Zettel austragen und jeden Mitspieler ziehen lassen. Um drei Uhr wollten wir uns am schwarzen Holz sammeln. Ich bangte, ob ich nicht zu spät käme. Mein Onkel General war so ein Vorbild an Pünktlichkeit!

Todas as manhãs, após a oração, tínhamos de mostrar os nossos lenços. Nesse momento, a turma decorava-se de todas as formas: choviam carumas, restos de cogumelos e todo o tipo de imundície seca, por cima de bancos e carteiras. E isto se não nos esquecêssemos do lenço! Se, contudo, fosse esse o caso, éramos chamados junto ao cesto dos papéis, onde o Sr. Professor, com as suas próprias mãos, nos assoava, de forma pouco suave, a envelopes ou papéis de embrulhar as sandes, tivéssemos, ou não, necessidade de o fazer – um procedimento, do ponto de vista da higiene, contestável, mas extremamente eficaz, do ponto de vista educativo. Desde esse dia que nunca saio de casa sem um lenço e estou sempre preparado a emprestá-lo, caso alguém da família, a minha mulher, por exemplo, não tenha o seu à mão.

E todos os elementos da turma devem estar agradecidos por algo que, nessa altura, lhes foi suprimido ou inculcado, mesmo que não estejam conscientes disso. E talvez também eu não me recordasse, hoje, desse primeiro professor, caso ele não me tivesse chamado um dia a sua casa, no final do 3º ano de escolaridade.

Eu sabia exactamente onde ele morava - numa casa isolada em Buchberg. Era possível vê-la lá de baixo, a partir do nosso jardim. Quando a sombra já invadia o nosso campo de ténis, o telhado em ardósia da casa do Sr. Professor ainda brilhava sob os últimos raios de sol. Mas, ainda nenhum de nós tinha estado lá dentro.

Muito antes da hora marcada, eu já vagueava ao longo da alameda de sorveiras-bravas, que levava até à casa. A bela tarde livre de quarta-feira! Era quando queríamos brincar aos soldados. Eu tinha preparado papéizinhos, onde se podia ler qual o posto de cada um: sargento, sargento-mor, tenente, capitão, major, um exército cheio de altos cargos, pois, assim, todos gostavam de jogar. Naturalmente que eu me tinha nomeado general, sendo o meu amigo Kurt o meu ajudante. Ele tinha de distribuir os papéis e deixar cada jogador tirar um à sorte. Às três horas, íamo-nos encontrar junto à mata negra. Temia não chegar a horas. O meu tio general era um exemplo de pontualidade!

Als es von der Kirche herüber zwei Uhr schlug, ging ich ins Lehrerhaus hinein und klopfte an der nächstbesten Türe. Eine Haushälterin öffnete. » Du willst zum Herrn Lehrer? Wart nur!« sagte sie, wie drohend, verließ die Küche und schob mich in eine Stube hinein. Der Herr Lehrer saß am Tisch und löffelte Weisbrotbrocken aus einer großen Tasse Kaffee. Bei uns daheim war es nicht erlaubt einzubrocken. Auf der rotgestickten Leinentischdecke lag eine Schnupftabaksdose, daneben ein Stoß von Notizkalenderzetteln. Ich erkannte sie gleich an dem oberen Zackenrand und an den unteren gerundeten Ecken. Meine Armeepatente waren in fremde Hand gefallen.

» Hast du das da geschrieben?« fragte der Lehrer, brockte noch einmal Brot in den Kaffee und löffelte. Trotz des herrlichen Wetters trug der Herr Lehrer eine Mütze, eine sogenannte Patschkappe. An den geschlossenen Fenstern surrten Fliegen.

Ich gab keine Antwort. Ich nahm die Frage nicht als Erkundigung, sondern als Einleitung eines Strafgerichtes. Ob mich der Lehrer nun überlegen und versohlen oder womöglich zwangsschneuzen würde?

Statt dessen beschäftigte er sich mit seiner eigenen Nase, füllte sie links und rechts mit einer Prise, verhüllte sein Haupt mit einem blaugrau karierten Taschentuch (aus unserer Fabrik!) und nieste gewaltig.

»Nun, hast du diese Zettel da geschrieben? « wiederholte er aufmunternd, indem er sein Taschentuch genießerisch zusammenfaltete.

»Ja«, gestand ich.

»Setz dich«, gebot er.

Ich setzte mich neben ihn an die Seite, wo » Tages Arbeit « in die Tischdecke gestickt war. Der Herr Lehrer seinerseits hatte den Teil des Spruches inne, der »abends Gäste« empfahl, obwohl das nicht auf ihn paßte. Denn als Junggeselle saß er alle Abend im Kadesreuther, einen Wirtshaus. das mit der gleichen Art von Tischdecken ausgestattet war, wie ich sie hier bei m Herrn Lehrer antraf. Vielleicht hatte sie ihm Kadesreuthers Georgine selbst verehrt? Ich dachte nur: also er haut

Quando o relógio da igreja bateu as duas horas, dirigi-me a casa do professor e bati à primeira porta que encontrei. A governanta abriu a porta. “É para o Sr. Professor? Espera um pouco!” disse ela, como que a ameaçar. Deixou a cozinha e empurrou-me para dentro de uma sala.

O Sr. Professor estava à mesa e comia, com a colher, bocados de pão branco de uma grande chávena com café. Em nossa casa, não era permitido meter bocados de pão dentro das chávenas. Em cima da toalha de linho bordada a vermelho, estava uma caixa de rapé, tendo ao lado um monte de papéis de apontamentos. Reconheci-os logo pela beira superior denteada e pela inferior arredondada. As minhas patentes do exército tinham caído em mãos alheias.

“Foste tu que escrevestes isto?” perguntou o professor, partiu mais pão para dentro do café e mexeu com a colher. Apesar do tempo estar excelente, o Sr. Professor trazia um chapéu impermeável, próprio para dias de chuva. Junto às janelas fechadas zoavam moscas.

Não dei nenhuma resposta. Eu não tomei a pergunta como uma inquirição, mas sim como prelúdio de um castigo. Será que o professor ia obrigar-me a inclinar-me para me dar uns açoites ou será que ia optar por uma assoadela coerciva?

Em vez disso, ocupou-se com o seu próprio nariz, encheu a narina esquerda e a direita com uma pitada de rapé, tapou a cabeça com um lenço aos quadradinhos azuis e cinzentos (da nossa fábrica!) e espirrou com força.

“Com que então escreveste estes bilhetinhos?” repetiu ele de forma animadora, dobrando o seu lenço, com um enorme prazer.

“Sim”, confessei.”

“Senta-te”, ordenou ele.

Sentei-me ao lado dele, onde estavam bordadas, na toalha de mesa, as palavras “De dia trabalhar”. O Sr. Professor, por sua vez, tinha do seu lado o resto do ditado que recomendava “à noite, descansar”, se bem que não condissesse com ele. Pois, como solteirão que era, estava, todas as noites, na casa de pasto *Kadesreuther*, dotada com o mesmo tipo de toalhas de mesa, que vim encontrar, aqui, em casa do Sr. Professor. Quem sabe se não foi a própria Georgina da “*Kadesreuther*” que lha ofereceu? Eu só pensava: bem,

dich nicht. Und er schnäuzt dich auch nicht. Denn dazu hatte er dich doch nicht Platz nehmen lassen. üb er dir vielleicht eine Strafarbeit aufgeben wird?? Etwa hundertmal den Satz: »Du sollst nichts Müßiges schreiben! « Vielleicht hatte es geholfen, und ich wäre nie Schriftsteller geworden.

»Wozu hast du denn die Zettel geschrieben? « erkundigte er sich und jagte mit der

hohlen Hand nach einer großen Schmeißfliege.

»Ich hab sie nicht in der Schule geschrieben«, beteuerte ich.

»Das seh ich. Die Zettel sind ja gestempelt. Ich hab sie aber in der Schule erwischt. Wo hattest du denn die Stempel her? «

»Von meinem Vater.«

»Wie? Dein Vater gibt dir die Stempel vom Stadtmagistrat von der Gemeinédiakonie, vom Handelsgremium, von der Baugenossenschaft zum Spielen? «

»Nein. Gegeben hat er sie mir nicht. Papa ist verreist. Die Stempel liegen auf seinem Pult. «

»Aha. Und was denkst du. dass dein Vater tut. wenn er von der Reise zurückkommt und erfährt, daß du seine Amtsstempel benützt hast? «

Ich zog vor, es mir nicht auszudenken.

»Das ist nämlich Urkundenfälschung, Bürschchen, Amtsanmaßung. Was hast du denn damit bezweckt?«

»Daß, daß - -, es tut doch jeder viel lieber mit beim Soldatenspiel, wenn er gestempelt ist! «

Der Lehrer stand auf und wandte sich ab. Ich vermute heute, daß er ein Lächeln verbergen wollte. Mir freilich war gar nicht lächerlich zumute.

»Wir wollen deine Urkunden einmal durchnehmen«, sagte der Lehrer und setzte sich wieder.» Da steht: Du bist Maschor. Stempel: Handelsgremium von Oberfranken. Al so erstens: Man schreibt nicht Maschor, wenn die Leute hier auch so sagen, man schreibt Major. Das ist ein Fremdwort. das will ich dir nicht als Fehler anrechnen. Aber bess're es aus. «

parece que ele não te vai bater. Nem tão pouco te vai assoar. Pois, se assim fosse, não te teria dito para te sentares. Será que te vai dar um trabalho de casa extra como castigo?! Talvez, escrever cem vezes a frase: “Tu não deves escrever coisas inúteis!” Talvez isso tivesse ajudado a que eu nunca me tivesse tornado escritor.

“Final, para que escreveste tu estes bilhetinhos?”, questionou ele, enquanto perseguia com a palma da mão uma grande mosca varejeira.

“Não os escrevi na escola”, afirmei.

“Isso vejo eu. Os papéis estão carimbados. Mas eu apanhei-os na escola. Onde é que arranjaste os carimbos?”

“São do meu pai.”

“Como? O teu pai dá-te os carimbos do conselho municipal, dos serviços sociais da comunidade, do grémio comercial, da cooperativa de construção, para tu brincares?”

“Não. Dar ele não mos deu. O papá está de viagem e os carimbos estão em cima da sua escrivaninha.”

“Pois é. E o que é que achas que o teu pai irá fazer, quando regressar de viagem e souber que tu utilizaste os seus carimbos de serviço? «

Preferi nem imaginar.

“No mínimo, meu menino, trata-se aqui de falsificação de documentos, de usurpação de autoridade. Que pretendias com isso?”

“Que, que... É que todos gostam mais de participar no jogo dos soldados, quando tudo está carimbado!”

O professor levantou-se e virou-me as costas. Hoje, julgo que ele queria esconder um sorriso. Quem não estava com vontade nenhuma de se rir era eu.

“Vamos lá examinar os teus documentos”, disse o professor e voltou a sentar-se.” Aqui está: tu és *Maxor*. Carimbo: Grémio Comercial da Alta Francónia. Ora, primeiro: não se escreve *Maxor*, apesar das pessoas daqui dizerem assim, escrevesse Major. Como é um estrangeirismo, não te vou contar como erro. Mas corrige.”

Er gab mir Feder und rote Tinte und ließ mich ein j malen.

»Und zweitens: Weißt du denn überhaupt, was das ist, ein Handelsgremium? Nein?

Dann schneiden wir den Stempel lieber weg. Da hast du eine Schere. «

So saßen wir und bearbeiteten die Offizierspatente. gerade als spielten wir selber Soldaten miteinander, der Herr Lehrer und ich, korrigierten gemeinsam die Rechtschreibfehler und üben die verfänglichen Stempelabdrucke unter dem Tisch fallen. Den Zettel Sergeant fertigten wir sogar neu an, denn da hätten wir gleich drei Rechtschreibfehler korrigieren müssen, und das hätte selbst für einen Sergeanten zu schlecht ausgesehen. So wurde sein Zettel nun der allerschönste, ganz in rot. Ja der Herr Lehrer malte sogar eigenhändig noch sein »Vidi« darunter.

»Und jetzt lauf«, sagte er.

Ich folgte ihm aufs Wort und rannte davon.

»Halt, halt, vergiss deine Zettel nicht! « rief er mir nach.

So kehrte ich noch einmal zurück und bin nun auch nach so vielen, vielen Jahren noch einmal zu meinem ersten Lehrer zurückgekehrt, um ihm dankend die Hand zu geben, die ich ihm damals schuldig geblieben war. Möge sie zugleich allen denen gegeben sein, die wie er ihr zartes Herz in einem rauen Kittel verbergen.

“Deu-me uma pena e tinta vermelha e deixou-me desenhar um “j”.

“Segundo: sabes, afinal de contas, o que isto é, um grémio comercial? Não? Então é melhor cortarmos o carimbo. Tens aí uma tesoura.”

Assim, estivemos nós ali sentados a corrigir as patentes dos oficiais, quase como se estivéssemos nós próprios a brincar aos soldados, o Sr. Professor e eu. Corrigimos em conjunto os erros ortográficos, deixando cair os carimbos comprometedores para debaixo da mesa. O papel relativo ao sargento foi até por nós redigido de novo, pois aí eram logo três os erros ortográficos a corrigir, e isso, mesmo para um sargento dava muito mau aspecto. Assim, o seu papel era agora o mais bonito, todo a vermelho. Sim, o Sr. Professor até escreveu em baixo, com a sua própria mão, “Visto”.

“E agora vai-te lá depressa embora”, disse ele.

Segui à risca as suas palavras e saí logo dali a correr.

“Espera aí! Não te esqueças dos teus papéis!”, gritou ele para mim.

Assim, voltei atrás outra vez e, mesmo agora, volvidos tantos anos, voltei ao meu primeiro professor para lhe estender a mão agradecidamente, gesto que lhe fiquei a dever na altura. Que seja estendida a todos aqueles, que, como ele, escondem o seu bondoso coração por baixo de uma capa de austeridade.

Der Freund

Er hieß nicht Freund, er nannte sich nur Freund, unsern Freund nämlich. Er trat in jener Klasse, in der man zum Erstenmal gesiezt, mit einer umfangreichen Proklamation des Wohlwollens vor uns hin, wozu sich sein Fach, das Fach Latein allerdings nicht besonders eignete. Latein ist weniger durch Wohlwollen zu erlernen, wie ich aus Erfahrung versichern kann, der ich ihm stets freundlich, aber nie sehr eifrig zugetan war, als vielmehr durch Bemühung. Bemühung wird aber bei Schülern leider nicht durch nachsichtiges Wohlwollen, sondern durch wohlwollende Unnachgiebigkeit gefördert. Das ist eine grausame, manche pädagogische Illusion zerstörende Erkenntnis. Aber Latein ist nun einmal keine Sprache der Illusion.

Der Freund sagte, die Lehrer würden von den Schülern häufig als Feinde betrachtet. Er aber sei fest entschlossen, unser Freund zu heißen und alles Wohlwollen über uns auszugießen.

Er begann sein wohlwollendes Freundestum mit der Verlesung von zwölf Artikeln, in denen er, wie es seit Wilson in Mode gekommen war, festlegte, was er alles für uns tun würde, sofern wir das unsrige täten. Einer dieser halb im liturgischen, halb im lateinischen Übungsbuchstil abgefassten Artikel lautete:

» Wohl mit Recht wird das Schwätzen während des Unterrichts zu den nicht geringsten Unarten von Seiten der Schüler gerechnet. Es steht aber geschrieben: du sollst nicht schwätzen! Wenn ihr aber, meine lieben jungen Freunde, dieses Gebot haltet, dann wird euer wohlwollender Lehrer wie ein Vater alles vor euch ausbreiten, was immer er sich an Interessantem und Wissenswertem in mühevollen Arbeitsstunden, wo auch immer, angeeignet hat.«

O Amigo

Ele não se chamava amigo, apenas se designava como tal: o nosso amigo. A sua aparição deu-se no ano, em que, pela primeira vez, somos tratados na terceira pessoa, proclamando, com grande alarde, a sua benevolência para connosco, o que, porém, não se adequava lá muito à sua disciplina, o Latim. O conhecimento de Latim não se adquire tanto através da benevolência, como posso garantir por experiência própria, quanto através de muito esforço e, apesar da minha simpatia por esta disciplina, nunca lhe dediquei muito interesse nem trabalho. O esforço dos alunos é, infelizmente, fomentado não através de uma benevolência indulgente, mas sim através de uma intransigência benevolente. Isto é um reconhecimento cruel e destruidor de certas ilusões pedagógicas. Mas, o Latim não é, sem dúvida alguma, uma língua da ilusão.

O amigo dizia, que os professores eram, frequentemente, encarados pelos alunos como inimigos. Ele estava, contudo, determinado a tornar-se nosso amigo e a libertar toda a sua benevolência sobre nós.

Ele iniciou a sua “campanha” por uma amizade benevolente com a leitura de doze artigos, nos quais, como já vinha sendo hábito desde o tempo do presidente americano Wilson, determinava tudo o que faria por nós, contanto que fizéssemos o que nos competia. Um desses artigos, escritos, meio ao estilo litúrgico, meio ao estilo do livro de exercícios de latim, rezava assim:

“È talvez com razão que a tagarelice durante a aula seja tida por um dos mais frequentes maus hábitos dos alunos. Contudo, está, posto por escrito: não debes tagarelar! Se, todavia, os meus caros jovens amigos cumprirem com este mandamento, o vosso benevolente professor irá, perante vós, desfiar tudo o que de interessante e importante ele adquiriu, ao longo de árduas horas de trabalho e nos mais diversos lugares”

Der Freund trug dies in einem Tone vor, als sei er *Rhetor* auf altrömischen Märkten. Bald sandte er die Blicke gefühlvoll zum Himmel empor, zu unserem schon ein wenig staubigen Schulzimmerhimmel, bald senkte er sie zur Stützung des Gedächtnisses in sein Manuskript. Nach jedem der zwölf Artikel machte er eine kleine Verbeugung und wischte sich mit dem Zeigefinger der Linken befriedigt den Mund.

Ein wenig belustigt und ein wenig erstaunt folgten wir seinem Redefluß, nachgerade auch ein wenig schläfrig. Sonderbar, daß oft gerade die kunstvollsten Reden so müde machen. Bei Cicero erging uns das später noch öfter so. Der Freund schien sogar allmählich an seiner eigenen Deklamation einzuschlafen. Die Pausen zwischen den einzelnen Artikeln wurden immer länger. Mack rief sogar ein voreiliges »Bravo!« dazwischen, weil er nicht richtig mitgezählt hatte und die zwölf Artikel bereits beendet glaubte. Der Freund wollte sie durch die Pausen aber wohl nur tiefer auf uns wirken lassen.

Von nachhaltiger Wirkung war indes nur der Artikel, der da handelte vom aufmerksamen, freimütigen Fragen, in dem wir gehalten wurden, uns immer sogleich zu melden, wenn wir etwas, was auch immer, nicht wüßten oder verständen:

» Wenn ich etwas nicht weiß oder begreife, will ich bei meinem wohlmeinenden Freund und Lehrer um Aufklärung nachsuchen, auf daß ich es sogleich erfahre. Denn mein Freund wird mir stets Rede stehen. «

Es war fortan erstaunlich, was wir alles nicht wußten und was uns dunkel geblieben war. Wir gaben uns die erdenklichste Mühe, etwas Fragwürdiges auszuknobeln und legten einen wahrhaft sokratischen Frageeifer an den Tag. So wie einst Jank im Religionsunterricht den guten Kohler dadurch in Verlegenheit gebracht hatte, daß er sich naiv erkundigte: » Warum heißt es denn, Herr Professor, ‚Adam erkannte sein Weib‘? Er hat sie doch schon gekannt? «, so setzten wir nun allesamt dem Freund mit unserer lateinischen Wißbegierde zu.

O amigo expôs tudo isto num tom que mais parecia um tribuno num antigo mercado romano, umas vezes erguendo para o céu um olhar cheio de emoção, melhor dizendo, para o céu já um pouco poeirento do tecto da sala de aula, outras vezes baixando os olhos, à procura de apoio para a memória no seu manuscrito. Após cada um dos doze artigos, inclinava-se ligeiramente e limpava, com satisfação, a boca com o indicador da mão esquerda.

Algo divertidos e algo admirados, seguíamos a corrente do seu discurso, acabando por ficar algo sonolentos. É estranho, mas, muitas vezes, são exactamente os discursos mais elaborados que mais nos maçam. No caso de “*Cícero*”, aconteceu-nos a mesma coisa, só que ainda mais vezes. O nosso amigo parecia até ir adormecendo, gradualmente, em resultado da sua própria declamação. Os intervalos entre cada artigo foram-se tornando cada vez mais longos. Até Mack, precipitado, exclamou “Bravo!” a meio, pois tinha contado mal e julgava já terminados os doze artigos. Contudo, o nosso amigo, com esses intervalos, certamente que apenas queria fazer com que os artigos penetrassem mais profundamente nas nossas mentes.

Mas apenas um artigo teve um efeito eficaz. Aquele que tratava do colocar atento e sincero de questões e em que éramos exortados a pôr o dedo no ar, sempre que não soubéssemos ou compreendéssemos fosse o que fosse.

“Quando não sei ou não compreendo alguma coisa, procurarei junto do meu bem intencionado amigo e professor a necessária explicação que logo receberei. Pois o meu amigo irá sempre responder.”

De aqui em diante, era espantosa a quantidade de coisas que desconhecíamos e tudo quanto, em nossas mentes, permanecera pouco claro. Esforçávamo-nos ao máximo por descobrir algo digno de ser questionado, manifestando um zelo francamente socrático nas questões que colocávamos. Tal como o Jank, quando, certa vez, na aula de Religião, deixou embaraçado o bom Kohler, questionando-o inocentemente: “Senhor professor, porque é que

Den übrigen Artikeln widmeten wir dagegen weniger Aufmerksamkeit, obwohl wir sie auf Verlangen unseres wohlmeinenden Freundes allesamt durch Erheben von den Plätzen angenommen hatten; denn fern lag uns jede unnötige Kränkung.

Daher sah sich der Freund beim Herausgeben der ersten lateinischen Schulaufgabe folgendem Memento veranlasst:

» *Memento, mi amice, quae a legibus provideantur?* gedenke, mein Freund, der Bestimmungen der Gesetze! Gedenke doch der Artikel, gedenke doch des Artikels 3: -Ich will nicht abschreiben! - dennoch habe ich bei dieser Schularbeit Abschreiben bemerkt! «

Hier faltete der Freund sein wohlwollendes Runzelgesicht in die harten Brüche der Seelenqual und widmete sich mit kleiner Rumpfbeuge vorwärts einer stillen Gedächtnisminute. Dann, sich wieder aufrichtend und Hoffnung schöpfend, gab er seiner Kummerstimme einen Freudenstoß und rief uns verklärt zu: »Dahingegen stehe ich nicht an, diejenigen, die nicht abgeschrieben haben, ehrenvolle Jünglinge zu heißen!«

Wer hätte einem solchen Übermaß von Wohlwollen, einer solchen geradezu penetranten Sanftmut auf die Dauer widerstehen können! Wir paßten also künftig beim abschreiben besser auf, damit es dem Freund nicht in die Augen steche und er nicht irre würde an uns ehrenvollen Jünglingen, schwätzten auch nur ganz leise, so daß er es bei seiner Schwerhörigkeit gar nicht bemerkte, fragten auch nur noch mit Maß und Ziel, spielten im Mündlichen immer geschickt unsere besten Lateiner aus und wiegten ihn so im festen Glauben von der erzieherischen Allmacht des Wohlwollens. Und unversehens schlich darüber wirklich etwas von ihrer Liebeskraft in unsere Schülerherzen und machte uns zu gefügigen und ganz passablen Lateinern.

se diz – ‘Adão reconheceu sua mulher’?¹¹⁸ Mas então ele já a conhecia?”, assim nós sacrificávamos o nosso amigo com a nossa ânsia de aprender latim.

Aos outros artigos dedicávamos, no entanto, menos atenção, apesar de, sempre que requerido pelo nosso bem intencionado amigo, todos nós os aprovamos, levantando-nos dos nossos lugares, pois longe de nós estava causar qualquer agravo desnecessário.

Por essa razão, viu-se o nosso amigo obrigado a fazer uma chamada de atenção, aquando da entrega do primeiro exercício de Latim:

“Memento, mi amice, quae a legibus provideantur! Lembra-te, meu amigo, do que as leis determinam! Lembra-te dos seus artigos, lembra-te sempre do artigo 3º: Não devo copiar! Todavia, notei, neste exercício, que houve quem copiasse!”

Neste ponto o nosso amigo retraía o seu rosto, benevolente e enrugado, para as duras profundezas do tormento da sua alma e, inclinando o tronco ligeiramente para a frente, dedicava-se a um minuto de reflexão. Depois, pondo-se, de novo, direito e fomentando a expectativa, imprimia um tom amigável à sua voz desgostosa, e exclamava, transfigurado: “Mas não tenho dúvidas em considerar honrados, aqueles que não copiaram.”

Mas quem poderia resistir, durante muito tempo, a um tal excesso de benevolência, a uma tal penetrante brandura! Passámos, assim, daí em diante, a ter mais cuidado ao copiar, de modo a não saltar à vista do nosso amigo e ele não perdesse a confiança nos seus honrados jovens. Também só conversávamos em voz muito baixinha, de modo a que ele, devido à surdez, não se apercebesse de nada, colocávamos apenas questões com peso e medida, apostávamos com habilidade nos nossos melhores conhecedores de Latim, na oral, e, assim, o íamos embalando na sua sólida crença no poder educativo absoluto da benevolência. E, inesperadamente, entrou, realmente, um pouco dessa força afável nos nossos corações de alunos, e transformou-nos em dóceis e bastante aceitáveis conhecedores de Latim.

NdT: Tradução segundo a versão luterana da Bíblia.

Bis zum Abitur, vier Jahre lang, ließ sich der Freund uns ehrenvolle Jünglinge nicht mehr aus der hand nehmen. Er würdigte uns seiner Lieblingslektüre, Ciceros Abhandlung über das Greisenalter, die allerdings große Anforderungen an unser Wohlverhalten stellte, denn wir fanden sie schrecklich langweilig, und trieb zur Belohnung mit uns moderne lateinische Konversation, so etwa: »*Visne concreta sint an fluida ova?* – Wünschen Sie harte oder weiche Eier? *Certir de causis hodie malo pisces frictum aceto perfusum!* – Aus gewissen Gründen ziehe ich heute einen Bismarckhering vor!«

Schließlich las er uns sogar Perlen deutscher Lyrik vor, ins Lateinische nach horazischen Metren übertragen von ihm, dem Studienrat und Freunde.

So daß auch von ihm, dem Wohlwollenden, schließlich das große versöhnende Wort gelten durfte: Und Du hast doch gesiegt!

Até ao exame final do liceu, durante quatro anos, o nosso amigo não nos deixou, a nós honrados jovens, escapar das suas mãos. Ele honrou-nos com a sua leitura preferida de Cícero, sobre a velhice, o que, aliás, muito exigia do nosso bom comportamento, pois achávamo-la extremamente monótona. Como recompensa, ele praticava connosco conversação moderna em Latim, como por exemplo: “*Visne concreta sint an fluida ova?* – Deseja ovos bem ou mal cozidos? *Certir de causis hodie malo pisces frictum aceto perfusum!* – Por certas e determinadas razões, hoje, prefiro arenque à Bismarck¹⁷⁴!”

Por fim, ele chegava, mesmo, a ler-nos pérolas da lírica alemã, traduzidas para latim, segundo a métrica horaciana, por ele, por professores do liceu e por amigos.

De maneira que, dele, o benevolente, acabou, também, por prevalecer a grandeza reconciliadora e sentenciosa das suas palavras: afinal sempre venceste!

NdT: O nome de Otto von Bismarck está ligado a muitos pratos da culinária alemã. Grande apreciador de arenque fumado, há quem lhe atribua a frase: „Se o arenque fosse raro como o caviar, seria considerado uma delicadeza culinária”.

Burger

Trotz der Kriegs- und Revolutionsjahre, die das Absonderliche begünstigten, fehlte es uns doch nicht an tüchtigen Lehrern ohne auffallende Eigenheiten; ja, vielleicht sind wir gerade ihnen, die in der Stille wirkten, den Hauptteil unserer Erziehung schuldig. Es gab unter diesen sogar manche, die wir zu ihrer Zeit nach Schülerart rau, aber herzlich als »feine Hunde« titulierten. Eben darum aber, so bitter das anmutet, sind sie aus der Erinnerung getilgt, und nur noch der oder jener Einzelzug ist von ihnen übrig geblieben: die rührende Gutherzigkeit des Religionslehrers, die unerbittliche Disziplin des Turnlehrers, der nie eine lächerliche Miene sehen wollte, der Schillerkragen eines immerjungen Mathematikers, die Parfüms und die Merkgeltn des Franzosen: *me-le, te-le, se-le ...*

Doch ist einer von diesen »Feinen« unvergesslich, ja, der Allerunvergeßlichste. Er hieß Franz Burger. Er ist der einzige, dessen Namen hier dasteht, wie er wirklich lautete, wie er sich schrieb, mit energischen, gleichsam die Füße einstimmenden, dem Zeilenstrom widerstrebenden, schwer leserlichen Schriftzügen, die er uns jedesmal erst übersetzen mußte, wenn sie uns bei einer Schulaufgabenkorrektur vor die Augen kamen. Er betrachtete es selber als einen Witz seiner Laufbahn, daß er als junger Lehrer hatte Schönschreiben geben müssen und Stenographie. Es ist ein Jammer, daß Burgers Stenogramme zum Geschichts- und Deutschunterricht, die manchmal sogar ihrem Verfasser Rätsel aufgaben, nicht mehr zu entziffern sind; eine Fülle geistreicher Bemerkungen ist damit untergegangen.

Denn Burger gab nicht den herkömmlichen Unterricht, er las den Oberklassen förmlich Kolleg. Als ich hernach im ersten Semester Literatur und Geschichte horte, war ich tief enttäuscht. Ich hatte kindlicherweise auf der Universität lauter Burgers erwartet! Sie sind indessen in der Universität so rar wie in der Schule. Burger wurde wiederholt eingeladen, sich zu habilitieren oder wenigstens einen Lehrauftrag zu übernehmen. Aber er wollte sich seiner Schule nicht entziehen. Schon in den unteren Klassen lauerte man darauf, daß man später den Burger als Ordinarius bekäme, und fühlte sich benachteiligt,

O Professor Burger

Apesar dos anos de guerra e de revolução que favoreciam a bravata, não nos faltavam, contudo, professores competentes, sem características notoriamente estranhas. Sim, se calhar até devemos a parte principal da nossa educação, exactamente, àqueles que agiam silenciosamente. Entre estes professores, até existiam alguns, a quem, naquela época, chamávamos de forma rude, mas algo afectuosa, “cães de caça”. Mas, por isso mesmo, e por muito duro que possa parecer, foram eliminados da nossa memória, deles restando apenas uma ou outra acção isolada: a benevolência comovedora do professor de Religião, a disciplina implacável do professor de Educação Física, que não admitia ver uma cara de riso, o colarinho à moda de Eton de um sempre jovem matemático, os perfumes e as regras dos franceses: me-le, te-le, se-le, ...

Não obstante, um desses “cães de caça” é inesquecível, sim, é de todos o mais inesquecível. Chamava-se Franz Burger. É o único cujo nome aparece, aqui, tal qual soava e se escrevia na realidade: com letras dificilmente legíveis, como se estivesse a fincar os pés com força em oposição ao correr da linha, signos que ele sempre tinha de nos traduzir, cada vez que eles nos apareciam perante os olhos, numa qualquer correcção de um trabalho de casa. Ele próprio considerava uma facécia da sua carreira ter tido de leccionar, quando jovem professor, caligrafia e estenografia. É uma pena que os estenogramas das aulas de História e Alemão, do professor Burger, que até para o autor se tornavam, por vezes, um enigma, já não possam ser decifrados, tendo-se perdido, assim, uma imensidão de apontamentos brilhantes.

E isto, porque o professor Burger não dava aulas de forma tradicional. Na prática, as suas aulas, às turmas mais avançadas, eram verdadeiras prelecções académicas., daí que, mais tarde, ao frequentar o primeiro semestre de Literatura e História tenha ficado extremamente desiludido, É que, inocentemente, eu tinha julgado ir encontrar, na Universidade, mais ninguém a não ser professores como Burger! Eles são, no entanto, tão raros na Universidade, como na Escola. O professor Burger foi, repetidas vezes,

wenn man ihn einer Parallelklasse überlassen mußte. Man suchte dann wenigstens um Teilnahme an seinen berühmten kultur- und geistesgeschichtlichen Privatvorträgen nach. Denn Burgers Wirken beschränkte sich nicht auf die Schulstunden; er lebte für seine Schüler. Und so kamen wir auch mit allen unseren Lebensfragen zu ihm.

Es ist etwas Köstliches, wenn man für einen Lehrer so recht aus Herzensgrund schwärmen kann, und köstlicher noch, wenn man diese Verehrung zeitlebens bewahrt. Aber eben darum ist es schwierig, den Verehrten nicht zum Abgott zu machen, wie es so manchen Biographen mit seinem Helden widerfährt. Ich will also versuchen, Burger ganz nüchtern zu zeichnen. Das würde er sich auch dringend ausgebeten haben, er, der uns lehrte, großen Worten zu mißtrauen.

Denn er war keineswegs eine schwärmerische Natur, sondern eine leidenschaftlich kritische. Es hieß von ihm, er glaube eigentlich an gar nichts und sei zu allem Schrecken noch überdies ein geschworener Sozialist. Es ereignete sich daher mehrmals, daß auf solche Denunziationen hin eine Ministerialkommission überraschend dem Unterricht beiwohnte. Andere Lehrer gaben sich bei derlei Inspektionen ersichtlich Mühe, ihre Unterrichtsmethode wie unser Wissen in ein gefälliges Licht zu rücken, nur die Fragen zu stellen, deren Beantwortung sie sicher waren, und das jeweilige Pensum geradezu honigsüß vorzutragen. Wir merkten das doch! Nicht so Burger. Er setzte seinen Unterricht dort fort, wo er beim Eintritt der Kommission stehengeblieben war und unterschlug nichts von dem, was er uns vorher zgedacht. Zu meinem unbeschreiblichen Vergnügen mußten die Herren des Ministeriums einmal eine Stunde lang nichts anderes mit anhören, als die Vorlesung von Thomas Manns - Friedrich und die Große Koalition-, die gerade an der reihe war, um das Pensum des Siebenjährigen Krieges mittels einer literarischen Darstellung zu illustrieren. Die Herren hörten übrigens, wie ich zu ihrer Ehre sagen muß,

convidado a doutorar-se ou a aceitar, pelo menos, a regência de curso. Mas ele não queria abandonar a sua escola. Ainda a frequentar as turmas de nível inferior, já todos nutriam a esperança de ter o professor Burger como docente, sentindo-se prejudicados, quando ele acabava a dar aulas a outra turma do mesmo ano. Quando isso acontecia, tentava-se então, pelo menos, assistir a uma das suas célebres palestras privadas sobre Cultura e História das Ideias, pois a influência do professor Burger não se limitava às aulas. Ele vivia para os seus alunos. Por essa razão, era, também, a ele que nos dirigíamos, colocando-lhe todas as nossas questões sobre a vida.

É delicioso, quando se admira, do fundo do coração, um professor, e ainda mais delicioso é o facto de manter essa admiração ao longo da vida. Mas é exactamente por isso que se torna difícil não transformar a pessoa em causa num ídolo, como acontece a alguns biógrafos, quando escrevem sobre os seus heróis. Vou, por essa razão, tentar traçar a figura do professor Burger de forma racional e objectiva. Ele próprio teria insistido nisso, ele que sempre nos ensinara a duvidar das grandes palavras.

A sua natureza não era, de modo algum, arrebatadora, mas sim apaixonadamente crítica. Dizia-se acerca dele que não acreditava verdadeiramente em nada e que, para espanto de todos, era um socialista assumido. Acontecia, assim, que, por vezes, e em resultado de denúncias deste género, uma Comissão do Ministério de Educação assistisse, sem aviso prévio, às suas aulas. Outros professores havia que, perante este tipo de inspecções, se esforçavam, de forma manifesta, por apresentar, de modo atractivo, tanto os seus métodos de ensino, como os nossos conhecimentos, colocando apenas questões, de que estavam certos obteriam resposta, expondo a matéria de forma melíflua. Nós bem notávamos isso! Mas esse não era o caso do professor Burger. Continuava a sua aula a partir do ponto em que havia ficado, à altura da entrada da comissão, sem suprimir nada do que havia destinado fazer connosco. Senti uma satisfação indescritível, quando, certa vez, os senhores do Ministério, tiveram de ouvir, durante uma hora, nada mais do que o discurso de Thomas Mann – “Friedrich und die Große Koalition”, que era exactamente o que vinha a seguir e que tinha por fim ilustrar o tempo da “Guerra dos Sete Anos” através de uma exposição literária. Tenho de dizer,

höchst interessiert zu und nahmen keinen Anstand. Und es ist mir unvergesslich, wie der sonst keineswegs besonders musische Rex nach einer der angeblich so verdächtigen Burgeschen Deutschstunden zum Schluß wie aus der Pistole geschossen bekannt: `Meine Herren, ich gratuliere Ihnen zu diesem Unterricht und gäbe etwas darum, wenn ich ständig daran teilnehmen könnte!‘

Dabei war Burger keineswegs ein bequemer Lehrer, sondern vielmehr ein höchst anspruchsvoller. Wenn er sich auch während der Stunden nicht damit aufhielt abzufragen, sondern unaufhörlich dozierte, so verschaffte er sich durch Hausaufgaben und überraschende Schulaufgaben doch genauen Aufschluß über unsere Teilnahme und über unsere Kenntnisse. Insbesondere die damals nicht schulüblichen schriftlichen Geschichtsprüfungen nötigten zu unablässigen Eifer, wollten an vor dem Verehrten bestehen. Burger stellte ein Dutzend präzise Fragen, eine nach der anderen, und gab zu jeder nur fünf Minuten Zeit, so daß es unmöglich war, in allgemeine Phrasen auszuweichen. Ich sehe mich noch in unserem Schwabinger Gärtchen stundenlang das Rosenbeet umkreisen und bei schönstem Sonnenschein Französische Revolution memorieren. Ich hätte mich doch in den Boden hinein geschämt, etwas nicht zu wissen, was ein Burger von uns voraussetzte. Und gar Aufsätze bei ihm zu schreiben, war jedesmal ein aufregendes geistiges Abenteuer, schon der großartigen Themen halber. In diesem Trimester einmal durfte jeder sogar ein Thema frei wählen. So schrieb Fritz Zahn über die Beziehungen zwischen Wagners – Tristan und Isolde- und Schopenhauers – Die Welt als Wille und Vorstellung-; C. Th. Glock über Vergangenheit und Zukunft der Schülerrepublik; Oskar Held über die beiden Arten des Kommunismus; Wolfgang von Weber über Lehrer und Schüler; Numa Tétaz über die Entwicklung des musikalischen Ideals von J.S. Bach bis zu den Modernen. Es gab Aufsätze über die Wasserwirtschaft im neuen Ägypten, über die Anfänge des deutschen Dramas, über Luftfahrt, Gebirge, Antike, ob politische Morde gerechtfertigt und ob die guten alten Zeiten wirklich gut gewesen sind. Daß Roegge, der in jedem gewünschten Versmaß zu reimen wußte und seine Gedichte mit *opus 1*, *opus 2* fortlaufend nummeriert, über Stanzen und Gaselen arbeitete, verstand sich sozusagen von selbst. Überraschend war es, daß einer, der sich, wie man

em honra dos ditos senhores, que ouviram tudo com muito interesse e sem nada objectar. E é para mim inesquecível, a forma como o Director, nomeadamente pouco dado às artes, após uma das pretensamente suspeitas aulas de Alemão do professor Burger, desferiu, no fim, como um tiro, a seguinte confissão: “Meus senhores, congratulo-os por esta aula e daria tudo, para poder participar sempre nela!”

Apesar disso, o professor Burger não era de todo um professor condescendente. Pelo contrário, ele era até muito exigente. Mesmo que ele não perdesse tempo em questionar os alunos durante a aula, mas sim a leccionar incessantemente, obtinha, através de trabalhos para casa e exercícios surpresa, informação exacta sobre a nossa participação e os nossos conhecimentos. Em particular, os então pouco habituais exames escritos de História requeriam um empenho incessante, caso se pretendesse ser aprovado pelo venerando. O professor Burger colocava uma dúzia de questões precisas, uma após outra, e dava-nos por cada uma delas apenas cinco minutos de tempo, de modo a impossibilitar que caíssemos em divagações de carácter geral. Ainda me vejo a andar, horas a fio, à volta do canteiro das roseiras, no nosso pequeno jardim em Schwabing, a decorar a “revolução Francesa”, sob um sol radiante. Eu teria morrido de vergonha, caso não soubesse alguma coisa que o professor Burger considerasse já por nós bem aprendida. E até escrever composições com ele era sempre uma aventura intelectual excitante, logo à partida por causa dos temas fantásticos que nos dava. Uma vez por trimestre, cada um de nós podia até escolher o seu tema livremente. Foi, assim, que Fritz Zahn escreveu sobre a relação entre o “Tristão e Isolda” de Wagner e “O Mundo como Vontade e Representação” de Schopenhauer, C. Th. Glock sobre o passado e o futuro da república estudantil e Oskar Held sobre o desenvolvimento do ideal musical desde J. S. Bach até à idade moderna. Havia composições sobre o abastecimento e distribuição de água no novo Egipto, sobre o início do drama alemão, sobre aeronáutica, montanhas, a antiguidade, sobre se os assassínios políticos se justificam e sobre se os bons velhos tempos foram realmente bons. E era mais que natural que Roegge, que sabia rimar, usando qualquer tipo de métrica, e que numerava os seus poemas como *opus 1*, *opus 2* e assim por diante, se dedicasse a escrever estâncias e

behauptete, daheim vom Dienstmädchen Ohrfeigen gefallen lassen mußte, obwohl er Roland zubenannt war, seine Neigungen in einer Untersuchung der Metallegierungen bei den historischen Feldgeschützen des Armeemuseums entpuppte. Bei mir selber meldete sich die Lust am Feuilletonistischen; ich schrieb über das selbstgewählte Thema: - Ich wähle mir mein Thema selbst.- Und alle diese so auseinanderstrebenden Interessen jugendlicher Anmaßung wußte der eine Burger zu bannen und zu bilden. Ja, sogar die Klassenbibliothek, die ich als eifriger Leser als eine Art Kleinkinderbewahranstalt verachtete, verwandelte sich unter Burgers Händen in eine begehrte Einrichtung, der ich die erste Bekanntschaft mit Hans Carossa verdankte, dem Burger als Patient und Verehrer freundschaftlich verbunden war. So wurden auch wir ein bißchen in diese Freundschaft eingewoben.

Doch erschrak ich nicht schlecht, als Burger sich eines Tages vermaß, in den nächsten Deutschstunden den Goethes -Harzreise- und Rilkes -Cornet- zu behandeln. Wie? Zu behandeln? Nun, allenfalls ließ sich über das Zustandekommen der -Harzreise- einiges Sachlich aussagen; Goethe selber hatte das ja getan. Aber was um Himmels willen sollte aus dem -Cornet- in der Schule werden? Es war doch undenkbar, daß Burger eine solche Dichtung durchnahm und schulmeisterte wie einst Xerxes den -Tell- der uns zeitlebens hierdurch verleidet ist. Wie dann aber behandeln, so daß nach dieser Behandlung das Kunstwerk nicht elend verstümmelt, sondern nur noch reiner und größer vor uns stehe?

Ja, wie? Unbegreiflich, wie es zuging. Aber während ich mir vor dieser Behandlung eingebildet hatte, diese Kunstwerke längst tief begriffen und bis ins Innerste genossen zu haben, so gingen mir nach Burgers Behandlung ihre Schönheiten und Weisheiten erst richtig auf.

Da saß er hinter seinem Katheder, beklopfte mit einem Bleistiftstümpchen nachdrücklich seine rätselhaften Kollegnotizen und funkelte uns aus stark umbuschten, tiefliegenden Augen an.

ghasalas. Surpreendente era sim que, de quem se dizia que, em casa, tinha de tolerar bofetadas da empregada doméstica, embora fosse também chamado de Rolando, revelasse o seu pendor numa análise das ligas metálicas de que eram constituídas as peças de artilharia históricas, que se encontravam no Museu Militar. No meu caso, manifestou-se o gosto pelos folhetins. Escrevi sobre o tema escolhido livremente: “Eu escolho o meu próprio tema”. E o professor Burger sabia como desencantar e moldar todos estes interesses tão diversos, próprios da presunção juvenil. Sim, até mesmo a biblioteca aberta às turmas, que eu, como leitor ferrenho, desprezava como se de um jardim de infância se tratasse, transformava-se, nas mãos do professor Burger, num equipamento muito procurado, a que devo o meu primeiro encontro com a obra de Hans Carossa, a quem o professor Burger estava ligado, enquanto paciente e admirador, por laços de amizade, pelo que até nós acabámos algo associados a essa relação.

Mas, assustei-me valentemente, quando o professor Burger se atreveu a tratar, nas aulas de Alemão, o poema “Viagem a Harz, no Inverno” de Goethe e “O Corneteiro” de Rilke. Como? Tratar? Bem, quando muito, poder-se-ia dizer algo de objectivo sobre a realização de “Viagem a Harz, no Inverno”. O próprio Goethe tinha-o já feito. Mas, por amor de Deus, o que é que resultaria do “Corneteiro” na escola? Era de todo impensável, que o professor Burger ensinasse e dissertasse sobre um poema destes, tal como, outrora, o professor Xerxes fez com o “Tell”, fazendo-nos perder, desde então, para sempre, o gosto por essa obra. Como versar então sobre o tema, para que a obra de arte não acabasse, no final, horrivelmente mutilada, mas sim se erguesse ainda mais pura e grandiosa perante nós?

Sim, como? Era impossível conceber como se passaria. Mas, enquanto eu, antes desta abordagem, imaginaria ter, há muito, percebido plenamente estas obras e desfrutado delas até ao seu âmago, só após a abordagem feita pelo professor Burger, a sua beleza e sabedoria se abriram para mim por completo.

Ali estava ele, sentado na sua cadeira, batendo, enfaticamente, com o pouco que restava de um lápis sobre as suas misteriosas notas sobre a lição, olhando-nos, de forma cintilante, do fundo dos seus olhos profundos e

Wer eigentlich die neuen, ganzen Bleistifte zu Burgers immerwährenden Stümpchen abbrauchte? So eine kleine Lächerlichkeit mochte einem dabei wohl einmal durch den Kopf gehen. Und bei jedem anderen Lehrer hätte es wohl der Disziplin Eintrag getan, wenn Burger, in seinen Notizen blättern, sich bisweilen vergaß und wie geistesabwesend etwa mehrmals wiederholte: „Iwan grosny, Iwan der Grausame, Iwan grosny, Iwan grosny ...“, das r gewaltig rollend. Wir saßen indessen wie gebannt und hielten den Atem an. Das berühmte Problem der Schuldisziplin schien bei Burger überhaupt nicht zu existieren, so selbstverständlich war es, daß man an seinen Lippen hing. Oder lag es an seinem Verfahren, uns Erwachsene zu behandeln, nicht wie Schüler oder wie junge Freunde, sondern als Mann unter Männern zu uns zu sprechen? Als ihm einmal angezeigt wurde, es kursierten unter einigen in der Klasse sogenannte Ehe-Aufklärungsschriften, sagte er nur: "Wer sich selber nicht mehr vorstellen kann, als was in solchen Büchern steht, der tut mir leid." Das war ein Wort! Sicher wurde es pädagogischerseits nicht recht gebilligt. Aber es hat bei uns mehr Nutzen gestiftet, als das pädagogischste Verbot hätte erreichen können.

Burger war gebürtiger Allgäuer, ein Volksstamm, der für seine Hartnäckigkeit berühmt ist. Ich kannte in der Glyptothek einen römischen Kopf, der Burgers blankem, urhaftem Cäsarschädel auffallend glich. Burger hatte vor allem Altphilologie studiert und für den Thesaurus *linguae latinae* das Wort "*beatus*" bearbeitet, das so in Bausch und Bogen „glücklich“ bedeutet. Burger aber wusste um unendliche Spielarten des Glücks, und ich kann seitdem „*beatus*“ nicht lesen, ohne an ihn zu denken.

Unsere Klasse hatte Burger leider nicht in Latein; es sähe sonst um unsere Kenntnisse wohl anders aus, nicht nur, was den lateinischen Stil, sondern überhaupt die antike Welt angeht. Doch richtete er für die, die sich dafür interessierten, in seiner Wohnung Abendkurse ein über antike Philosophie und Kultur. Zwei seiner Vorträge habe ich später verlegt; auch war Burger Initiator und der erste Autor meiner zweisprachigen Taschenausgaben antiker Literatur.

escondidos por sobrelhas grossas. Mas quem seria, afinal, que gastava os lápis novos e inteiros do professor Burger, para que só lhe restassem sempre pontas rombudas? Uma pequena trivialidade que, às vezes, podia bem passar pela cabeça de alguém. Com qualquer outro professor a disciplina sairia prejudicada, se, como no caso do professor Burger, ao folhear os seus apontamentos, se perdesse de vez em quando e, distraidamente, repetisse algo por várias vezes: “Ivan Grosniy, Ivan, o Terrível, Ivan Grosniy, Ivan Grosniy, ...” carregando muito no “r”. Entretanto, nós ficávamos pregados ao lugar como que fascinados, suspendendo a respiração. O célebre problema da disciplina parecia não existir nas aulas do professor Burger, tão evidente era estarmos suspensos das suas palavras.

Quando um dia lhe foi participado, que circulavam, entre alguns alunos da turma, as chamadas revistas de esclarecimento conjugal, ele apenas disse: “tenho pena de quem já não consegue imaginar por si só mais do que aquilo que vem nesses livros.” Aquilo é que era uma resposta! Com certeza que, em termos pedagógicos, não era lá muito correcto, mas surtiu em nós mais efeito do que qualquer proibição podia alcançar.

O professor Burger era natural de Allgäu, cujos habitantes eram conhecidos pela sua teimosia. Na gliptoteca vi um busto romano que em muito se assemelhava à cabeça cesariana, lisa e primeva, do professor Burger. Ele tinha estudado essencialmente filosofia antiga e editou para o thesaurus *linguae latinae*, a palavra “*beatus*”, que, na generalidade, significa “feliz”. Contudo, o professor Burger conhecia infinitas formas de felicidade e, desde então, não consigo ler a palavra “*beatus*” sem deixar de pensar nele.

Infelizmente, a nossa turma não tinha o professor Burger a Latim, caso contrário, os nossos conhecimentos seriam, certamente, outros, não só no que diz respeito ao estilo, mas também em relação ao mundo antigo, em geral. Todavia, para aqueles que se interessavam, ele organizava, em sua casa, cursos nocturnos sobre Filosofia e Cultura Antigas. Publiquei, mais tarde, duas das suas conferências. O professor Burger foi também o iniciador e primeiro autor das minhas edições de bolso bilingues de Literatura Clássica.

So bekamen wir auch Einblick in seine Häuslichkeit, die sich uns bei anderen Lehrern allenfalls arrestweise erschloß. Man saß dichtgedrängt in seinem Schlafzimmer mit den beiden Türen, den beiden Fenstern, den beiden Bücherschränken, dem Schreibtisch und dem Tisch am Diwan, der von den vielen Abendhörern tief eingesessen war. Kam man allein, um Besuch zu machen – Burger empfing nachmittags ab drei Uhr jeden, der seinen Zuspruch suchte -, wurde man von der treuen Anna zunächst in den anstoßenden kleinen, blonden Salon geführt und hörte, wartend, den verehrten nebenan blättern und lebhaft atmen, bis er einen herbeiholte und mit mehrmaligem „Nehmen Sie Platz!“, so daß man sich damit beeilte, in den Stuhl nötigte, der dem seinen am Schreibtisch gegenüberstand.

Sein abgewetzter Schreibtisch war immer überhäuft von philosophischen und literarischen Neuerscheinungen des In- und Auslands; man musste sich schämen, daß man nur von dem wenigsten worüber er sprach, Kenntnis hatte. Seine Bibliothek war ohne jeden Anspruch auf ästhetische Wirkung aufgestellt. Während ich mich daheim so bemühte, meine Bücher nach Formaten und Einbänden möglichst eindrucksvoll zur Wirkung zu bringen, stopfte er die seinen achtlos nach dem Verfasser- Alphabet hintereinander, versah sie auch unbekümmert mit Anstreichungen und Notizen. Kunstbücher entdeckte ich nur wenige; die Musik schien überhaupt nicht vertreten, und das war das einzige Gebiet, aus dem ich als Schüler dem Lehrer gelegentlich etwas Neues erzählen konnte. Sonst wußte er, wie es schien, alles, wußte auch um alle unsere Fragen einen stets reich beschenkt mit Anregungen und aufmunternden Gesprächen. Er sperrte einem die Tür auf zum Gang und schloß sie hinter einem jedes Mal wieder ab, als wollte er sich gegen Überraschungen sichern. Allmählich brachte man heraus, daß er in der Tat verhindern wollte, daß seine Frau unversehens einträte, die seit der Geburt der zweiten Tochter an Störungen litt, die eigentlich die Aufnahme in eine Anstalt geboten hätten.

Desta forma, ficamos também a conhecer a sua vida doméstica, o que, no caso de outros professores, adquiria, quando muito, o significado de um castigo. Sentávamo-nos apinhados no seu gabinete de trabalho com as suas duas portas, as suas duas janelas, as suas duas estantes, uma escrivaninha e uma mesa junto ao canapé, já bastante usado e amarrotado, devido ao elevado número de ouvintes nocturnos.

Caso se fosse sozinho, para uma simples visita – o professor Burger recebia qualquer pessoa que procurasse os seus conselhos, a partir das três da tarde – era-se primeiro conduzido, pela sua fiel Ana, ao pequeno salão amarelo, contíguo ao seu gabinete, onde se podia ouvir, enquanto se esperava, o caro professor a folhear e a respirar intensamente, até nos chamar com frequentes pedidos de “por favor, sente-se”, que nos obrigava a apressar-nos para a cadeira que se encontrava em frente à dele junto à escrivaninha.

A sua escrivaninha, já gasta, estava sempre submersa sob novas edições filosóficas e literárias nacionais e estrangeiras. Sentia-se até vergonha por se conhecer apenas uma ínfima parte das coisas de que ele falava. A sua biblioteca estava organizada sem quaisquer pretensões estéticas. Enquanto eu, em casa, me esforçava tanto a organizar os meus livros de forma a salientar formatos e encadernações, o professor colocava-os, de forma descuidada, por ordem alfabética de autores, uns atrás dos outros, sublinhando-os e anotando-os, sem quaisquer preocupações. Encontrei poucos livros sobre Arte. Quanto à Música, esta parecia não estar de todo representada, sendo a única área em que eu, enquanto aluno, podia, ocasionalmente, contar ao professor alguma novidade. De resto, ele parecia saber tudo. Parecia até saber *a priori* todas as nossas perguntas e pedidos, despedindo-se de nós, após ter-nos estimulado e contemplado com conversas animadas. Ele franqueava a todos a porta do corredor, fechando-a sempre logo de seguida, como se desejasse proteger-se de surpresas. Pouco a pouco, veio-se a descobrir que ele queria, realmente, evitar que a sua mulher entrasse, repentinamente, na sala, pois ela sofria, desde o nascimento da segunda filha, de perturbações que, no fundo, teriam justificado o seu internamento numa instituição. Todavia, visto que a sua mulher parecia sentir-se melhor em casa, o professor Burger decidiu assumir

Da sich seine Frau zu Hause aber verhältnismäßig am besten zu befinden schien, nahm er alle damit verbundenen Schwierigkeiten auf sich. Ich scheue mich im Grunde, diesen Umstand zu erwähnen, der aber die Bewunderung für die menschliche Größe dieses Mannes nur zu steigern vermag.

Dabei war er selber gar nicht gesund. Die letzten Lehr- und Leidensjahre mußte er im Rollstuhl in die Schule gefahren werden, was sich seine damaligen Schüler als größten Ehrendienst anrechneten. Noch heute, nach zwanzig Jahren, findet man an seiner Urne im Nordfriedhof gelegentlich ein frisches Blümchen treuen Schülergedenkens. Auf der Urne steht nach seinem Willen das Wort aus den *>Tristien<* des Ovid: „*Bene qui latuit, bene vixit*“ – Wer gut verborgen war, hat gut gelebt.

Was mögen diese gewaltige Stirne, diese sprühenden Augen, die beim Gespräch so nahe auf einen eindringen, daß man zurückwich, was mögen diese stets scharf rasierten Lippen trotz allen Temperaments nicht bei sich behalten haben! Er arbeitete insgeheim an einer Geistesgeschichte der Völker, die mit ihm dahinging, ohne daß auch nur die nächsten Freunde recht viel mehr als Andeutungen darüber erfahren hätten. Das Werk aber, das er in den Herzen seiner Schüler auferbauete, die er ständig ermahnte, ihre eigenen Zeitgenossen zu sein, das zu werden also, was in sie und nur in sie hineingelegt sei, dieses Werk lebt fort. Zu unserem Absolutorium, bei dem ausnahmsweise nicht die Schulbehörden, sondern die jeweiligen Lehrer die Aufgaben stellten, hatte er für den deutschen Aufsatz das Goethewort als Thema gegeben: *>Alles geben die Götter, die unendlichen, ihren Lieblingen ganz, alle Freuden, die unendlichen, alle Schmerzen, die unendlichen, ganz.<* Und es ist mir, als wäre mir mit diesem Erinnerungsblatt das Thema noch einmal gestellt worden. Denn Burger war einer von denen, die die Götter zum Ganzen sich auserkoren.

todas as dificuldades inerentes à situação. Envergonho-me, sinceramente, de mencionar esta situação, mas apenas pretendo com isso elevar a admiração pela grandeza humana deste homem.

De mais a mais, ele próprio não era nada saudável. Nos últimos anos em que leccionou e sofreu, tinha de ser levado para a escola em cadeira de rodas, acção que era considerada, pelos seus alunos de então, a maior das honras. Ainda hoje, vinte anos depois, se pode encontrar, ocasionalmente, na sua campa, no cemitério da zona norte, uma pequena flor fresca como fiel recordação dos alunos. Na sua campa estão inscritas, a seu pedido, as palavras de Ovídio, na sua obra “Tristia” – “Bene qui latuit, bene vixit” – Quem é contemplativo, vive bem.

O que teriam aquela fronte brilhante, aqueles olhos cintilantes, que, no decorrer de uma conversa, tão profundamente em nós penetravam, que tínhamos de recuar, o que não teriam mantido calados aqueles lábios sempre tão bem barbeados, apesar do seu temperamento! Ele trabalhava em segredo numa História das Ideias dos Povos, que desapareceu com ele, sem que nem mesmo os seus amigos mais próximos descobrissem mais do que pequenas alusões ao assunto. No entanto, a obra que ele ergueu nos corações dos seus alunos, a quem sempre exortou a serem seus contemporâneos e a tornarem-se naquilo que neles, e só neles, fora semeado, continuaria sempre viva. No nosso exame final, no qual, a título excepcional, os exercícios foram preparados pelos professores e não pelo Ministério, o professor Burger escolheu como tema para a composição de Alemão as palavras de Goethe: “Alles geben die Götter, die unendlichen, ihren Lieblingen ganz, alle Freunden, die unendlichen, alle Schmerzen, die unendlichen ganz.”¹⁷⁵ E, para mim, é como se, com este livro de memórias, me tenha sido colocado, novamente, este tema, pois o professor Burger era um daqueles que os deuses haviam eleito para ser um dos seus pares.

NdT: Citação original: “Os Deuses infinitos tudo dão aos seus favoritos, por inteiro: todas as alegrias infinitas, todas as dores infinitas, por inteiro.” (Versos introdutórios do poema «Viagem a Harz, no Inverno» de Goethe).

6.2 Correspondência com o “Deutsches Literaturarchiv Marbach”

6.2.1 Transcrição da correspondência

deSandra Santos Pereira <sandra.csp@gmail.com>

paraDok-Stelle@dla-marbach.de

data: 27 de Setembro de 2008 16:04

assunto: Bibliographische Informationen von Ernst Heimeran

enviado por: gmail.com

Sehr geehrte Damen und Herren,

Ich schreibe gerade meine Doktorarbeit über die Kulturellen Differenzen der literarischen Übersetzung.

In meiner Arbeit bearbeite ich die Übersetzung Dreier Geschichten des Buches "Lehrer die wir hatten", von Ernst Heimeran.

In der Einleitung würde ich gerne verschieden Aspekte des Autores hervorbringen, habe aber leider nicht viel im Internet gefunden.

Ich bitte deshalb um Ihre Hilfe mir in diesem Sinne weiterzuhelfen.

Hauptsächlich bräuchte ich ausführliche Bibliographische Daten über Ernst Heimeran.

Ich bedanke mich im voraus für Ihre Bemühungen und Hilfe.

Mit freundlichen Grüßen

Sandra Santos Pereira

De: Nicolai.Riedel <riedel@dla-marbach.de>

para: sandra.csp@gmail.com

data 8 de Outubro de 2008 08:47

assunto: Ernst Heimeran

Betreff: Ernst Heimeran

Sehr geehrte Frau Santos Pereira,

Ihre freundliche Anfrage vom 27.09.2008 haben wir erhalten. Leider haben Sie nirgendwo Ihre private oder Ihre dienstliche Postanschrift vermerkt, so dass wir Ihnen bislang auch keine weiterführenden Informationen und Materialien zu Ernst Heimeran zuschicken konnten.

Bitte, lassen Sie uns wissen, an welcher Universität Sie Ihre Doktorarbeit schreiben und auf welchem Wege Sie postalisch erreichbar sind. Nützlich wären uns auch Kommunikationsdaten wie Telefon und Fax!

Mit guten Wunschen aus Marbach,

Dr. Nicolai R i e d e l

Deutsches Literaturarchiv

Bibliothek: Benutzung & Bestände

Schillerhöhe 8 - 10

D-71672 Marbach am Neckar

Tel. 0049-7144-848-303

Fax: 0049-7144-848-390

data: 8 de Outubro de 2008 23:56

assunto: Ernst Heimeran

enviado por gmail.com

Sehr geehrter Herr Dr. Riedel,

Vielen Dank für Ihre nette Antwort.

Meine Dissertation schreibe ich an der Fachhochschule "Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto", in Porto, wo ich 2006 auch meine Diplomarbeit schrieb (kommentierte Übersetzung dreier Geschichten des Buches "Lehrer die wir hatten", von Ernst Heimeran).

Ich arbeite als leitende Sekretärin an der Deutschen Schule zu Porto, Sie können die Informationen und Materialien bitte an folgende Adresse oder per Fax zuschicken:

Colégio Alemão do Porto

Z. Hd. Dra. Sandra Santos Pereira

Rua Guerra Junqueiro, 162

4150-386 Porto

Portugal

Meine Telefonkontakte: 00351 22 607 65 70 (Schule)

00351 22 244 37 34 (Privat)

Fax: 00351 22 609 21 26

Privatanschrift:

Rua Zéca Afonso, 36

4420-602 Gondomar

Dankend für Ihre Bemühungen, verbleibe ich

Mit freundlichen Grüßen

Sandra Santos Pereira

Frau
Sandra Santos Pereira
Colégio Alemão do Porto
Rua Guerra Junqueiro, 162
4150-386 P O R T O
Portugal

Bibliothek

15. Oktober 2008

Deutsche
Schillergesellschaft e.V.

Schiller-
Nationalmuseum

Deutsches
Literaturarchiv

Literaturmuseum
der Moderne

Schillerhöhe 8-10
71672 Marbach a. N.
Postfach 1162
71666 Marbach a. N.

Telefon 07144/848-303
Telefax 07144/848-390

nicolai.riedel
@dla-marbach.de

www.dla-marbach.de

Sehr geehrte Frau Santos Pereira,

vielen Dank für Ihre rasche Rückmeldung mit den Kommunikationsdaten. Nur so kann ich Ihnen die gewünschten Informationen über den Schriftsteller und Verleger **Ernst Heimeran** zukommen lassen.

Die „Ausbeute“ in den für uns einschlägigen Referenzwerken war denkbar dürftig! Aus diesem Grunde habe ich Ihnen einen Auszug aus unserem Systematischen Katalog kopiert (Karten).

Sollten Sie einzelne Beiträge daraus in kopierter Form für Ihre Arbeit benötigen, so signalieren Sie mir das bitte. Diese Kopien müssen wir Ihnen dann allerdings in Rechnung stellen: 0,40 € pro Kopie zzgl. Versandkosten. Bitte, denken Sie daran, dass recht schnell eine grössere Summe zusammenkommen kann. Der Versand erfolgt gegen Voraus-Rechnung (Invoice).

Für Ihre weiteren Studien wünsche ich Ihnen viel Erfolg!

Mit freundlichen Grüßen,



Dr. Nicolai R i e d e l
Bibliothek: Benutzung & Bestände

Kreissparkasse
Ludwigsburg
Konto 3 635 403
BLZ 604 500 50
IBAN: DE76 6045 0050
0003 6354 03
BIC: SOLA DE S1 LBG

Postbank Stuttgart
Konto 90705
BLZ 600 100 70
IBAN: DE61 6001 0070
0000 0907 05
BIC: FBKDE333

Deutsche Bank
Konto 0 801 019 00
BLZ 604 700 24
IBAN: DE04 6047 0024
0080 1019 00
BIC: DEUTDE33HAN

Baden-Württembergische Bank
Konto 8 090 177
BLZ 600 501 01
IBAN: DE63 6005 0101
0008 0901 77
BIC: SOLA DE ST

UST-ID-Nr. DE 146 122 183

1/1

6.2.2 Material recebido do “Deutsches Literaturarchiv Marbach”

DEUTSCHES
LITERATUR-LEXIKON

BIOGRAPHISCH-BIBLIOGRAPHISCHES HANDBUCH

BEGRÜNDET VON WILHELM KOSCH

DRITTE, VÖLLIG NEU BEARBEITETE AUFLAGE

SIEBENTER BAND: HAAB-HOGREBE

HERAUSGEGEBEN VON HEINZ RUPP (ÄLTERE ABTEILUNG)
UND CARL LUDWIG LANG (NEUERE ABTEILUNG)

FRANCKE VERLAG BERN

UND MÜNCHEN

(1979)

Wasserwinkel (Rom.) 1900; Sette Oldenroths Liebe (Rom.) 1902; Dr. Dannz und seine Frau (Rom.) 1903; Großvaters Stammbuch und andere Novellen, 1904; Alte Liebe und anderes (Erz.) 1904; Wie auch wir vergeben ... (Rom.) 1907; Über steinige Wege, 1908; Der Stärkere, 1909; Die lustige Frau Regine. Novellen und Skizzen, 1910.

Ausgaben: Gesammelte Romane und Novellen, 1890f.; (2. Ausg., 10 Bde., 1894–97). **IB**

Heimdal → Schröngamer, Franz.

Heimel, Marie Sidonie (geb. Purschke, schrieb auch unter diesem Namen), * 5. 12. 1853 Prag, † 29. 2. 1928 Wien. Verf. v. Ged., Erz. u. Liederspielen.

Schriften: Hoch Österreich, 1884; Huldigung vor der Krippe, 1885; Vier Temperamente, 1886; Franz Joseph I., 1887; Rudolf von Habsburg, 1894; Blumen vom Wege, 1894; Donaufluten, 1900; Vindobonas Huldigung, 1902; Alt- und Neu-Wien, 1904; Ein Tugendkranz im Demantglanz. Allegorisches Festgedicht zum sechzigjährigen Regierungsjubiläum Sr. Majestät des Kaisers Franz Josef I. von Österreich, 1908; Gott erhalte! 1908.

Literatur: ÖBL 2, 245. **IB**

Heimendahl, Eckart, * 23. 5. 1925 Krefeld; 1958 Dr. phil. Hamburg, Mitarb. v. C.F. v. Weizsäcker, 1961–63 Referent b. Wiss.rat in Köln, seither Cheflektor u. Red. f. wiss. Sendungen bei Radio Bremen. Auch Filmautor.

Schriften (Ausw.): Fortschritt ohne Vernunft? Wissenschaft und Gesellschaft im technischen Zeitalter, 1964; Wohin führt die Wissenschaft? Neun Gespräche mit deutschen Gelehrten, 1965; Dialog des Abendlandes. Physik und Philosophie ..., 1966; Wegbereiter unserer Zukunft, 1968. **RM**

Heimeran, Ernst, * 19. 6. 1902 Helmbrechts/Oberfranken, † 31. 5. 1955 Starnberg; studierte in Erlangen u. München Kunstgesch., Dr. phil.; Journalist, Verlagsbuchhändler. Essayist u. Herausgeber.

Schriften: Michelangelo und das Porträt, 1925; Das Buch, als Freund (Hg.) 1925; Antike Weisheit. Sammlung lateinischer und griechischer Gedanken. 500 lateinische und griechische Worte (gem. m. M. Hofmann) 1930; Namensbüchlein,

1933; Echter Hundertjähriger Kalender. Aufgefunden und nach dem eigenhändigen Konzept des M. Knauer von 1652 und der ältesten Handschriften zum ersten Male vollständig herausgegeben, verdeutscht und für das zwanzigste Jahrhundert erläutert, 1934; Spielbuch für Erwachsene, 1935 (erw. Neuaufg. 1953); Trostbüchlein in allen Lebenslagen. 350 tröstliche Anekdoten, Gedichte, Sinnsprüche aus den deutschen Schriften gezogen, 1935; Unfreiwilliger Humor, 1935; Glückwunschbuch für alle Gelegenheiten, 1935; Die lieben Verwandten. 15 kleine Charakterbilder, 1936; K.H. Ritter von Lang, Geschichten. Aus seinen Werken gezogen, 1936; Anstandsbuch für Anständige. Gestern und Heute des guten Tons, 1937; Ernstgemeint. Entgleisungen in Poesie und Prosa, 1937 (2. Aufl.); Der bequeme Schifahrer, 25 schöne Tagestouren von München aus, vor allem für Autofahrer und Liebhaber später Züge beschrieben wie noch nie (gem. m. G. Müller) 1937; K. Ganzer und L. Kusche, Vierhändig. (Hg.) 1937; Das stillvergnügte Streichquartett (gem. m. B. Aulich) 1938; Der Vater und sein erstes Kind, 1938; Lieblings-Bücher von dazumal. Blütenlese aus den erfolgreichsten Büchern von 1750–1860. Zugleich ein erster Versuch zu einer Geschichte des Lesergeschmacks (gem. m. H. Kunze) 1938; E. Penzoldt, Lebensabriß und Werkverzeichnis zum fünfzigsten Geburtstag dargeboten, 1942; Hinaus in die Ferne mit Butterbrot und Speck. Die schönsten Parodien auf Goethe bis George. Nebst einem Kapitel zeitgenössischer Selbstparodien und einem Bilderanhang, 1943; Der Verlagsvertreter, 1947 (Neuausg. m. d. Untert.: Die Erfahrungen eines Reisenden in Büchern von ihm selbst erzählt, 1956); Christiane und Till, 1944; Gute Besserung. Frohe Stunden eines Patienten, 1946; Grundstück gesucht. Ein Traum und seine Wirklichkeit, 1946; Büchermachen. Geschichte eines Steckenpferdes, 1947 (Neuaufg. m. d. Untert.: Geschichte eines Verlegers von ihm selbst erzählt, 1952); Frühlingssonate, 1949; Frühling, Sommer, Herbst und Winter (Nov.) 1950; Glück mit Kindern. Eine Bilderfolge, 1950; Vornamenbüchlein, 1950; Garten-Einmaleins. Eine Fibel für Gartenfreunde die wenig Zeit und wenig Geld haben, 1951; Familienalbum, 1952; Alter Witz, neu herausgegeben, 1952; Zimmer 16 (Erz.) 1953; Die Ahnenbilder. Drei Geschichten, 1954; Unfreiwilliger Humor. Stilblüten, Kathederblüten, Druckfehler-

teufel ..., 1954; Lehrer, die wir hatten, 1954; Sonntags-Gespräche mit Nebe, 1955; Der schwarze Schimmel, 1957; Es hat alles sein Gutes (Ausgew. u. zs.gestellt v. M. v. Heimeran) 1959; Der Haushalt als eine schöne Kunst betrachtet, 1959; Der Kellner Fritz, 1965.

Literatur: NDB 8, 275; Albrecht-Dahlke II, 2, 296; J. WOELKE, ~. Verzeichnis d. in d. Dortmunder Volksbüchereien vorhandenen Werke. – H. SCHALLINGER, ~ ist gestorben (in: D. Antiquariat 11) 1955; R. ROHLFS, Liebe, Menschlichkeit u. Humor. Z. Tode v. ~ (in: Zs. f. Musik 116) 1955; L. ROSSIPPAUL, Von u. bei ~. Z. Tode d. Verlegers u. Schriftst. (in: Börsenbl. Leipzig 122) 1955; E. LISSNER, Vale ~. Z. Tode d. Verlegers, Dichters u. Freundes (in: Börsenbl. Frankfurt 11) 1955. IB

Heimerdinger, Friedrich, * 10. 1. 1817 Altona, † 2. 10. 1882 Hamburg; Schulgehilfe, dann Besuch d. Akad. Düsseldorf, Maler in München u. seit 1846 in Hamburg. Gründer e. Kunstschule, Begründer d. sog. «Hamburger Zeichenmethode».

Schriften: Lust und Leid (Ged.) 1878; Seelenverwandtschaft (bürgerl. Schausp.) 1878; Ein lebendes Bild (Lsp.) 1878. (Außerdem versch. Lehrbücher.)

Literatur: Thieme-Becker 16, 282. RM

Heimerich, Alexander (Ps.?), * um 1795, † n. 1824, stammte wahrsch. aus Nordwest-Dtl., in d. Schlacht v. Ligny (1815) schwer verwundet, lebte dann in Aachen, 1821/22 auf e. Reise in d. Schweiz u. in Norditalien, 1823 in München u. 1824 in Kopenhagen.

Schriften: Bruchstücke, 1. Bd., 1825 (m. n. e.)

Literatur: Goedeke 15, 462, 1144. RM

Heimerl, Maria Josefa, * 20. 4. 1866 Wien, † 8. 11. 1947 ebd., Lyrikerin u. Dramatikerin.

Schriften: Der verlorene Silbergulden, 1933; Frau Holde (Singsp.) 1934. IB

Heimesfurt → Konrad von Heimesfurt.

Heimfelsen, J. (Sepp) (Ps. f. Joseph Kerausch [-Heimfelsen]), * 19. 8. 1859 Imst/Tirol, † 12. 11. 1934 Innsbruck; bis 1900 Berufsoffizier, seit 1904 Journalist in Riva/Gardasee, seit 1909 Red. d. «Sarajewoer Tagbl.», n. 1918 freier Schriftst. in Innsbruck.

Schriften: Andreas Hofer. Zeitbild aus den Tiroler Befreiungskriegen in vier Acten, 1893; Die

Großberghofer. Volksstück mit Gesang, 1895; Zu spät! (modernes Dr.) 1896; Die Generalshose (Schw.) 1897; Kleine Erzählungen, 1897 (Neuausg. 1907); Abgeschossen (öst. Militärrom.) 1906; Die deutschen Kolonien in Bosnien, 1911; Die sich wiederfinden. Ein Stück aus der völkischen Leidenszeit Tirols, 1922; Das Kreuz am blauen Bande, 1925; Was ich sang und sang, 1925; Auf Irr- und Kreuzwegen (Lebenserinn.) 1935. (Außerdem geogr.-topogr. Schriften).

Literatur: Theater-Lex. 2, 982; ÖBL 3, 296. RM

Heimfried, Hally → Chappuis, Edgar.

Der heimliche Bote, 50 Reimpaare e. dt. Ged.-fragm. aus d. 12. Jh. v. 2 Verf., das mit d. Worten «[ich bin] ein heinlich bote» beginnt u. auf d. 1. Bl. d. mittleren Cod. d. aus 3 Hss. bestehenden Münchener Pergamenths. Clm. 7792 überl. ist. D. 1. Tl. (v. 1. Verf.) umfaßt in d. Form e. Briefes 56 Verse u. lehrt d. Frau, falsche Männer zu meiden. D. 2. Tl. (v. 2. Verf.), e. Sitten- u. Anstandslehre f. Männer d. höf. Gesellsch., gipfelt in d. Aufforderung, d. Welt zu gefallen. O. Fischer (in: ZfdA 48) hält d. 2 Tle. f. nicht zugehörend, während Ehrismann (in: ZfdA 64) an d. Einheitlichkeit d. Ged. festhält. – Die Verf. sind unbek., sie dürften aus Mittel-Dtl. stammen, d. Quellenfrage ist umstritten, vgl. Ehrismann (in: ZfdA 64) u. E. Schröder (in: ZfdA 56).

Ausgabe: H. MEYER-BENEFY, Mhd. Übungsstücke 2, 1921 (u. d. T.: Lehren f. Frauen und Männer).

Literatur: VL 1, 270; de Boor-Newald 2, 394. – E. MEYER, D. gereimten Liebesbriefe d. dt. MA (Diss. Marburg) 1899; H. BRINKMANN, Entstehungsgesch. d. Minnesangs, 1926; J. PURKART, Botenrolle u. Botenlied. E. Beitr. z. Gesch. d. mhd. «Liebesbriefe» (Diss. Univ. of Mass.) 1971; DERS., ~ – Liebesbrief od. Werbungsszene? (in: ABäG 2) 1972; F. v. SPECHTLER, D. Stilisierung d. Distanz. Z. Rolle d. Boten im MA bis Walther u. bei Ulrich v. Liechtenstein (in: Peripherie u. Zentrum) 1971; P. DRONKE, Pseudo-Ovid, Facetus, and the Arts of Love (in: Mittellat. Jb. 2) 1976. (Ferner d. oben erwähnten Aufs. v. Ehrismann, Fischer u. Schröder.) RM

Heimlieb, Otmar → Schönhuth, Ottomar.

Heimo von Michelsberg, † 31. 7. 1139; Kanoniker d. Kirche St. Jakobi in Michelsberg b.

HEINER SCHMIDT

QUELLENLEXIKON zur deutschen Literaturgeschichte

Bibliography of Studies on German Literary History

Personal- und Einzelwerkbibliographien
der internationalen Sekundärliteratur 1945–1990
zur deutschen Literatur von den Anfängen bis zur Gegenwart

Bibliographische Mitarbeit von

Dr. Günter Albrecht, Berlin † - Prof. Dr. Dietrich Aßmann, Järvenpää
Dr. Dietrich Blaufuß, Erlangen - Dr. Margit Bräuer, Berlin
Reinhard Breymayer M.A., Ofterdingen - Dr. Heinz Peter Brogiato, Trier
Prof. Dr. Manuela Gouveia Delille, Coimbra - Karin Dengler, Jerusalem
Akad. Rat Antoinette Fink-Langlois, Straßburg
Dr. Matthias Freudenberg, Erlangen - Dr. Gernot U. Gabel, Köln
Anneliese Globig, Berlin - Prof. Dr. Maria António Hörster, Coimbra
Dr. Markus Hundt, Dresden - Dr. Dieter Ising, Stuttgart - Mayumi Ito, Tokio
Prof. Dr. Jordi Jané, Barcelona - Dr. habil. Rudolf Keller, Erlangen
Dr. Marieke D. Krajenbrink, Amstelveen - Prof. Dr. Mirko Krivokapić, Belgrad
Prof. Dr. Dr. h. c. Antal Mádl, Budapest
Prof. Dr. Theodor Mahlmann, Marburg - Ursula O'Malley M.A., Halle/Saale
Dr. Hanspeter & Karin Marti, Engi - Dr. Michael Pfeiffer, Barcelona
Dr. Werner Raupp, Dußlingen - Ulrich Schäfer M.A., Frankfurt/Main
Prof. Dr. Anna Stroka, Breslau - Dr. Uwe Swarat, Berlin
Prof. Dr. Teruaki Takahashi, Tokio - Prof. David F. Tinsley, Tacoma/USA
Prof. Dr. Jiří Veselý, Prag - Prof. Dr. Alfred Wendehorst, Erlangen
Dr. Karin Wolgast, Kopenhagen - Prof. Dr. Choong Sup Yi, Taegu

Band 12

Hei-Hes

VERLAG FÜR PÄDAGOGISCHE DOKUMENTATION 1997

- p.274-275.
 > Reichel, Jörn: - Enth.in: Killy, Walther (Hrsg.): Literaturlexikon. Bd 5, Gütersloh: Bertelsmann 1990: p.125-126.
 > Trusen, Winfried: (*H's Rechtsauffassung: Kauf auf Wiederkauf*). - Enth.in: Thümmel, Hans-Wolf (Hrsg.): Arbeiten zur Rechtsgeschichte. (Fs.f. Gustaf Klemens Schmelzeisen), Stuttgart: Klett-Cotta 1980: p.347-359.
 > Watanabe, Morimichi: [engl.] (*Früher Humanismus*). - Enth.in: Mahoney, Edward P. (Hrsg.): Philosophy and humanism. (Fs.f. Paul Oskar Kristeller), Leiden: Brill 1976: p.406-422.
 > Wendehorst, Alfred: (*Würdigung*). - In: Fränkische Lebensbilder, Bd 4.1971: p.112-129.

EINZELWERKE

Admonitio de iniustis usurpationibus

- Enth.in: Kindlers neues Literatur Lexikon. Bd 6, München 1989: p.864-865.

Heimburg, Wilhelmine 1850-1912

- = Enth.in: Deutsches Literatur-Lexikon. [Kosch]. (3.Aufl.) Bd 7, Bern: Francke 1979: Sp.680-681.
 - Enth.in: Böttcher, Kurt (Red.): Lexikon deutschsprachiger Schriftsteller. Bd 1, Kronberg: Scriptor 1974: p.341-342. ▶ Deutscher Biographischer Index. (Hrsg.: Willi Gorzny). Bd 2, München: Saur 1986. [Deutsches Biogr. Archiv: Fiche 497/Sp.452].
 > Sagarra, Eda: - Enth.in: Killy, Walther (Hrsg.): Literaturlexikon. Bd 5, Gütersloh: Bertelsmann 1990: p.126.

Heimel, Marie Sidonie 1853-1928

- = Enth.in: Deutsches Literatur-Lexikon. [Kosch]. (3.Aufl.) Bd 7, Bern: Francke 1979: Sp.681.
 - Enth.in: Deutscher Biographischer Index. (Hrsg.: Willi Gorzny). Bd 2, München: Saur 1986. [Deutsches Biogr. Archiv: Fiche 987/Sp.162-164].

De heimelike Passie ons Heeren Ihesu Christi mndl.

- > Ampe, A.: [ndländ.] (*Erläuterungen*). - In: Ons geestelijk erf. Antwerpen, 35.1961: p.186-214; 36.1962: p.353-371 u. 37.1963: p.188-203, 330-343.
 > Ruh, Kurt: - Enth.in: Verfasserlexikon. (Die dt. Literatur des Mittelalters). 2.Aufl. Bd 3, Berlin: de Gruyter 1981: Sp.642-644.

Heimendahl, Eckart geb.1925

- = Enth.in: Deutsches Literatur-Lexikon. [Kosch]. (3.Aufl.) Bd 7, Bern: Francke 1979: Sp.681.

Heimeran, Ernst 1902-1955

- = Enth.in: Deutsches Literatur-Lexikon. [Kosch]. (3.Aufl.) Bd 7, Bern: Francke 1979: Sp.681-683.
 ▶ Handbuch der deutschen Literaturgeschichte, Abt.2: Bibliographien. Bd 11, Bern: Francke 1974: p.60.
 ▶ Intern. Bibliographie zur Geschichte der dt. Literatur von den Anfängen bis zur Gegenwart. Bd II/2, München: Verlag Dokumentation 1972: p.296. ▶ Köttelwesch, Clemens (Hrsg.): Bibliographisches Handbuch der deutschen Literaturwissenschaft. Bd 2: 1945-1972, Frankfurt/M.: Klostermann 1976: Sp.1667. ▶ Wiesner, Herbert u.a.: Bibliographie der Personalbibliographien zur dt.Gegenwartsliteratur, München: Nymphenburger Verlagshandlung 1970: p.139.
 > Haacke, Wilmont: - Enth.in: Neue Deutsche Biographie. Bd 8, Berlin: Duncker & Humblot 1969: p.275-276.
 > Hönes, Winfried: - Enth.in: Killy, Walther (Hrsg.): Literaturlexikon. Bd 5, Gütersloh: Bertelsmann 1990: p.126-127.
 > Lennartz, Franz: - Enth.in: F.L.: Deutsche Schriftsteller des 20. Jahrhunderts im Spiegel der Kritik. Bd 2, Stuttgart: Kröner 1984: p.699-700.
 > Lissner, Erich: (*Nachruf*). - In: Börsenblatt für den Deutschen Buchhandel. Frankfurt/Main, 11.1955: H.47, p.377.
 > Rohlf, Eckart: (*Nachruf*). - In: Zeitschrift für Musik, 116.1955: p.341-342.
 > Schallinger, H.: (*Nachruf*). - In: Das Antiquariat, 11.1955: p.161-162.
 > Schneider, Georg: - Enth.in: Buhl, Wolfgang (Hrsg.): Fränkische Klassiker, Nürnberg: Nürnberger Presse 1971: p.723-732.
 > Ude, Karl: (*Kurzporträt*). - In: Welt und Wort. Tübingen, 3.1948: H.2, p.42-44.

EINZELWERKE

Frühling, Sommer, Herbst und Winter

- Enth.in: Der Romanführer. Bd IV, Stuttgart: Hiersemann 1953: p.306.

Grundstück gesucht

- Enth.in: Der Romanführer. Bd IV, Stuttgart: Hiersemann 1953: p.305.

Heimerdinger, Friedrich 1817-1882

- = Enth.in: Deutsches Literatur-Lexikon. [Kosch]. (3.Aufl.) Bd 7, Bern: Francke 1979: Sp.683.
 - Enth.in: Deutscher Biographischer Index. (Hrsg.: Willi Gorzny). Bd 2, München: Saur 1986. [Deutsches Biogr. Archiv: Fiche 498/Sp.10].

Heimerich, Alexander um 1795-nach 1824

- = Enth.in: Deutsches Literatur-Lexikon. [Kosch]. (3.Aufl.) Bd 7, Bern: Francke 1979: Sp.683. ▶ [Goedeke: Grundriß], siehe: Rambaldo, Hartmut: Index, Nendeln: Kraus 1975.

Reinhard Würffel

LEXIKON DEUTSCHER VERLAGE
von A – Z

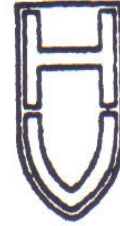
1071 Verlage und 2800 Verlagssignete
vom Anfang der Buchdruckerkunst bis 1945
Adressen – Daten – Fakten – Namen

Verlag Grotesk Berlin
verlegt im Jahre 2000

Daneben wurde eine **Heerschild-Bücherstube**, rechtswissenschaftliche Fachbuchhandlung betrieben.

Am 17. 2. 1936 meldete die Firma Konkurs an.

1949 wurde nach einem mangels Masse eingestellten Konkurs die Firma aus dem Handelsregister gelöscht.



HEGEL & SCHADE Verlagsbuchhandlung

Siehe bitte unter ↗Dürsche Buchhandlung

JAKOB HEGNER Verlag

Siehe bitte ↗HELLERAUER VERLAG Jakob Hegner

ERNST HEIMERAN Verlag

München, 1922 – ca. 1980er Jahre

Zum 25. 10. 1922 liess **Ernst Heimeran** (*19. 6. 1902 – †31. 3. 1955) in München den Verlag seines Namens ins Handelsregister eintragen.

Der Verlagssitz befand sich in der Dietlindenstrasse 14.

Seine erste Verlagstätigkeit begann jedoch schon mit 15 Jahren, als er als Schüler mit einigen Kameraden die Zeitschrift „Der Zwiestrolch“ herauszugeben begann. Sie existierte drei Jahre und konnte die Auflage von 50 auf 2000 Exemplaren steigern.

In der Gründungsanzeige im Börsenblatt des deutschen Buchhandels vom 20. 12. 1922 wurde mitgeteilt, dass „Zweisprachige Taschenausgaben antiker Autoren“ das Verlagsgebiet sein würden, und Horaz, Petron, Plutarch, Tibull in Vorbereitung wären. So erschien zu Ostern 1923 der erste Titel *Oden und Epoden*, dem bis 1980 um die 60 Titel folgten: Linke Seite der Originaltext und rechts die deutsche Übersetzung.

Eines der ersten Verlagswerke war von Ernst Penzoldt *Der Gefährte*, ein Gedichtband, dann die *Shakespeare-Schildereien* – eine einmalige handsignierte Auflage von 100 Exemplaren mit sechs Kaltnadel-Radierungen.

Da mit diesem Programm schwerlich ein Verlag existieren konnte, schrieb Heimeran selbst einige humorvolle Werke u. a. über das Büchermachen und seinen Weg zur Liebhaberverlegerei bis zum „ordnungsgemässen Beruf“.

Später folgten die Reihe „Haus und Familie“, Musikthemen, Kuriosa, Kulturgeschichte und Kochbücher.

Heimeran pflegte mit dem Spruch zu scherzen „seine besten Bücher kommen von und bei Heimeran“. Heimeran war sein eigener Verlagsvertreter. Darüber berichtete er in seinem kleinen, humorigen, 1947 natürlich bei Heimeran erschienenen Werk *Der Verlagsvertreter*.

1942 erschien von seiner Frau Heimeran-Diethelm das Kochbuch *Mit Tomaten und Parmesan*. Das Neue daran war das Querformat, das sich nach dem Krieg zum Bestseller mit über 2 Millionen verkauften Exemplaren entwickeln sollte.

Ein weiterer Heimeran-Bestseller wurde das Malanleitungsbuch *Punkt, Punkt, Komma, Strich* von Hans Witzig. Ein weiteres schönes Werk sei erwähnt, die von F. E. Mencken gesammelten *Kinderbriefe aus sechs Jahrhunderten*.

Die zweisprachige Reihe antiker Autoren in der „Tusculum Bücherei“ wuchs zu ansehnlicher Grösse heran. Daneben erschienen in den „Tusculum Schriften“ Monographien zur Antike. 1969 wurde die Reihe „Dichter über ihre Dichtungen“ ins Leben gerufen.

1922



1937



1952



Die Bände enthalten Äusserungen von Dichtern über ihre Werke wie z. B. Kafka, Kleist, Heine, Grillparzer oder Schiller, die zugleich namhafte Wissenschaftler editierten.

Eine zweisprachige zehnbändige Ausgabe sämtlicher Werke und Briefe von Charles Baudelaire erschien unter den Herausgebern Friedhelm Kemp, Robert Kopp und Claude Pichois.

1969 wurde die Verlagsabteilung Kochbuch herausgelöst und als eigenständiger Verlag unter der Firmierung **Kochbuchverlag Heimeran KG** gegründet.

Zum 1. Januar 1981 übernahm diesen Verlag die 1946 gegründete **BLV Verlagsgesellschaft mbH** in München.

Nach Heimerans Tod führte die Witwe **Margrit Heimeran** den Verlag, bis sie ihn 1967 ihrem Sohn **Till Heimeran** (*1938) übergab.

Dieser verkaufte zum 25. September 1980 den Verlag mit der „Tusculum-Bücherei“ und dem Musikprogramm an **Artemis & Winkler** in München, während Heimerans eigene Werke, die Editionen Baudelaire und Saint-John Perse an den Hanser-Verlag in München übergingen. Die Bavarica, die Spielebücher, Reisebücher und die Werke von Joseph Wechsberg übernahm der Verlag Heinrich Hugendubel in München.

Daraufhin erlosch der Verlag Heimeran zum 1. 1. 1981.

HEINRICHHOFEN's Verlag

Wilhelmshaven, 1797

Am 27. 11. 1797 wurde von **Georg Christian Keil** die **Keilsche Buchhandlung** in Magdeburg gegründet.

Zur selben Zeit trat auch **Gottfried Wilhelm Theodor Heinrichshofen** (*4. 3. 1780 – †1881) als Lehrling in das Geschäft ein.

Im Jahre 1800 bezog die Firma das Haus Breiteweg 171–172, das bis zum 2. Weltkrieg der Firmensitz bleiben sollte.

Durch testamentarische Verfügung konnte Heinrichshofen nach Keils Tod dessen Geschäft als Alleininhaber übernehmen.

Er verstand es, sein Haus zum Mittelpunkt der geistigen und künstlerischen Interessen in Magdeburg zu machen.

Die berühmtesten Künstler wie Paganini, Lortzing, Liszt, Wagner und Rubinstein verkehrten bei ihm. 1821 richtete Heinrichshofen das „Deutsche Musikfest“ aus. Ihm war auch in jener Zeit die Blüte der städtischen Oper und des Theaters zu verdanken. Dies führte zum Ausbau einer Konzertagentur.

Die Verlagsbuchhandlung erweiterte er 1860 um eine Kunsthandlung und Gemäldegalerie.

Der Verlag pflegte besonders das theologische und philosophische Gebiet und begann etwa ab 1821 zielstrebig Bücher über Musik zu veröffentlichen, bis diese Richtung der Schwerpunkt des Verlagsprogramm wurde.

1840 trat Heinrichshofens Sohn **Theodor Heinrichshofen** in das Geschäft ein, dem ab 1884 der Bruder **Adalbert Heinrichshofen** (*18. 6. 1859 – †23. 10. 1932) als Teilhaber zur Seite trat. Nach dem Austritt des Vaters 1890 nahm er den bisherigen Prokuristen **Hermann Bach** als Teilhaber auf, der 1910 ausschied.

1890 wurde dem Geschäft eine Pianofortehandlung angegliedert, die speziell die Firmen J. Blüthner und Steinways & Sons vertrat.

Durch den Erwerb verschiedener Verlage wurde Heinrichshofen zu einem der führenden Musikverlage Deutschlands. So wurden 1901 der Verlag Max Schimmel, 1864 in

1922



L

Heimeran, Ernst

Michelangelo und das Porträt.

München: Druckmann 1925. 109 S., 2 Taf.
8°

67.3696

HH.B:1
433

Heimeran, Ernst

Glückwunsch für alle Gelegenheiten. Gesammelt und verlegt von Ernst Heimeran. (4.-6. Aufl.)

München: Heimeran (1935), 94 S. 8°

Heimeran, Ernst

L:Kps.8°

Spruch und Widerspruch.

München: Heimeran [1938]. 7 ungez. Bl. 8°
(Neujahrsgabe. 5.)

82.1254 gk d

5/1

Heimeran, Ernst

L

Der Vater und sein erstes Kind. (Zeichn. Fritz Fliege([d.i. Ernst Penzoldt]). 10. Aufl.)
München: Heimeran (1943). 109 S. 8°

67.3325

[1937]

Heimeran, Ernst

L

Der Vater und sein erstes Kind. (31.-35.
Taus.)

München: Heimeran (1940). 117 S. 8°

T 89.3055 d 4/1

Heimeran, Ernst

L

Anstandsbuch für Anständige. Vom Gestern und Heute
des guten Tons. Enthaltend: Freimütige Betrachtungen
über den Anstand von heute. Viele wohlgeordn.
Zitate und Bilder aus Anstandsbüchern des
15.-20. Jahrhunderts. Verz. von 200 Quellenwerken
zur Anstandsgeschichte. (3. Aufl.)
[München:] Heimeran (1944). 197 S. 8°

G 78.2225

(1)

[1946]

Heimeran, Ernst

L

Grundstück gesucht. Ein Traum und seine
Wirklichkeit. (Ungek. Ausg.)
(München:) Deutscher Taschenbuch Verl.
(1992). 180 S. 8°
(dtv. 25066: Großdruck.)
ISBN 3-423-25066-6

G 92.2023

3/1

J.P.A.

Heimeran, Ernst

Gute Besserung. Frohe Stunden eines Patienten
Zürich: Arche (1946).
(Die kleinen Bücher der Arche.)

Heimeran, Ernst

Glück: L

Gute Besserung. Frohe Stunden eines Patienten.
(Neuaufkl.)

Zürich: Verl. der Arche (1966). 79 S. 8°
(Die kleinen Bücher der Arche. 30/31.)

Mit gedr. Widmung an Hans Diethelm.
Die 1. Ausgabe erschien 1946.

FG 12250

d ● 4/1

Heimeran, Ernst

Ma 2.12
29

Büchermachen. Geschichte eines Steckenpferdes.
(Umschlag- und Titelzeichnung von Ernst Penzoldt.)
München: Heimeran (1947). 64 S., 2 Bl. Abb. 8°

73.4881

d ● B L

5/2

[1950]

Heimeran, Ernst

L

Frühling, Sommer, Herbst und Winter. ([4 Geschichten]
Hrsg. von Margrit Heimeran.)
(München, Wien:) Hanser (1981). 151 S. 8°

Die 1. Ausgabe erschien 1950.

81.3977

gk ● 4/1

L

Heimeran, Ernst

Die lieben Verwandten. Fünfzehn kleine
Charakterbilder. (12. Aufl.)
München: Heimeran 59 S. 8°

Mit hs. Widmung d. Verf. an Martin Knapp
[1950]

70.1963

[1954]

Glück: L

Heimeran, Ernst

Lehrer, die wir hatten. (50.-55. Taus.)
(München:) Heimeran (1959). 126 S. 8^o

Die 1. Ausgabe erschien 1954.

FG 12251

3/1

[1955]

J.P.A.

Heimeran, Ernst

Sonntags-Gespräche mit Nele. (Ill. von Lucie
Orel.)
[München:] Heimeran 1955. 104 S. 8^o

(1) L

[1955]

L

Heimeran, Ernst

Sonntagsgespräche mit Nele. (Hrsg. von Margrit
Heimeran.)
(München, Wien:) Hanser (1981). 147 S. 8^o

Die 1. Ausgabe erschien 1955.

81.3979

3/1

[1955]

L

Heimeran, Ernst

Sonntagsgespräche mit Nele. Hrsg. von
Margrit Heimeran. (Ungekürzte Ausg.)
(München:) Deutscher Taschenbuch Verl. (1991).
125 S. 8^o
(dtv. 25055: großdruck.)

c 91 2063

3/1

L

Heimeran, Ernst

Von Büchern und vom Büchermachen.
Mit einem Nachw. von Herbert G. Göpfert.
München-Pullach: Verl. Dokumentation
(1968). 194 S. 8^o

69.13

Heimeran, Ernst

L

Büchermachen. Geschichte eines Verlegers
von ihm selbst erzählt. Mit 16 Abb. im Text
4 Taf. und dem chronolog. Verz. sämtl.
Verlagswerke bis 1972. (4. Aufl.)
[München:] Heimeran (1972). 96 S. 8^o

G 89.3462

L

Heimeran, Ernst

Die fürchterlichste Klasse. Eine Zeitgeschich-
te von Schülern und Lehrern.
[München:] Heimeran. (1971). 164 S. 8^o

72.2465

(1)

L

Heimeran, Ernst

Emmeran. Kindheit und Jugend eines Heiligen.
(München:) Heimeran (1972), 155 S. 8^o

72.2454

(1)

Heimeran, Ernst

L

Schüler, die wir waren. (Hrsg. von Margrit
Heimeran.)
(München, Wien:) Heimeran (1981). 144 S. 8°

81.3978 a

4/1

Heimeran, Ernst

L

Christiane und Till. ([Erzählende Prosa] Hrsg.
von Margrit Heimeran.)
(München, Wien:) Hanser (1982). 139 S. 8°

82.2649 gk

4/1

Heimeran, Ernst

L

Die brotlosen Künste. (Hrsg. von Margrit
Heimeran.)
(München, Wien:) Hanser (1986). 127 S. 8°

86.1013

3/1

D 3

Heimeran, Ernst

Die Eltern. Umgang mit Literatur-
geschichte. Das verkannte Antiqua-
rium. [Prosastücke]

In: Haacke, Die Luftschaukel. Ber-
lin 1939. S.157-168.

C 2

Heimeran, Ernst

Der Mut zur Jugend. [Über Artur Kutscher.]

In: Für Artur Kutscher. Düsseldorf 1938.
S.229-30.

LL

Heimeran, Ernst

Erste Begegnung [mit Peter Dörfler].

In: Peter Dörfler zum 50. Geburtstag.
München 1928. S. 42-43.

Y

Heimeran, Ernst

Die Argonauten in München. [Über das Kabarett]
In: Die literarische Welt 2 (1926), Nr.29, S.3.

D 3

Auskunft eines jeden

Auskunft eines jeden über sich.
[Mit Beitr. von Ernst Heimeran.]
In: Haacke, Die Luftschaukel. Berlin
1939. S.461-471.

Y

Heimeran, Ernst

Der ungarische Gast. [Erzählung]
In: Europäische Literatur 2 (1943), Nr.6, S.18-19.

Y

Heimeran, Ernst

Ueber das Öffnen von Sardinenbüchsen.
[Humorvolle Plauderei]
In: Du 7(1947), H.11, S.65-66.

L

Y

Heimeran, Ernst

Kleine Station. Hans Diethelm zum Ge-
denken. (Eine Weihnachtsgeschichte)
In: Du 7(1947), H.12, S.27-28.

T.

Y

Heimeran, Ernst

Der Weihnachtsbrief. Aus den Aufzeichnungen
eines Genesenden. [Prosa]
In: Die Erzählung 1 (1947), H.12, S.13-15.

Y

Heimeran, Ernst

Scherben bedeuten Glück. [Skizze]
In: Du 8(1948), H.5, S.69-70.

L

Y

Heimeran, Ernst

Lebensrezept einer Großmutter. [Erzählung.]
In: Die Erzählung 2 (1948), H.11, S.3-5.

Y

Heimeran, Ernst

[Antwort auf eine Umfrage über] Bleibende
deutsche Literatur in den letzten zwanzig
Jahren.
In: Prisma 2 (1948), H. 19/20, S. 47-48.

Y

Heimeran, Ernst

O Schnitzlein! Eine Verlags-Idylle.
In: Du 9(1949), H.4, S.90.

L

Y

Heimeran, Ernst

Das Bild des Stifters. Eine heitere
Erzählung.
In: Die Erzählung 3 (1949), H.3, S.19-22.

Y

Heimeran, Ernst

Wie stehn Sie zur modernen Kunst?
/Antwort auf eine Umfrage/
In: Thema 1949, H.6, S.21.

X

Heimeran, Ernst

Kleine Station. [Erzählung]
In: Westermanns Monatshefte 90 (1949/50),
H. 9, S. 6-12.

Heimeran, Ernst

Über das Öffnen von Sardinenbüchsen.
Aus dem Powenzarchiv.
In: Die Brigantine. Ein Almanach [Dulk]
a.d.J. 1950, S. 26-30.

X

Heimeran, Ernst

Frühlingssonate. [Erinnerung]
In: Westermanns Monatshefte 91 (1950/51),
H. 1, S. 17-26.

L

X

Heimeran, Ernst

Über die Geburt von Geburtsanzeigen.
[Prosa]
In: Westermanns Monatshefte 91 (1950/51),
H. 4, S. 45-47.

L

X

Heimeran, Ernst

Apfelkantate. [Erzählung]
In: Westermanns Monatshefte 91 (1950/51),
H. 6, S. 23-27.

X

Heimeran, Ernst

Weihnachtliches München. [Plauderei]
In: Westermanns Monatshefte 91 (1950/51),
H.9, S.67-70.

L

T

X

Heimeran, Ernst

Es wird schon heller. Ernst Heimeran zu
seiner neuen Erzählung.
In: Westermanns Monatshefte 91 (1950/51),
H.10, S.82.

2x L

X

Heimeran, Ernst

Es wird schon heller. Erzählung.
In: Westermanns Monatshefte 91 (1950/51),
H.11, S.5-12.

L

X

Heimeran, Ernst

Es wird schon heller. Erzählung. (Schluß)
In: Westermanns Monatshefte 91 (1950/51),
H.12, S.29-38; 57-64.

X

Heimeran, Ernst

Die Festwiese. [Plauderei]

In: Westermanns Monatshefte 92 (1951/52),
H.5, S.43-49.

L

X

Heimeran, Ernst

Ein neues Bilderbuch. [Zu Ilse Firbas,
Malbuchgeschichten. Mit Bildern von Heinz
Kiessling. Braunschweig.]

In: Westermanns Monatshefte 92 (1951/52),
H.6, S.88-89.

L

X

Heimeran, Ernst

Hochzeitsanzeigen. [Plauderei]

In: Westermanns Monatshefte 92 (1951/52),
H.7, S.49-52.

L

X

Heimeran, Ernst

Station im Herbst. [Plauderei]

In: Westermanns Monatshefte 92 (1951/52),
H.8, S.47-48.

X

Heimeran, Ernst

Altern ein Genuß. [Plauderei]

In: Westermanns Monatshefte 92 (1951/52),
H.9, S.28-30.

L

X

Heimeran, Ernst

Eine Tür steht offen. Erzählung.

In: Westermanns Monatshefte 92 (1951/52),
H.10, S.17-22.

L

X

Heimeran, Ernst

Ernst Penzoldt. Zum 60. Geb.

In: Freude an Büchern 3 (1952), S.
131-132.

X

Heimeran, Ernst

Ich mache meine Bücher selbst.

In: Freude an Büchern 3 (1952), S. 132-133.

X

Heimeran, Ernst

Die Kunst, ein schlechtes Gedächtnis zu haben. [Plauderei]
In: Westermanns Monatshefte 93 (1952/53), H.1, S.32-34.

L

X

Heimeran, Ernst

Kleiner Rat vor dem Spiegel. [Plauderei]
In: Westermanns Monatshefte 93 (1952/53), H.5, S.49-50.

L

X

Heimeran, Ernst

Die Schiebetür. [Erzählung]
In: Westermanns Monatshefte 93 (1952/53), H.9, S.55-56.

L

X

Heimeran, Ernst

Soll man Liebesbriefe verbrennen ?
[Plauderei]
In: Westermanns Monatshefte 93 (1952/53), H.10, S.72-73.

Heimeran, Ernst

Amali. /Erinnerung/

In: Erfülltes Leben. Bremen-Horn 1953.
S.120-23.

X

Literatur-Prognose

Literatur-Prognose 1953. [Mit
Beitr. von Ernst Heimeran ...]
In: Freude an Büchern 4 (1953),
S.2-4.

X

Heimeran, Ernst

Der Postmeister von Varigotti. [Erzäh-
lung]
In: Westermanns Monatshefte 94 (1953),
H.7, S.36-38.

L

D 3

Heimeran, Ernst

Sardinendosen öffnen. [Prosa]
In: Rasche, Almanach der Hannover-
schen Presse für das Jahr 1954.
S.110-112.

X

Heimeran, Ernst

Immortellen für Schuster. [Erinnerung.
Vorabdruck aus "Lehrer die wir hatten".]
In: Westermanns Monatshefte 95 (1954),
H.5, S.12-14.

L



1

X

Heimeran, Ernst

Die Schranke. Erzählung.
In: Westermanns Monatshefte 96 (1955),
H.4, S.5-7.

L



X

Heimeran, Ernst

Die Karten lügen nicht. [Erinnerung]
In: Westermanns Monatshefte 96 (1955),
H.6, S.60.

L



1

D 3

Heimeran, Ernst

München, die frohe Stadt.
In: Birkenfeld, Heimat. Herrenalb 1965.
S. 460-465.



Heimeran, Ernst

B 3

Dem Freunde Numa Tétaz - Zürich als erster
ins Gästebuch. [Gedicht mit Faks.]
In: Fränkische Dichterhandschriften.
Gerabronn 1965, S. 42-43.

Heimeran, Ernst

B 4

Kleine Geschenke. [Betrachtung]
In: Von den Büchern. Ein Almanach für die
Freunde der Buchhandlung Claus Lincke.
1971. S. 78-79.

A7 Herausgegebene
Werke
(alphabet.)

D 1

Heimeran, Ernst [Hrsg.]

Das Buch als Freund. Hrsg. von Ernst
Heimeran. (Umschlagzeichn. u. Vignetten
von Ernst Penzoldt).

Leipzig: Verl. d. Börsenvereins [1925].
62 S. 8^o

[Umschlagt.]

Mit hs. Widmung d. Hrsg. an Martin Knapp

70.1940

Heimeran, Ernst [Hrsg.]

Ma 2.11
49

Das Buch als Freund. Hrsg. von Ernst Heimeran.
(Umschlagzeichnung und Vignetten von Ernst
Penzoldt.)
Leipzig: Börsenverein der Deutschen Buchhändler
[1925]. 64 S. 8° [Umschlagt.]

73.4760

2d

B

L

6/2

Heimeran, Ernst

[Hrsg.]

D 1

Hinaus in die Ferne mit Butterbrot und Speck.
Die schönsten Parodien auf Goethe bis George.
Nebst einem Kapitel zeitgenössischer Selbst-
parodien und einem Bilderanh.
[München:] Heimeran (1943). 276 S. 8°

84.310

2d gk

7/2

C L

Heimeran, Ernst

[Hrsg.]

D 1

Trostbüchlein in allen Lebenslagen. 350 tröst-
liche Anekdoten, Gedichte, Sinnsprüche aus deut-
schen Schriften gezogen von Ernst Heimeran.
(61. Aufl.)
München: Heimeran (1943). 126 S. 8°

82.3437

2d gk

7/2

L

Heimeran, Ernst

L

Vom Schreiben, Lesen, Büchermachen. (Hrsg. von
Margrit Heimeran.)
(München, Wien:) Hanser (1983). 135 S. 8°

B 4

Steiger, Wilhelm

Erinnerungen eines simplen Buchhändlers.
(Mit einem Nachw. von Ernst Heimeran).
Köln, Krefeld: Staufeu-Verl. (1950). 277 S.
8°

68.1400

X

Zwiestrolch

Der Zwiestrolch. ([Jg 2, Nr 1-3: Zeitlos
Tendenzlos; Jg 3: Schrift jugendl.
Offenbarung].Hrsg.v.Ernst Heimeran.)
Jahr
Helmbrecht : Saalfrank jr.
[Jg 3: Regensburg: Verl.Der Weiße Ritter]

8°

2.[1918] H.1/2/3,
3.[1919] H.1-5[/6]

Heimeran, Ernst / A0 / Literatur ÜBER (vor 1999 erfaßt)

Kette:



* 7 7 0 7 8 *

Kartentyp:



* S Y *

Job: ueber-L-003

Notation: L/B4V, Karte: 16229

Datum: 14.12.2004 13:15

X

Kunze, Horst

Meine Erinnerungen an Ernst Heimeran.
In: Marginalien (1992), Nr. 128, S.13-20.

L/B

- 1 Forschung
- 2 Allgemeine Darstellungen
- 3 Biographie
- 4 Lebensbeziehungen
- 5 Zur Person
- 6 Bildungswelt
- 7 Weltbild
- 8 Werk
- 9 Wirkungsgeschichte

Ude, Karl

Y

Ernst Heimeran.

In: Welt und Wort 3 (1948), S. 42-44.

Goes, Albrecht

X

Freundlicher Zuruf für einen Verleger.

[Würdigung von Ernst Heimeran]

In: Deutsche Beiträge 4 (1950), S. 77-80.

Hoemberg, Hans

X

Eih Meister vom sanften Witz: Ernst
Heimeran.

In: Freude an Büchern 3 (1952), S. 237-
238.

Heimeran Ernst gestorben

X

Ernst Heimeran [gestorben]

In: Deutsche Rundschau 81 (1955), S.
743-744.

Sch., E.

X

In memoriam Ernst Heimeran.

In: Neue Deutsche Literatur 3 (1955),
H. 7, S. 165

Sueskind, W.

E.

X

Ernst Penzoldt. (1892-1955). Ernst Heime-
ran. (1902-1955). [2 Nachrufe]
In: Jahresring 1955/56, S. 325-329.

Schneider, Georg

C 4

Ernst Heimeran, 1902-1955. [Porträt]
In: Wolfgang Buhl, Fränkische Klassi-
ker. Nürnberg 1971. S. 723-732.

L

Sueskind, Wilhelm Emanuel

Ernst Penzoldt. 14.6.1892 - 27.1.1955.

Ernst Heimeran. 19.6.1902 - 31.5.1955.

[Nachruf. Erstabdr. Jahresring 55/56. Von]
W.E. Süskind.

In: Süskind, Gekannt, verehrt, geliebt.
München 1969. S.127-133.

L

L L+B

B 6 Bildungswelt

- 6.0 Allgemeines
- 6.1 Antike
- 6.2 Sprache und Literatur
- 6.3 Theater
- 6.4 Bildende Kunst
- 6.5 Musik
- 6.6 Philosophie
- 6.7 Religion
- 6.8 Wissenschaften

Y

Adolph, Rudolf [Rez.]

"Wie die Sammlung Heimeran in die Vadiana kam". [Zu:] Hans Fehrlin, Wie die Sammlung [Ernst] Heimeran in die Vadiana kam. St.Gallen 1956.

In: Börsenblatt f.d.dt. Buchhandel
(Frankfurt/M.) 13 (1957), S.70.
(Aus dem Antiquariat 1)

L

- 8.1 Grundprobleme
- 8.2—8.6 Einzelne Werke
- 8.7 Übersetzungen / Herausgegebene Werke
- 8.8 Briefe und Tagebücher
- 8.9 Nichtliterarische Produktion

X

Karsten, Joachim [Rez.]

Heimerans Steckenpferd-Sammlung. [Sammelbesprechung]

In: Westermanns Monatshefte 93 (1952/53),
H.12, S.93-94.

L'

X

Heimeran, Ernst

Es wird schon heller. Ernst Heimeran zu seiner neuen Erzählung.

In: Westermanns Monatshefte 91 (1950/51),
H.10, S.82.

2x L

Boekhoff, Hermann [Rez.]

X

Ernst Heimerans Familienalbum. [Zu Ernst Heimeran, Familienalbum. München 1952.]
In: Westermanns Monatshefte 93 (1952/53),
H.7, S.88.

L?

L

1

Boekhoff, Hermann [Rez.]

X

Ein neuer Heimeran. [Zu Ernst Heimeran,
Grundstück gesucht. München 1950.]
In: Westermanns Monatshefte 91 (1950/51),
H.9, S.88.

L?

L

1

Pech, Hans [Rez.]

Y

Ein neues Trostbüchlein. [Über Ernst Heimeran:
Trostbüchlein in allen Lebenslagen.]
In: Das deutsche Wort (Die literarische Welt) 10
(1934), Nr.45, Beiblatt: Das lebendige Buch, S.4.

Rauch, Karl [Rez.]

Y

Alter und neuer Humor. [Über...Ernst Heimeran:
Unfreiwilliger Humor...]
In: Das deutsche Wort (Die literarische Welt) 11
(1935), Nr.19, S.9-10.